

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
OPÇÃO: LINGÜÍSTICA APLICADA

O BILINGÜISMO  
EM ÁREAS URBANAS  
DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ:  
UM ESTUDO EM JARAGUÁ DO SUL

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULINO VANDRESEN  
MESTRANDA: MARIA ELAINE ESTIVALÉT STEINER

FLORIANÓPOLIS, S.C., NOVEMBRO DE 1988

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção  
do grau de

MESTRE EM LETRAS

na área de Lingüística Aplicada ao Ensino e aprovada em  
sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras-  
Lingüística.

Maria Marta Furlanetto

Profa.Dra. Maria Marta Furlanetto  
Coordenadora do Curso de  
Pós-Graduação em Letras-Lingüística

ORIENTADOR:

Paulino Vandresen

Prof. Dr. Paulino Vandresen

BANCA EXAMINADORA:

Paulino Vandresen

Prof. Dr. Paulino Vandresen

Giles Lotter Istre

Prof. Dr. Giles Lotter Istre

Oswaldo A. Furlan

Prof. Dr. Oswaldo Antônio Furlan

## AGRADECIMENTOS

ao meu orientador

ao meu marido

aos colegas do Projeto de Bilingüismo

a Iris

à Prefeitura de Jaraguá do Sul

a todos os meus informantes

a todos aqueles que colaboraram comigo

Peço perdão às famílias de Jaraguá do Sul, que me acolheram em seus lares com tanto calor, por transformá-las, em nome da ciência, em simples "informantes" sem nome e por transformar suas informações, prestadas com tanto carinho, em frios e impessoais números de estatística.

"Viele sprechen nur noch gebrochenes Deutsch....  
Man spricht immer beide Sprachen zusammen...  
... so richtiges Kauderwelsch!"  
(depoimento de um informante)



## RESUMO

Grande é o contingente de descendentes de imigrantes alemães espalhados pelo estado de Santa Catarina. Em várias regiões, a língua de origem ainda é usada para comunicação, além do português, originando uma situação de bilingüismo. Jaraguá do Sul é uma comunidade formada a partir da colonização alemã, onde ainda é verificado bilingüismo em boa parte da população, a despeito de seu processo de urbanização e industrialização.

O presente estudo inicia com uma rápida caracterização da comunidade de Jaraguá do Sul em seu desenvolvimento histórico, aspectos geográficos, econômicos, educacionais e culturais, além de um breve comentário sobre a composição étnica da população. A seguir, é apresentado o referencial teórico que norteou a pesquisa, nos aspectos que concernem ao conceito de bilingüismo, aos processos envolvidos na mudança de código e aos métodos de análise das redes de comunicação.

Através de pesquisa desenvolvida em três etapas, procurou-se caracterizar o uso das duas línguas na área urbana de Jaraguá do Sul. Na primeira etapa, buscou-se dados estatísticos a partir de uma população de amostragem, constituída de alunos de 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> série. Obteve-se uma idéia geral da situação de uso do alemão e português por parte dos alunos e com relação ao desempenho lingüístico de seus pais.

Na segunda fase da pesquisa, utilizou-se o modelo de análise das redes de comunicação, a fim de avaliar os padrões que determinam as escolhas lingüísticas. Desta vez, buscou-se dados junto a seis famílias, representadas em três gerações, o que permitiu a observação dos componentes sincrônico e diacrônico dentro do processo de mudança lingüística.

Foram considerados fatores sociodemográficos, tais como mobilidade espacial, profissão, grau de escolaridade e exposição aos meios de comunicação de massa, os quais podem levar a um maior uso da língua portuguesa. Caracterizando as redes de comunicação de cada informante, foi possível avaliar os padrões de escolha das línguas, conforme o interlocutor, dentro da rede familiar, social e de relações preferenciais. Foram consideradas as variáveis sexo, idade e confissão religiosa como fatores de influência nos padrões de escolha.

Caracterizada a situação de mudança lingüística, buscou-se, na terceira etapa de pesquisa, analisar o vocabulário do falar alemão local, no que diz respeito à formação lexical de empréstimos do português e de neologismos.

Por fim, são apresentadas sugestões para aplicação dos resultados obtidos no ensino do alemão como língua estrangeira e possibilidades para trabalhos futuros, considerando-se que o campo da pesquisa sociolingüística relativa às comunidades bilíngües em Santa Catarina ainda apresenta vastas áreas a serem exploradas.

### ZUSAMMENFASSUNG

Beträchtlich ist das Kontingent der über das Bundesland Santa Catarina verstreuten Nachfahren deutscher Einwanderer. Außer dem Portugiesischen wird in so manchen Gebieten noch die einstige Ausgangssprache für die Kommunikation gebraucht, was eine Situation der Zweisprachigkeit bedingt. Jaraguá do Sul ist eine aus der deutschen Kolonisierung hervorgegangene Gemeinde, wo die Zweisprachigkeit noch in großen Teilen der Bevölkerung nachweisbar ist, und dies trotz des dortigen Urbanisierungs- und Industrialisierungsprozesses.

Die vorliegende Arbeit beginnt mit einer kurzen Charakterisierung der Örtlichkeit von Jaraguá do Sul sowie deren historischer Entwicklung und bezieht – neben einer knappen Beschreibung der ethnischen Zusammensetzung seiner Bevölkerung – geografische, wirtschaftliche, kulturelle und Aspekte des Schulwesens ein. In der Folge werden die theoretischen Grundlagen erörtert, welche die vorliegende Forschung bestimmten, und zwar unter dem Gesichtspunkt des Phänomens der Zweisprachigkeit, der den Wechsel von einem Code zum andern begleitenden Prozesse und der Analyseverfahren hinsichtlich der Kommunikationsnetze.

Über die in drei Etappen erfolgte Forschung ist der Versuch unternommen worden, den Gebrauch der beiden im Stadtbereich von Jaraguá do Sul gesprochenen Sprachen zu kennzeichnen. In der ersten Etappe wurden statistische Daten auf der Basis von Stichproben in der Bevölkerung erhoben, welche sich aus Schülern des 5. bis 8. Schuljahrs zusammensetzten. Dabei gelang es, einen allgemeinen Überblick hinsichtlich der Frage nach dem Gebrauch des Deutschen und Portugiesischen auf Seiten der Schüler, aber auch bei deren Eltern, zu gewinnen.

Auf die zweite Forschungsphase wurde das Analysemodell der Kommunikationsnetze verwendet, um so die Parameter bestimmen zu können, welche maßgeblich die sprachlich bedingten Entscheidungen für den einen oder den anderen Code ausmachen. Diesmal wurden Daten bei sechs verschiedenen, durch jeweils drei Generationen vertretenen Familien gesammelt, was die Definition synchronischer und diachronischer Komponenten auf Ebene des sprachlichen Umschichtungsprozesses erlaubte. Es wurden dabei soziodemografische Faktoren berücksichtigt wie räumliche Mobilität, Beruf und Schulbildung als auch die Wirkung der Massenmedien, die alle einen vermehrten Gebrauch des Portugiesischen herbeiführen können. Durch die Kennzeichnung der Kommunikationsnetze eines jeden einzelnen Informanten – nach Maßgabe des jeweiligen Gesprächspartners – war eine Bewertung der für die Entscheidung hinsichtlich der Codes maßgebenden Parameter innerhalb des familiären und gesellschaftlichen Netzes sowie im Rahmen von wahlweisen Beziehungen möglich. Es sind dabei die Variablen Alter, Geschlecht und konfessionelle Zugehörigkeit als beeinflussende Entscheidungsfaktoren in Betracht gezogen worden.

Nachdem die Lage der sprachlichen Umschichtung charakterisiert war, wurde in der dritten Forschungsetappe der Versuch unternommen, den Wortschatz der örtlichen deutschen Mundart zu analysieren, und das hinsichtlich der lexikalisch fundierten Bildung von Lehnformen aus dem Portugiesischen und von Neologismen.

Am Ende der Arbeit finden sich Vorschläge zur Anwendung der erreichten Ergebnisse mit Blick auf den Unterricht Deutsch als Fremdsprache sowie Möglichkeiten für weitere Studien, denn das auf zweisprachige Gemeinden in Santa Catarina bezogene soziolinguistische Explorationsfeld bietet noch weiten Raum für die Forschung.

## SUMÁRIO

1.	O PROBLEMA .....	9
1.1	De como tudo começou .....	13
1.2	Histórico da localidade .....	17
1.3	Jaraguá do sul hoje .....	26
1.4	Composição étnica da população .....	34
1.5	Os alemães em Jaraguá do Sul e seu dialeto .	34
2.	A TEORIA .....	42
2.1	Aspectos teóricos sobre o bilingüismo .....	42
2.1.1	Bilingüismo, um problema de delimitação ....	45
2.1.2	Bilingüismo e diglossia .....	50
2.2	Manutenção e perda de uma língua - a mudança de código (language shift) .....	55
2.2.1	A configuração de dominância .....	56
2.2.2	Bases históricas para mudança de código em Santa Catarina .....	58
2.2.3	Mortalidade ou preservação da língua? .....	61
2.3	Análise das redes de comunicação: Um modelo sincrônico e diacrônico para estudo da mudança lingüística*.....	63
2.3.1	Definições sociológicas .....	63
2.3.2	A análise de redes aplicada à sociolingüística .....	65
2.3.3	Gumperz e as relações entre redes sociais e mudança de código .....	67
2.3.4	Gal e os determinantes sociais de mudança lingüística .....	69
2.3.5	Bortoni e a urbanização como causa de mudança lingüística .....	71
2.3.6	Um modelo sincrônico e diacrônico<.....	72

3.	PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO BILINGÜISMO .....	74
3.1	Dados históricos .....	74
3.2	Método e instrumentos .....	76
3.3	Aplicação do questionário .....	79
3.4	Os dados obtidos .....	80
3.4.1	Sexo .....	80
3.4.2	Confissão religiosa .....	80
3.4.3	Ascendência .....	81
3.4.4	Bilingüismo dos pais .....	82
3.4.5	Uso do alemão em família .....	83
3.4.6	Uso do alemão na comunidade .....	85
3.4.7	Uso do alemão em outras situações .....	87
3.4.8	Atitudes gerais com relação às línguas .....	89
3.4.9	Ascendência alemã e bilingüismo .....	90
3.4.10	O monolingüismo em alemão na idade pré-escolar .....	92
4.	SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA: AS REDES DE COMUNICAÇÃO DOS BILÍNGÜES .....	95
4.1	Métodos e instrumentos .....	95
4.2	Estratégias do trabalho de campo .....	99
4.3	Identificação dos informantes: idade, sexo, geração .....	103
4.4	Características sociodemográficas da população da amostragem .....	104
4.4.1	Mobilidade espacial .....	104
4.4.2	Profissão .....	104
4.4.3	Grau de escolaridade .....	106
4.4.4	Exposição aos meios de comunicação de massa .....	108

4.5	Características das redes de comunicação ..	110
4.5.1	Escolha da língua em situações diversas ...	111
4.5.2	Os padrões de escolha, conforme o interlocutor .....	117
4.5.3	Os padrões de escolha da língua para mulheres e homens .....	123
4.5.3.1	Os padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas .....	127
4.5.3.2	Os padrões de escolha da língua entre as mulheres evangélicas .....	128
4.5.3.3	Os padrões de escolha da língua entre os homens católicos .....	129
4.5.3.4	Os padrões de escolha da língua entre os homens evangélicos .....	131
4.6	As redes individuais de comunicação .....	133
4.6.1	A rede familiar .....	133
4.6.2	A rede de relações preferenciais .....	137
4.7	As atitudes com relação às línguas .....	140
5.	TERCEIRA ETAPA DA PESQUISA: O VOCABULÁRIO DO DIALETO ALEMÃO .....	146
5.1	Método e instrumentos .....	149
5.2	Os mecanismos de formação dos empréstimos lexicais .....	150
5.2.1	Palavras simples .....	152
5.2.1.1	Transferência total da sequência fônica ...	153
5.2.1.2	Uso de uma palavra própria do alemão influenciada por modelo português .....	155

5.2.2	Palavras compostas e expressões .....	158
5.2.2.1	Transferência de compostos analisados .....	160
5.2.2.2	Reprodução por extensão semântica .....	160
5.2.2.3	Formas híbridas .....	162
5.3	A integração lexical dos empréstimos .....	164
5.3.1	Confusão no uso .....	165
5.3.2	Descarte .....	166
5.3.3	Especialização .....	166
6.	CONCLUSÕES .....	167
6.1	Conclusões gerais .....	167
6.2	Aplicação do presente estudo no ensino do alemão como língua estrangeira e sugestões para trabalhos futuros .....	169
7.	ANEXOS .....	174
7.1	Anexo 1: Questionário sobre bilingüismo ..	174
7.2	Anexo 2: Questionário sobre redes de comunicação bilíngües .....	175
7.3	Anexo 3: Questionário lexicológico .....	184
7.4	Anexo 4: Os empréstimos lexicais do português no alemão de Jaraguá do Sul .....	206



## 1. O PROBLEMA

O uso de duas ou mais línguas faladas dentro das fronteiras de um país é, no mundo de hoje, antes a regra do que a exceção (Trudgill, 1974: 129). E esta regra é também aplicável ao Brasil, onde encontramos um grande número de línguas indígenas somado a uma infinidade de idiomas trazidos por grupos alóglotas provenientes de quase todos os demais continentes do mundo. Este número ainda não definido de línguas faladas dentro das fronteiras do Brasil vem caracterizar o enorme conglomerado de etnias que se somam para formar o povo brasileiro.

Neste fabuloso mosaico etnolingüístico, as diversas línguas são forçadas a entrarem em confronto. Em luta de vida ou morte! Afinal, duas línguas que existem lado a lado dentro de uma mesma comunidade, não conseguem sobreviver sem intercâmbio. É impossível imaginar-se dois grupos absolutamente monolíngües coexistindo dentro de uma única comunidade. Necessariamente originar-se-á bilingüismo (Trudgill, 1974: 129).

Assim, deflagra-se também no Brasil a batalha entre as centenas de línguas faladas por minorias e o Português. Torna-se essa uma luta desigual ante o grande poder estandardizador do sistema escolar vigente no Brasil e a força irretrucável dos meios de comunicação de massa (Bor-toni-Ricardo, 1985: 146).

Um dos grandes palcos em que esta luta é travada é, sem dúvida, o sul do Brasil, onde o estabelecimento de colônias formadas por europeus e asiáticos a partir do séc. XIX colocou quase todas as línguas faladas na Europa e algumas da Ásia em contato com o Português (Vandresen, 1973: 608).

Ora, duas línguas que se encontram socialmente em contato, sofrem intercâmbio lingüístico e, necessariamente, mudam, se transformam (Trudgill, 1974: 129). E essa transformação leva a um desenvolvimento em geral divergente entre a língua que o imigrante usa na nova pátria e a língua do país de origem. Assim, por exemplo, o alemão falado no Brasil vivenciou uma transformação diversa do alemão falado na Alemanha.

Enquanto em vários países há grupos que têm se mantido bilíngües através de séculos, outros países vivem uma fase de transição ou seja, regiões, localidades, cidades bilíngües que habitualmente usavam uma língua estão passando a usar outra língua habitualmente (Weinreich, 1954: 68). Em outras regiões, esta fase de transição já foi superada, e restou apenas uma língua, com a conseqüente mortalidade, desaparecimento e esquecimento da língua minoritária.

Vandresen (1973: 608) alerta-nos para a necessidade premente de estudar-se o comportamento dessas línguas frente ao português, considerando-se quais os fatos sociais que determinaram a dominância de uma ou de outra língua. Esta é considerada uma tarefa urgente para os pesquisadores sociolingüístas, correndo-se o risco de muito em breve se perder em dados indispensáveis à compreensão global da transformação em processo.

Santa Catarina é um desses estados do sul, onde vêm ocorrendo transformações lingüísticas nos últimos anos. O isolamento geográfico das colônias fundadas por imigrantes europeus no século passado tem propiciado até os dias de hoje a conservação das línguas de origem como meio de comunicação, pelo menos no ambiente familiar.

Mesmo assim, a industrialização de diversas regiões, principalmente do setor Norte-Nordeste do estado, característica região de colonização européia, vem motivando transformações curiosas. Por um lado, o grande processo de estandardização, trazido a essas comunidades pelos mais diversos

fatores que influenciam a vida moderna, têm levado a uma perda progressiva do domínio das línguas dos imigrantes e conseqüente predominância do português. Parece que nessa batalha o português vem levando vantagem, principalmente entre as gerações mais jovens.

Contudo, ao mesmo tempo, percebe-se por parte da geração dos pais que não mais ensina a língua materna a seus filhos e também da parte desta geração mais nova um interesse em respeitar os valores culturais de sua identidade étnica. A reintrodução do ensino das línguas estrangeiras nas escolas de 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus vem despertando um grande interesse entre os descendentes desses imigrantes, pois introduziu também o ensino das línguas alemã e italiana.

Por outro lado, em levantamento realizado pelo Projeto de Estudos do Bilingüismo nas Áreas de Colonização Alemã em Santa Catarina, desenvolvido por professores da Universidade Federal de Santa Catarina, obteve-se informação do grande contingente de escolas do interior do estado que na 1<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau recebem crianças que não falam o português, mas sim um dialeto dos imigrantes.

Nº e Nome do Município	População (milhares)	População constituinte (em %)	Línguas faladas ou compreendidas	Na sua opinião, se entendem/falam, quais LEM deveriam ser ensinadas nas escolas do Munic.?						Observações
				alemão	italiano	francês	espanhol	outras	Sim ou Não?	
1. Ag. Nornas	5	20	80							
2. Anelina	9	20	80							
3. Carlos	2	10	90							
4. Carlos	2	10	90							
5. Bonifácio	4	10	90							
6. José	130	68	30							
7. Rig Fortuna	5	10	70							
8. São Rosa Lima	5	5	70							
9. Benedito Novo	12	20	20							
10. Blumenau	194	40	60							
11. Foz de Iguaçu	15	08	90							
12. R. dos Cedros	8	05	30							
13. Rodolfo	10	10	90							
14. Timbó	22	05	50							
15. Uruçui	8	10	70							
16. Agrolândia	4	35	35							
17. D. Ene	26	35	35							
18. Ibirama	7	15	70							
19. Lontres	21	48	21							
20. M. do Sul	16	30	40							
21. Taubaté	9	05	50							
22. Tronco. Centr.	5	30	05							
23. Witmarsum	13	50	15							
24. Santa Carlota	54	20	60							
25. Curitiba	15	05	10							
26. Papanduva	45	20	60							
27. S. Bento Sul	33	05	10							
28. Erval Velho	5	01	88							
29. Itanópolis	2	05	05							
30. Lacerdópolis	7	10	05							
31. Ouro	14	05	30							
32. Tanquá	70	10	45							
33. Concórdia	6	20	60							
34. Ipirá	3	30	60							
35. Peritiba	3	15	30							
36. Piratuba	2	10	55							
37. Pres. C. Branco	23	05	25							
38. Beira	13	02	93							
39. Carlos	28	02	93							
40. São Carlos	29	02	93							
41. São Lourenço O.	29	02	93							
42. Campo Erê	38	28	32							
43. Cunha Porã	17	10	78							
44. Descanso	21	25	20							
45. D. Cerejeira	23	45	20							
46. Guarujá Sul	6	20	50							
47. Itapiranga	28	15	80							
48. Mondai	25	25	40							
49. Palma Nôia	10	35	35							
50. Luiz Alves	8	60	30							
51. Caçador	75	28	15							
52. R. das Antas	6	15	40							
53. Turvo	15	25	05							
54. Botuverá	5	02	90							
55. Guabiruba	9	03	73							
56. Xavantina	8	08	04							
57. Xerém	42	05	08							
58. Porto União	31	04	40							
59. Cerro	10	30	70							
60. Garibaldi	18	20	40							
61. Jaraguá Sul	65	15	60							
62. Massaranduba	13	10	30							
63. Schomburgk	5	03	75							
64. S. Martinho	23	77	07							
65. Itatuba	3	15	85							
66. Itatuba	4	15	60							

Nota: 97% dos Prefeitos colaboradores

88% dos Supervisores Locais de Educação colaboradores

Os pontos em branco indicam ausência de informação de Supervisores ou Prefeitos.

## 1.1 DE COMO TUDO COMEÇOU

O interesse em desenvolver a presente pesquisa me foi despertado em 1984, quando iniciei minhas atividades como professora de língua alemã na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde cedo percebi que os diversos estudantes, e mesmo professores provenientes de regiões catarinenses de colonização alemã, em geral dominavam alguma espécie de dialeto alemão, com inúmeras influências do português.

Este domínio de uma língua de imigrantes era por vezes menosprezado pelo próprio falante, que, na maioria das vezes, considerava seu falar errado, dialetal, ao ponto de afirmar: "Wir sind Deutschverderber!", ou seja, nós "estragamos" o alemão, não o cultivamos.

Pude também perceber, especialmente em sala de aula, que exatamente os estudantes falantes de um dialeto alemão é que traziam a maior dificuldade na aprendizagem do alemão padrão. Parece uma afirmativa paradoxal, pois, se ele já sabe falar alemão, como pode ter mais dificuldade do que quem nunca aprendeu? No entanto, o alemão que o descendente de imigrantes traz consigo é um falar repleto de características dialetais e mais repleto ainda de empréstimos e transferências do português, a nível fonológico, morfológico, lexical, sintático e até semântico. Pode-se dizer até que o que ele fala não é alemão, pelo menos não o alemão que eu me propunha ensinar. E num curso de língua orientado para quem nunca falou alemão, o descendente de imigrantes se sentia como que desrespeitado, principalmente quando via suas notas baixas em toda espécie de trabalho escrito. Mesmo a nível oral, verificamos ser para ele muito mais difícil corrigir seus vícios de pronúncia e gramática do que para os principiantes. Nossa experiência comprovava a afirmativa de que "os problemas são particu-

larmente graves para os filhos de imigrantes e de outras minorias étnicas. Divididas entre duas culturas, eles podem ser bilíngües de maneira imperfeita em dois dialetos não-padrão" (Lyons, 1982: 264).

É verdade que, via de regra, o aluno falante de dialeto alemão apresenta maior fluência oral e um vocabulário passivo bem mais amplo do que os principiantes, de modo que, superadas as dificuldades iniciais, sua aprendizagem pode se desenvolver a passos largos. O grande problema está exatamente em superar as dificuldades iniciais, pois não dispomos de metodologias adequadas a esses casos especiais.

Soube então que outros professores encontravam o mesmo problema e se perguntaram: o que fazer? De fato, não são muitos os estudos realizados até o presente sobre os falares teutos do território catarinense<sup>1</sup>.

Sentimo-nos assim incentivados a desenvolver um projeto de pesquisa que foi intitulado "Estudo do Bilingüismo nas Áreas de Colonização Alemã no Estado de Santa Catarina". Este projeto foi iniciado em 1985, tendo como objetivo geral mapear as áreas de fala alemã no Estado de Santa Catarina, promovendo ainda o levantamento dos registros da fala em uso e descrever o bilingüismo de três comunidades típicas.

Integrando a equipe de pesquisadores deste projeto, tive contato mais direto com a realidade catarinense e pude apreciar a riqueza de informações que ainda não foram exploradas. Tudo isso despertou meu interesse para uma pesquisa mais aprofundada dessas relações sociolingüísticas, focalizando para tanto a situação de uma comunidade bilíngüe específica.

---

<sup>1</sup> Ver Bossmann, 1954; Entres, 1929; Fausel, 1959; Mortara, 1950; Oberacker, 1957; Schaden, 1953; Vandresen, 1968; Zimmermann, 1981.

Considerando que a maior parte dos estudos sobre comunidades bilíngües tem se restringido a áreas rurais e indígenas<sup>2</sup>, escolhi Jaraguá do Sul como centro de meus estudos, por tratar-se de uma área de características bilíngües que apresenta marcante processo de industrialização e urbanização.

Objetivo geral do presente trabalho é descrever a situação do bilingüismo em Jaraguá do Sul, uma comunidade urbana de colonização alemã, buscando, através da análise das redes de comunicação de falantes bilíngües, determinar os fatores sociolingüísticos que podem levar à manutenção do alemão dentro da comunidade e conseqüente conservação do bilingüismo, ou à dominância do português (Weinreich, 1954: 79s.). E, considerando que o dialeto alemão falado no município tem características próprias de uma língua em transformação, confirmada pela quantidade de empréstimos e transferências do português, farei uma breve análise do vocabulário alemão em uso cotidiano, focalizando principalmente os aspectos referentes à formação de neologismos no dialeto alemão local.

Para situarmos melhor a comunidade enfocada, faremos um breve apanhado histórico e geográfico das características mais marcantes desta cidade, que de colônia passou a centro industrial. Passaremos, a seguir, a algumas considerações teóricas que nortearam nosso trabalho.

---

- 
- <sup>2</sup> Cf. Kammann, 1987; Lenard, 1976; Marchant, 1965; Pereira, 1977; Porzelt, 1937; Potthast-Hubold, 1982; Schaden, 1953; Staub, 1983; Vandresen, 1968; Wagemann, 1915; Wouk, 1981; Zanella, 1985; Zimmermann, 1981; entre outros.



## 1.2 HISTÓRICO DA LOCALIDADE

O início de Jaraguá do Sul está ligado à figura do Cel. Emílio Carlos Jourdan (1839 - 1900), natural de Namur, Bélgica. Em 1876 Jourdan organizou uma expedição que desembarcou na margem do Rio Itapocu<sup>3</sup>, a fim de fazer a demarcação das terras que faziam parte do dote da Princesa Isabel e do Conde d'Eu.

Destas terras, Jourdan recebeu, como doação cerca de 10 mil hectares, onde pouco mais tarde se instalou com a família, acompanhado de 60 trabalhadores trazidos do Rio de Janeiro.

Antes de sua instalação, viviam na região índios da tribo dos Botocudos e alguns foragidos (Silva, 1975: 11-15). Em 1865, Carlos Wachter ("Walter"), aventureiro de procedência austríaca construíra sua residência no fértil vale do Itapocu. A chegada de Jourdan não fora, portanto, o primeiríssimo ingresso do homem branco naquelas paragens. Foi, contudo, ele que deu o impulso inicial à exploração e colonização do vale do Itapocu.

Plantou extensos canaviais que alimentavam seu "Engenho Jaraguá", produtor de açúcar, álcool e aguardente. Paralelamente, instalou uma serraria, promovendo o transporte das toras pelo rio Itapocu.

Pode-se dizer, portanto, que a instalação da colônia de Jaraguá iniciou a exploração agrícola da região e, ao mesmo tempo trouxe a atividade industrial à mesma.

O engenheiro de Jourdan, porém, muito breve encontrou dificuldades financeiras e, assim, o Cel. Jourdan passou a empresa, em 1893, a Domingos Rodrigues da Nova Jr.

---

<sup>3</sup> ita-puku = pedra longa, comprida (Masucci, 1979: 75) ou pedra alta (Silva, 1975: 54).

(Silva, 1975: 59).<sup>2</sup> O novo proprietário começou a dividir as terras em lotes, vendendo-os a colonos. A primeira concessão de terras foi registrada em 1895. A empresa foi chamada de "Colônia Jaraguá", e "como se tratava de boa terra para cultivo, além de ter boa situação geográfica, a colonização logo progrediu" (Entres, 1929: 66).

A denominação da colônia, segundo Masucci (1979: 138), foi feita a partir do Rio Jaraguá, que banha a região. Em tupi-guarani, "yaraguá" significa "vale do senhor". Já Bueno (1988: 2025) nos indica uma origem Tupi para o nome Jaraguá: "yara" significa senhor e "guá" é campo, o que significaria "Senhor do campo". O autor ainda lembra que em alguns lugares do país costuma-se dar o nome de jaraguá a uma gramínea. Seja como for, é digno de nota que foi respeitada a denominação indígena a uma colônia fundada e iniciada por europeus.

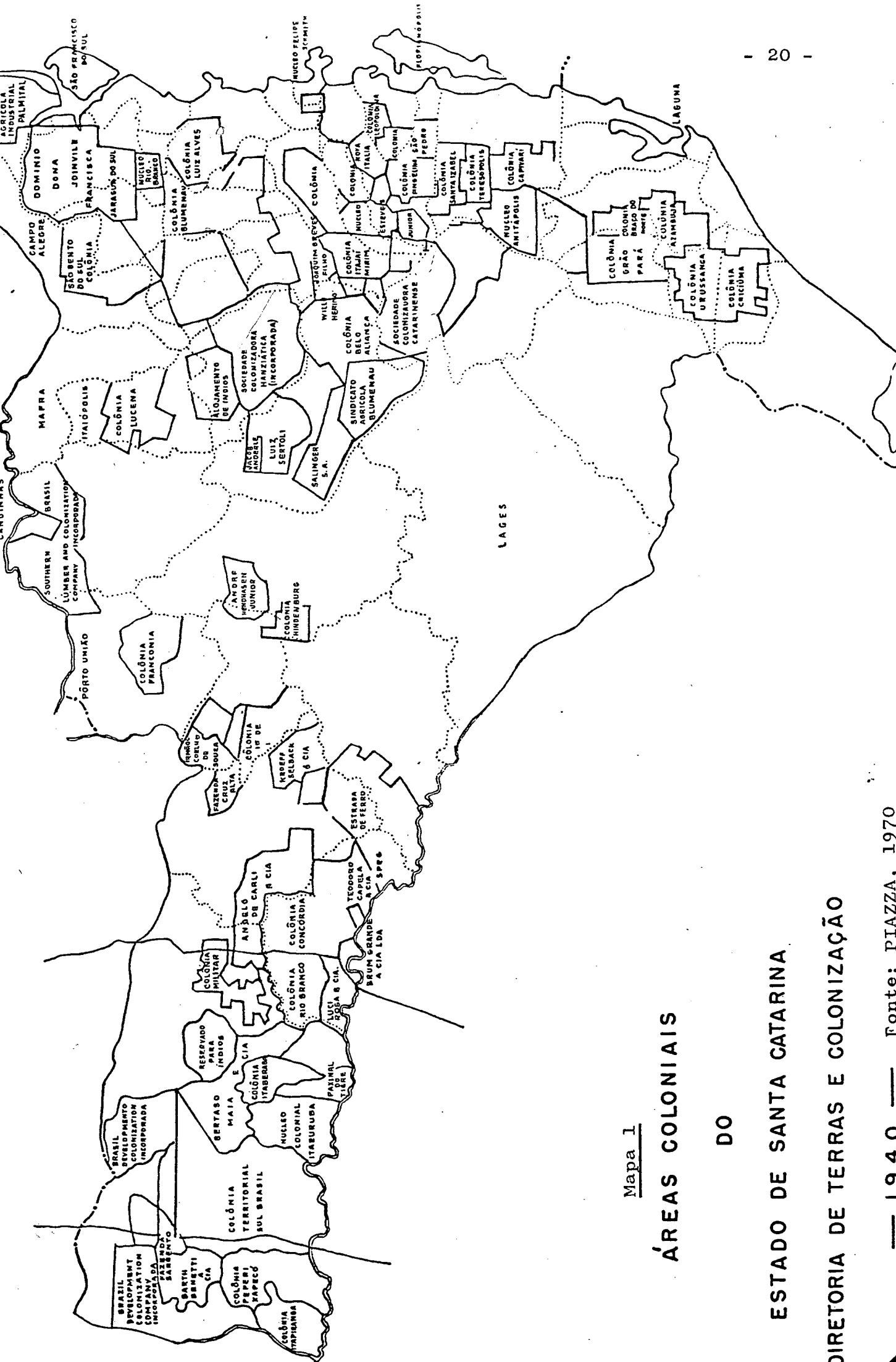
Em Silva (1976: 63 ss.), encontramos informações sobre as primeiras concessões de terras a imigrantes austríacos e alemães, belgas e italianos, a partir de 1895, data em que Jaraguá passa a distrito de Joinville (ver mapa 1).

Muitos dos colonos que se assentaram em Jaraguá do Sul eram artesãos e logo formou-se a base para o desenvolvimento industrial da região. Já o jovem forasteiro C. Wachter era habilidoso ferreiro e marceneiro (Silva, 1975: 21). Rapidamente foram montadas serrarias, engenhos de cana e de mandioca, moinhos, marcenarias, artesanatos em vime, panificadoras e estabelecimentos comerciais. Ainda no século XIX verificamos a instalação de fábricas de bebidas, de pólvora, cervejarias, cerâmicas, fundições, curtumes, entre outros.

O desenvolvimento da colônia começou a chegar a todo vapor após a construção da estrada de ferro, concluída em 1910, que então ligava Jaraguá do Sul a Joinville, a Leste, e a Mafra a Oeste. Dali faria-se a ligação desta com a

estrada de ferro São Paulo - Rio Grande.

Em 1934, Jaraguá do Sul passa a município, numa área que abrangia na época os atuais municípios de Jaraguá do Sul e Corupá.



Mapa 1

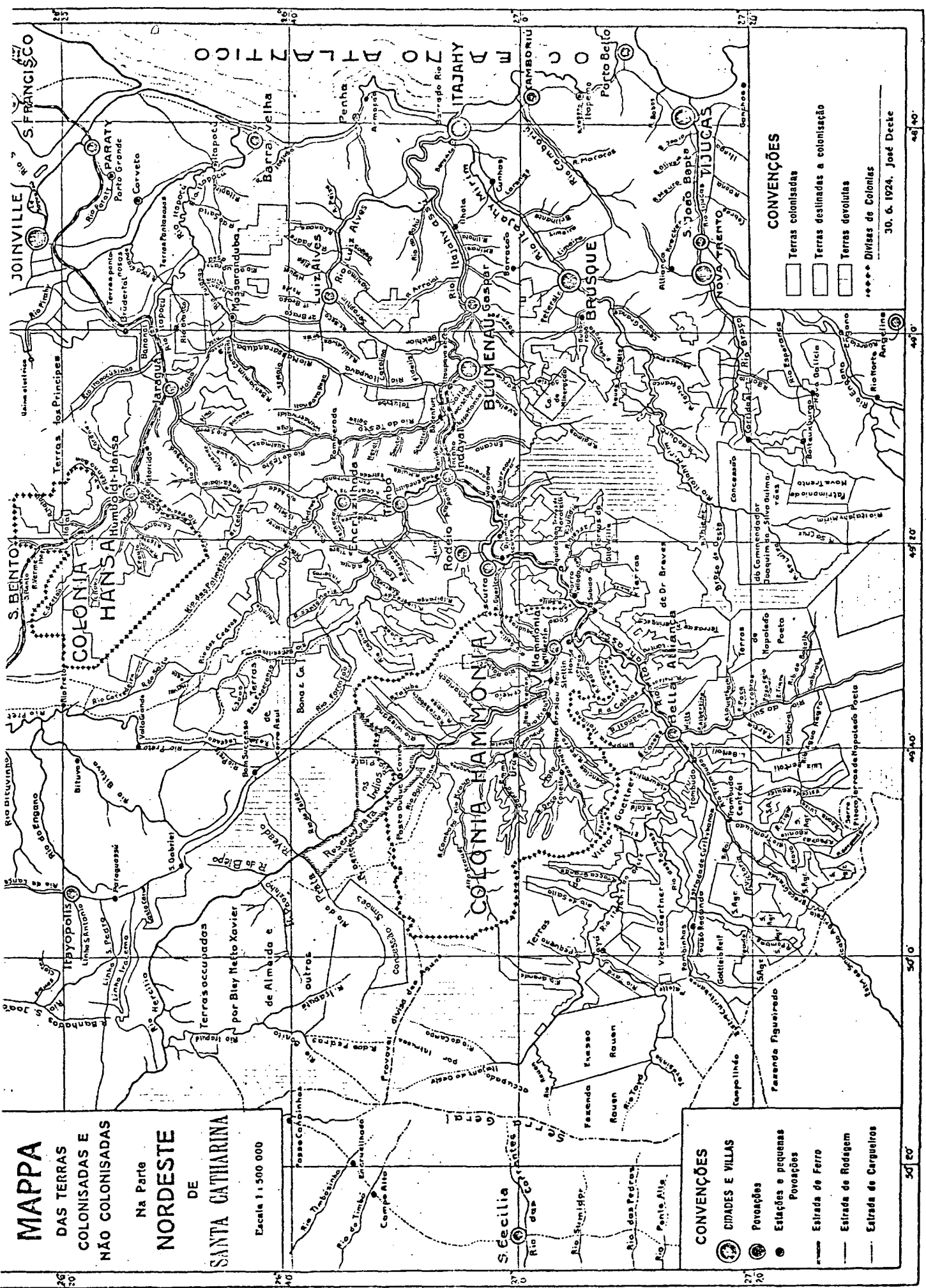
# ÁREAS COLONIAIS

DO

ESTADO DE SANTA CATARINA

DIRETORIA DE TERRAS E COLONIZAÇÃO

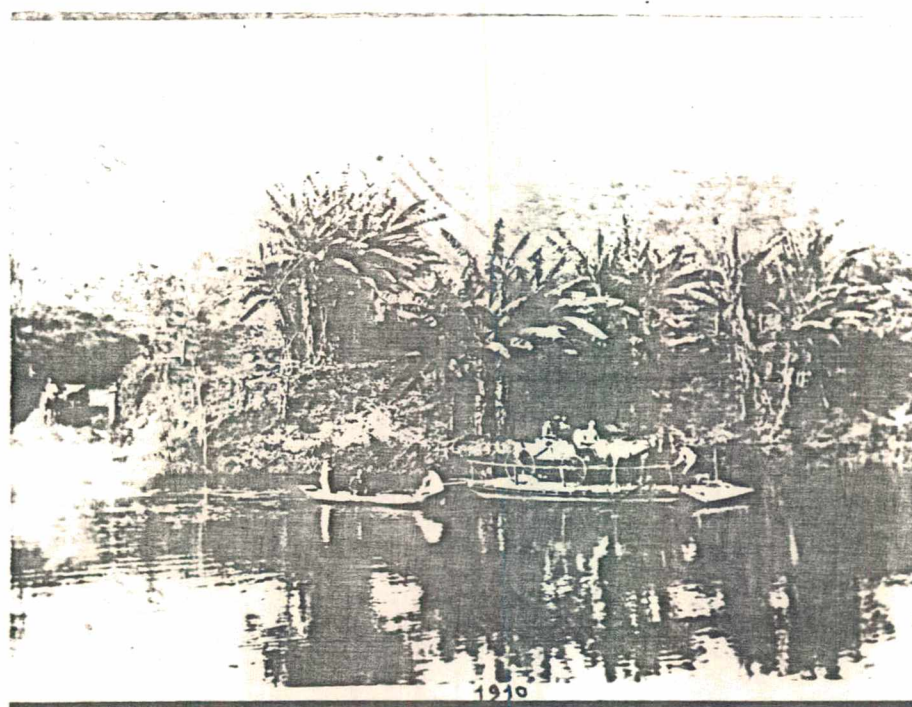
Mapa 2



JARAGUÁ ANTIGA

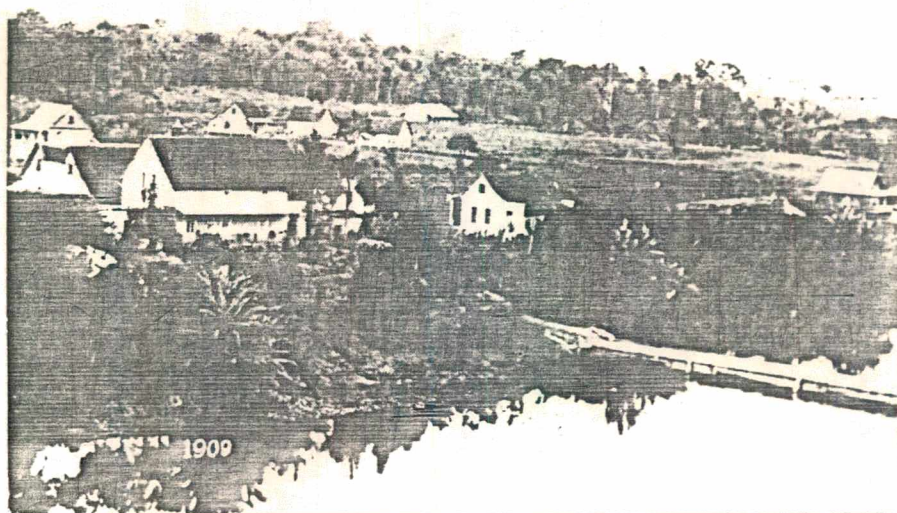


A segunda expedição de Jourdan - 1876

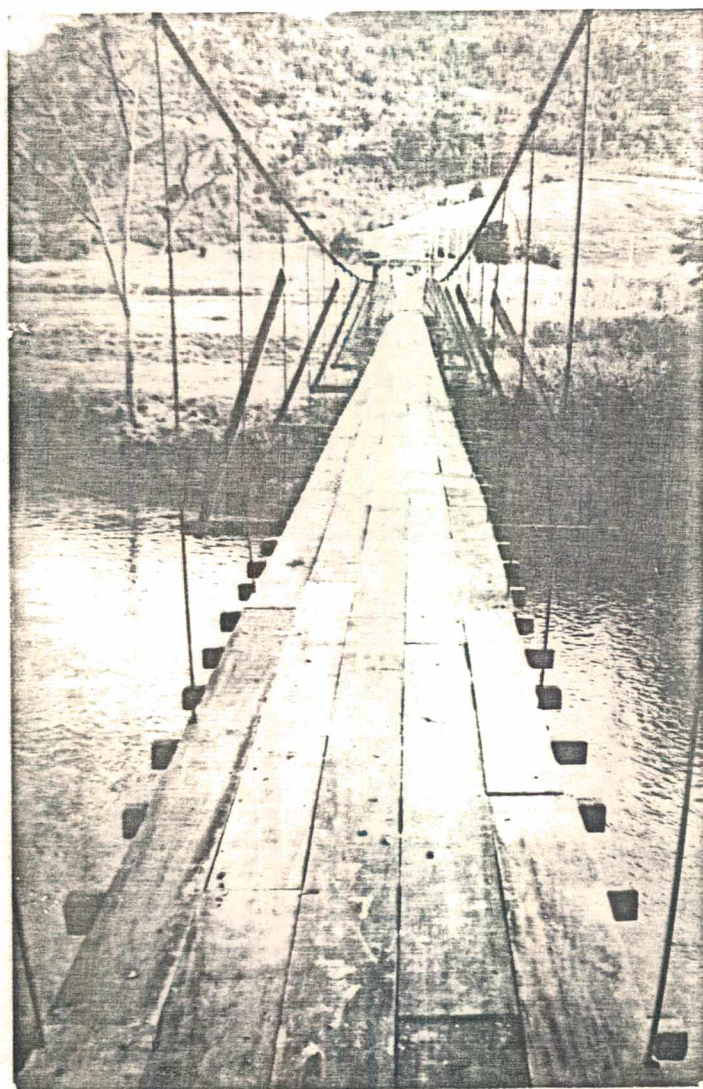


Transporte de balsa sobre o  
Rio Itapocu - 1910



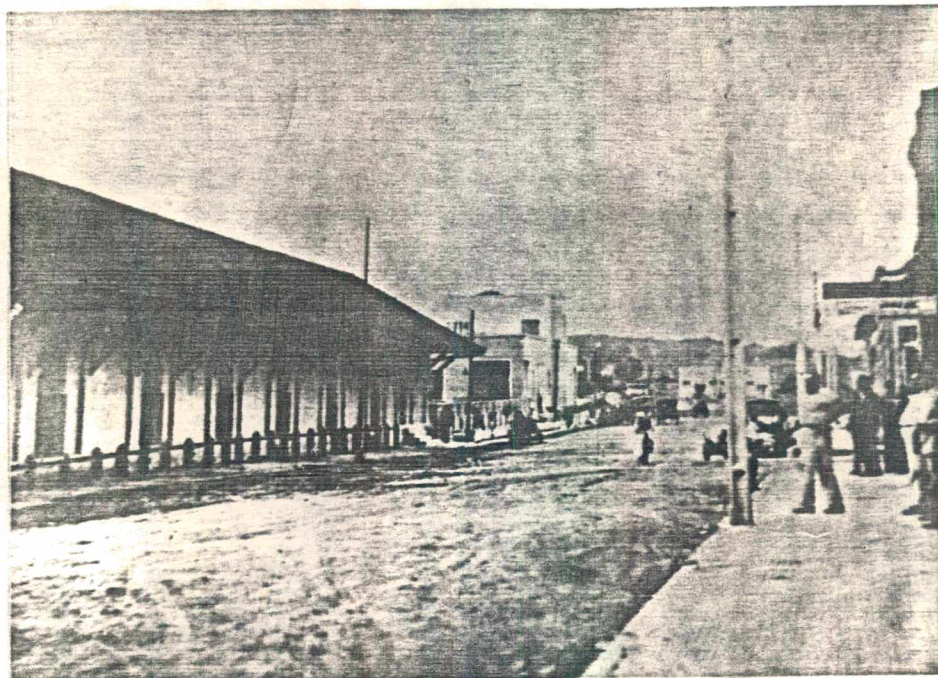


Ponte sobre o Rio Itapocu - 1909



Ponte pênsil



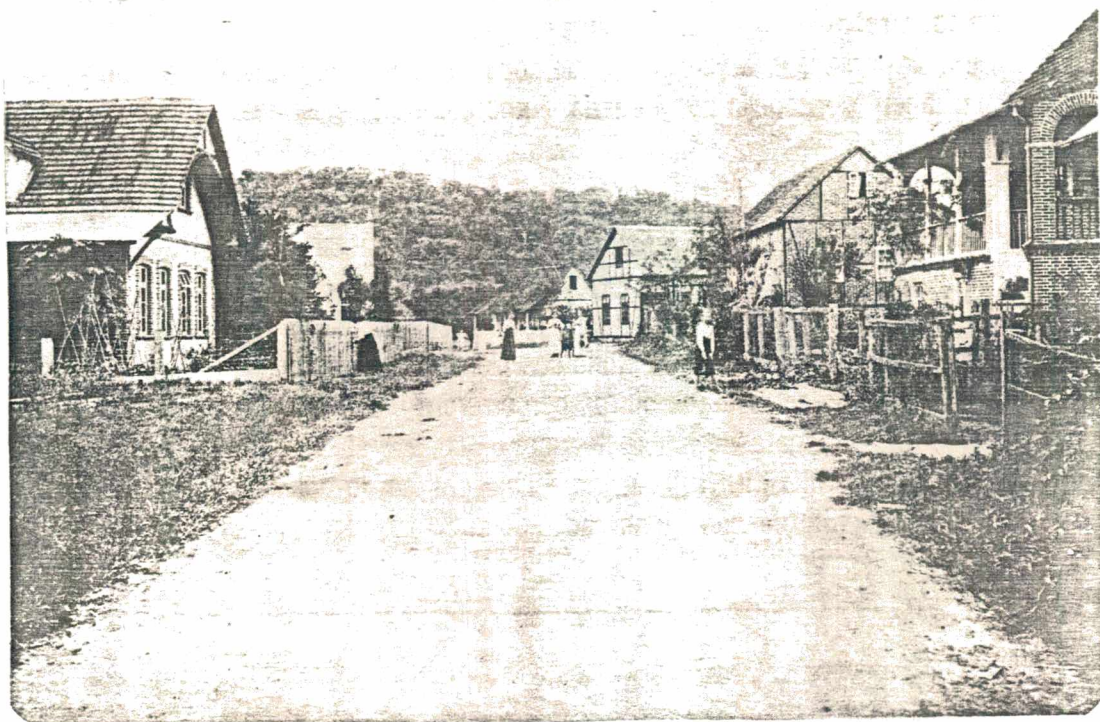


A estação ferroviária - 1910

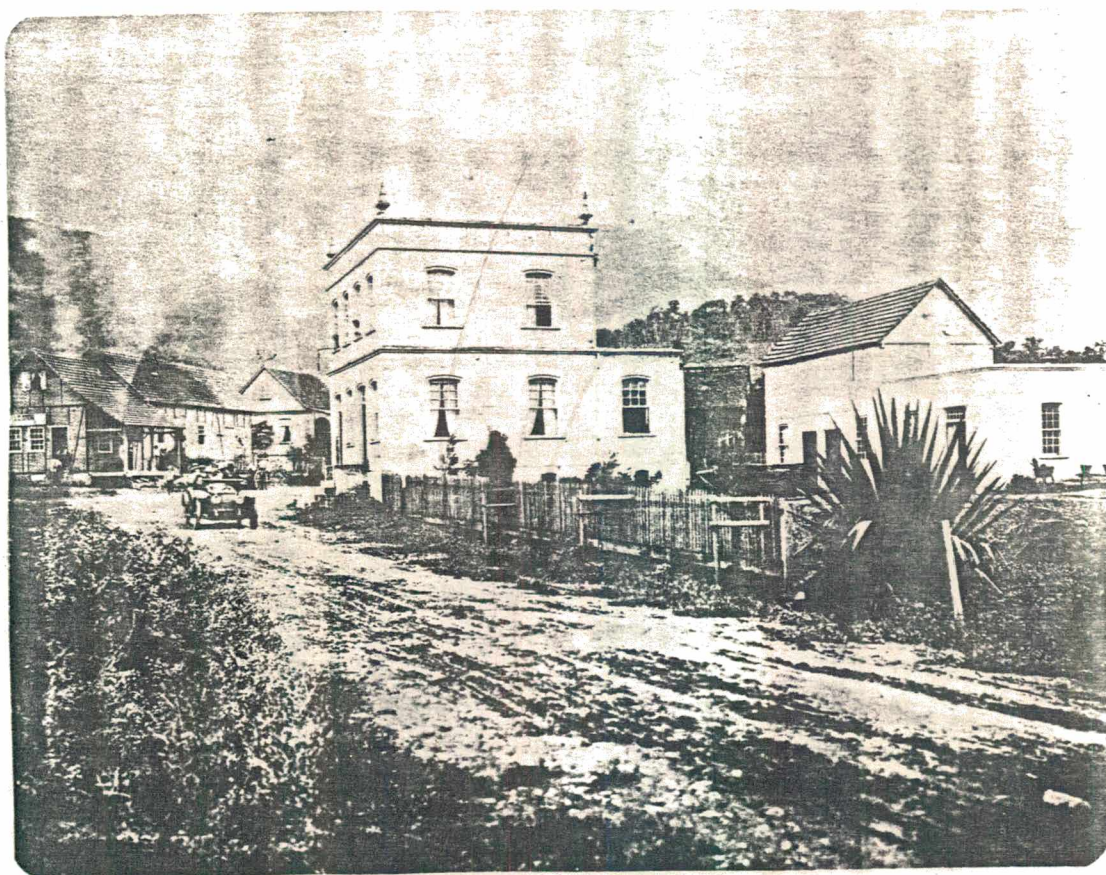


Wilhelm Walther - a segunda cervejaria  
de Jaraguá - em 1897





Jaraguá no início deste século





### 1.3 JARAGUÁ DO SUL HOJE

Jaraguá do Sul situa-se na Microregião do Vale do Rio Itapocu. O município tem uma área de  $557 \text{ km}^2$ , dos quais  $42 \text{ km}^2$  de área urbana<sup>4</sup>. Dista 45km de Joinville e 212 de Florianópolis. É banhado pelos rios Itapocu e Jaraguá, além de outros afluentes menores.

O município tem hoje uma população de aproximadamente 75 mil habitantes, com uma densidade demográfica estimada em 134,64 habitantes por  $\text{km}^2$ . A distribuição da população é de cerca de 44 hab/ $\text{km}^2$  na área rural e de 1250 hab/ $\text{km}^2$  na área urbana. Temos assim uma proporção de 22.500 habitantes da área rural para 52.500 habitantes da área urbana. Verifica-se portanto que a população do município tem antes características urbanas do que rurais.

Jaraguá do Sul ostenta os títulos de 3º parque industrial de Santa Catarina, capital do motor elétrico e capital da malha. Igualmente é o 3º município em arrecadação do ICM no estado.

As principais indústrias do município são do ramo eletromecânico e têxtil. Destacam-se ainda as indústrias de construção civil, de empacotamento, de produtos alimentares, condimentos, essências alimentícias e de produtos de origem animal, como industrialização de frangos e bovinos e produção de laticínios. São mais de 750 empresas do setor secundário, que empregam cerca de 25 mil trabalhadores. Ao todo, são mais de 2 685 empresas que contribuem para o processo acelerado de desenvolvimento e urbanização em que se encontra o município.

Se voltarmos a considerar a origem histórica de Jaraguá do Sul, parece-nos que a localidade já fora fun-

---

<sup>4</sup> Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul, em 1985.

dada com vistas a uma exploração industrial, visto que a primeira empresa de colonização feita na região estava relacionada à instalação dos engenhos de Jourdan.

Mesmo tendo Jaraguá do Sul uma orientação econômica claramente direcionada para o setor industrial, o setor primário, representado pela agricultura e pecuária, ainda desempenha papel importante. A agropecuária é mantida em minifúndos, explorados principalmente por descendentes de alemães e italianos, num total aproximado de 1 800 famílias. Os principais produtos agrícolas são: arroz, banana, milho, mandioca, cana de açúcar, fumo, oleicultura, suinocultura e a criação bovina de leite, a qual abastece a indústria de laticínios.

Embora Jaraguá do Sul se configure como uma cidade moderna e industrializada, a tradição herdada dos antepassados ainda é intensamente cultivada. Torneios de bolão, festas de rei e rainha do tiro são mantidos por diversas sociedades. A Prefeitura também se encarrega de organizar feiras de arte e artesanato periódicas. As festividades são sempre animadas por bandinhas típicas e acompanhadas do tradicional marreco assado com repolho roxo. Destacam-se ainda as várias associações corais, orquestras, escolas de música e pintura, que buscam manter e incentivar a cultura local.

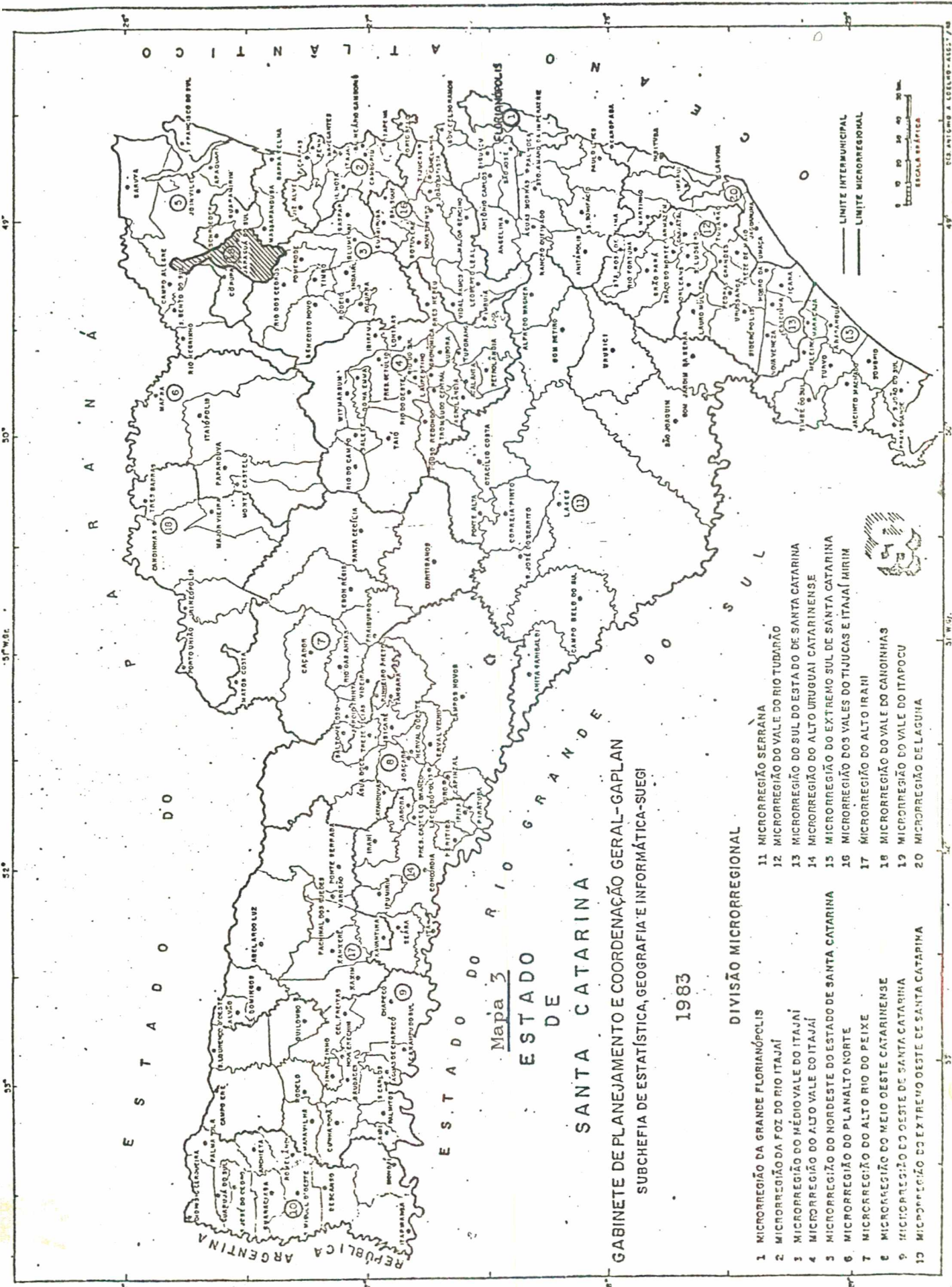
Na área da educação, o município dispõe de ensino nos três graus. São 53 estabelecimentos de ensino de 1º grau, sendo 19 municipais, 31 estaduais e 3 particulares. O segundo grau é representado por 5 estabelecimentos e o nível universitário funciona através do FERJ - Fundação Educacional Regional Jaraguense -, que oferece os cursos de Economia, Ciências Contábeis, Administração de Empresas e Pedagogia. Além disso, há centros de formação tecnológica e profissional a nível de 2º grau.

Desde 1985 Jaraguá do Sul participa do "Projeto Piloto para a Reintrodução do Ensino de Línguas Estran-

geiras Modernas nas Escolas de 1º e 2º Graus em Santa Catarina", desenvolvido pelo Conselho Estadual de Educação, Secretaria de Educação e Universidade Federal de Santa Catarina. Com isso, o alemão está sendo oferecido em 4 escolas, da 5ª à 8ª série, num total aproximado de 400 alunos atendidos por 4 professores.

Quanto ao grau de analfabetismo, encontramos discordância entre as diversas fontes. Transcrevemos, contudo, as informações obtidas. O censo do IBGE, realizado em 1980 acusa 10,5 por cento de analfabetismo em Jaraguá do Sul. Informações da Prefeitura Municipal garantem que, em 1985, o grau de analfabetismo deveria estar no máximo em 2 a 3 por cento. Na UCRE (Unidade de Coordenação Regional de Ensino) fomos informados de que fora feito estudo na época do censo do município (1975) e que o percentual levantado fora de 4,5 por cento. Tanto o Prefeito como a direção da UCRE afirmam que o último censo, em 1980, não foi exato e que muita gente não foi entrevistada. Além disso, informaram ter havido desde 1980 forte imigração de trabalhadores do Paraná, cuja situação se desconhece, o que torna difícil fornecer um dado mais exato.





Mapa 3

# ESTADO DE SANTA CATARINA

GABINETE DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL-GAPLAN  
SUBCHEFIA DE ESTATÍSTICA, GEOGRAFIA E INFORMÁTICA-SUEGI

1983

## DIVISÃO MICRORREGIONAL

- 1 MICRORREGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS
- 2 MICRORREGIÃO DA FOZ DO RIO ITAJAÍ
- 3 MICRORREGIÃO DO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ
- 4 MICRORREGIÃO DO ALTO VALE DO ITAJAÍ
- 5 MICRORREGIÃO DO NORDESTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
- 6 MICRORREGIÃO DO PLANALTO NORTE
- 7 MICRORREGIÃO DO ALTO RIO DO PEIXE
- 8 MICRORREGIÃO DO MEIO OESTE CATARINENSE
- 9 MICRORREGIÃO DO OESTE DE SANTA CATARINA
- 10 MICRORREGIÃO DO EXTREMO OESTE DE SANTA CATARINA
- 11 MICRORREGIÃO SERRANA
- 12 MICRORREGIÃO DO VALE DO RIO TUDARÃO
- 13 MICRORREGIÃO DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA
- 14 MICRORREGIÃO DO ALTO URUGUAÍ CATARINENSE
- 15 MICRORREGIÃO DO EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA
- 16 MICRORREGIÃO DOS VALES DO TIJUCAS E ITAJAÍ MIRIM
- 17 MICRORREGIÃO DO ALTO IRAÍ
- 18 MICRORREGIÃO DO VALE DO CANOINHAS
- 19 MICRORREGIÃO DO VALE DO ITAPOCU
- 20 MICRORREGIÃO DE LAGUNA



SECRETARIA DOS TRANSPORTES E OBRAS  
DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM



**SERVIÇOS PÚBLICOS**

1. PROPOSTA Nº 001-198

2. PROPOSTA

3. DATA DE RECEBIMENTO

4. VALOR

5. VALOR LÍQUIDO

6. RECEBIMENTO

7. DATA DE RECEBIMENTO

8. VALOR LÍQUIDO

9. VALOR LÍQUIDO

10. VALOR LÍQUIDO

11. VALOR LÍQUIDO

12. VALOR LÍQUIDO

13. VALOR LÍQUIDO

14. VALOR LÍQUIDO

15. VALOR LÍQUIDO

16. VALOR LÍQUIDO

17. VALOR LÍQUIDO

18. VALOR LÍQUIDO

19. VALOR LÍQUIDO

20. VALOR LÍQUIDO

21. VALOR LÍQUIDO

22. VALOR LÍQUIDO

23. VALOR LÍQUIDO

24. VALOR LÍQUIDO

25. VALOR LÍQUIDO

26. VALOR LÍQUIDO

27. VALOR LÍQUIDO

28. VALOR LÍQUIDO

29. VALOR LÍQUIDO

30. VALOR LÍQUIDO

31. VALOR LÍQUIDO

32. VALOR LÍQUIDO

33. VALOR LÍQUIDO

34. VALOR LÍQUIDO

35. VALOR LÍQUIDO

36. VALOR LÍQUIDO

37. VALOR LÍQUIDO

38. VALOR LÍQUIDO

39. VALOR LÍQUIDO

40. VALOR LÍQUIDO

41. VALOR LÍQUIDO

42. VALOR LÍQUIDO

43. VALOR LÍQUIDO

44. VALOR LÍQUIDO

45. VALOR LÍQUIDO

46. VALOR LÍQUIDO

47. VALOR LÍQUIDO

48. VALOR LÍQUIDO

49. VALOR LÍQUIDO

50. VALOR LÍQUIDO

51. VALOR LÍQUIDO

52. VALOR LÍQUIDO

53. VALOR LÍQUIDO

54. VALOR LÍQUIDO

55. VALOR LÍQUIDO

56. VALOR LÍQUIDO

57. VALOR LÍQUIDO

58. VALOR LÍQUIDO

59. VALOR LÍQUIDO

60. VALOR LÍQUIDO

61. VALOR LÍQUIDO

62. VALOR LÍQUIDO

63. VALOR LÍQUIDO

64. VALOR LÍQUIDO

65. VALOR LÍQUIDO

66. VALOR LÍQUIDO

67. VALOR LÍQUIDO

68. VALOR LÍQUIDO

69. VALOR LÍQUIDO

70. VALOR LÍQUIDO

71. VALOR LÍQUIDO

72. VALOR LÍQUIDO

73. VALOR LÍQUIDO

74. VALOR LÍQUIDO

75. VALOR LÍQUIDO

76. VALOR LÍQUIDO

77. VALOR LÍQUIDO

78. VALOR LÍQUIDO

79. VALOR LÍQUIDO

80. VALOR LÍQUIDO

81. VALOR LÍQUIDO

82. VALOR LÍQUIDO

83. VALOR LÍQUIDO

84. VALOR LÍQUIDO

85. VALOR LÍQUIDO

86. VALOR LÍQUIDO

87. VALOR LÍQUIDO

88. VALOR LÍQUIDO

89. VALOR LÍQUIDO

90. VALOR LÍQUIDO

91. VALOR LÍQUIDO

92. VALOR LÍQUIDO

93. VALOR LÍQUIDO

94. VALOR LÍQUIDO

95. VALOR LÍQUIDO

96. VALOR LÍQUIDO

97. VALOR LÍQUIDO

98. VALOR LÍQUIDO

99. VALOR LÍQUIDO

100. VALOR LÍQUIDO

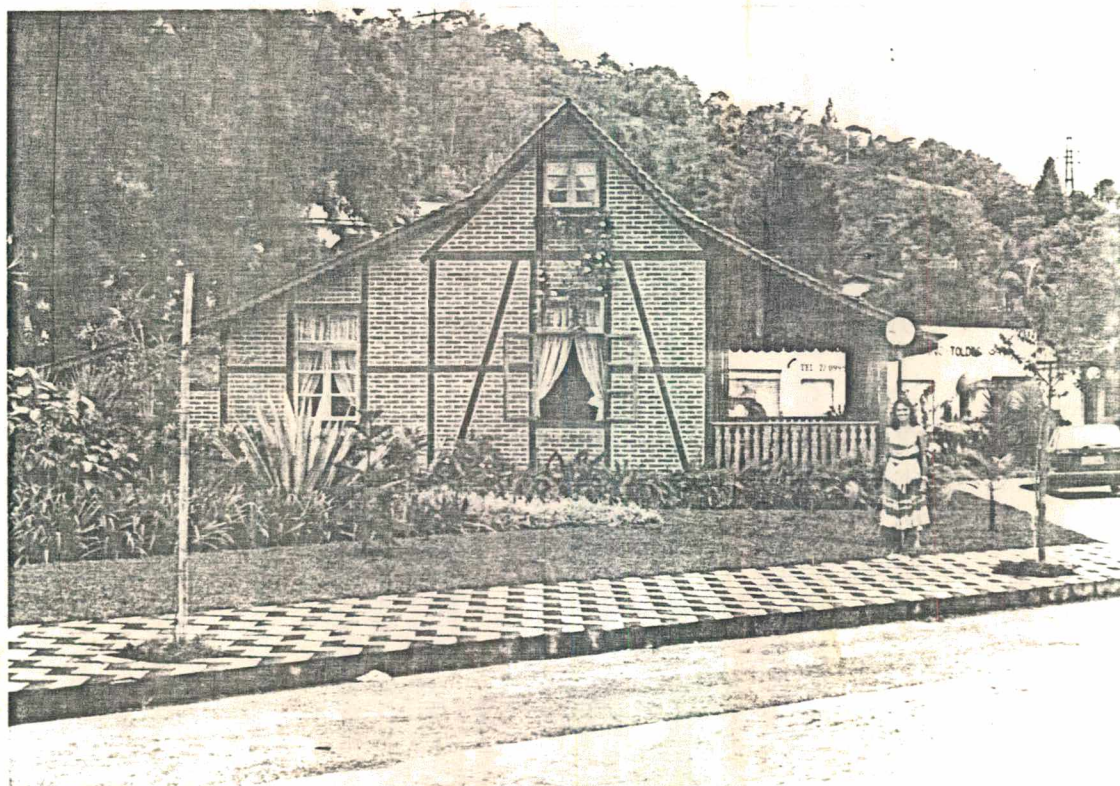
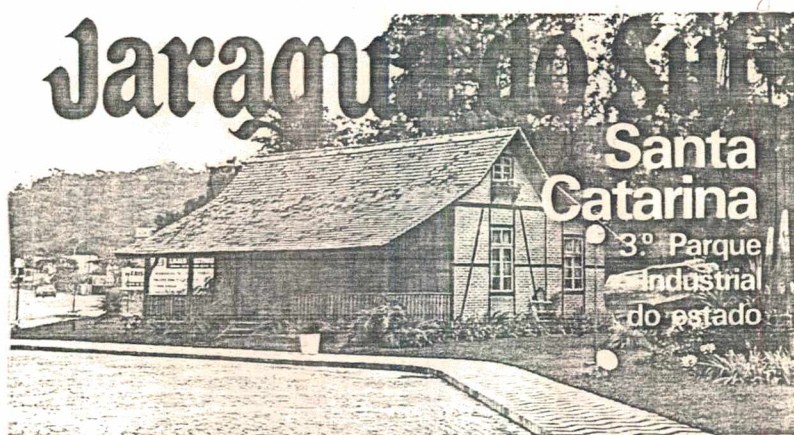
RODOVIAS MUNICIPAIS		ENTRADA	SAIDA
1	100	100	100
2	100	100	100
3	100	100	100
4	100	100	100
5	100	100	100
6	100	100	100
7	100	100	100
8	100	100	100
9	100	100	100
10	100	100	100
11	100	100	100
12	100	100	100
13	100	100	100
14	100	100	100
15	100	100	100
16	100	100	100
17	100	100	100
18	100	100	100
19	100	100	100
20	100	100	100
21	100	100	100
22	100	100	100
23	100	100	100
24	100	100	100
25	100	100	100
26	100	100	100
27	100	100	100
28	100	100	100
29	100	100	100
30	100	100	100
31	100	100	100
32	100	100	100
33	100	100	100
34	100	100	100
35	100	100	100
36	100	100	100
37	100	100	100
38	100	100	100
39	100	100	100
40	100	100	100
41	100	100	100
42	100	100	100
43	100	100	100
44	100	100	100
45	100	100	100
46	100	100	100
47	100	100	100
48	100	100	100
49	100	100	100
50	100	100	100
51	100	100	100
52	100	100	100
53	100	100	100
54	100	100	100
55	100	100	100
56	100	100	100
57	100	100	100
58	100	100	100
59	100	100	100
60	100	100	100
61	100	100	100
62	100	100	100
63	100	100	100
64	100	100	100
65	100	100	100
66	100	100	100
67	100	100	100
68	100	100	100
69	100	100	100
70	100	100	100
71	100	100	100
72	100	100	100
73	100	100	100
74	100	100	100
75	100	100	100
76	100	100	100
77	100	100	100
78	100	100	100
79	100	100	100
80	100	100	100
81	100	100	100
82	100	100	100
83	100	100	100
84	100	100	100
85	100	100	100
86	100	100	100
87	100	100	100
88	100	100	100
89	100	100	100
90	100	100	100
91	100	100	100
92	100	100	100
93	100	100	100
94	100	100	100
95	100	100	100
96	100	100	100
97	100		

[illegible][illegible]

SPICALA GROUP CO.

198

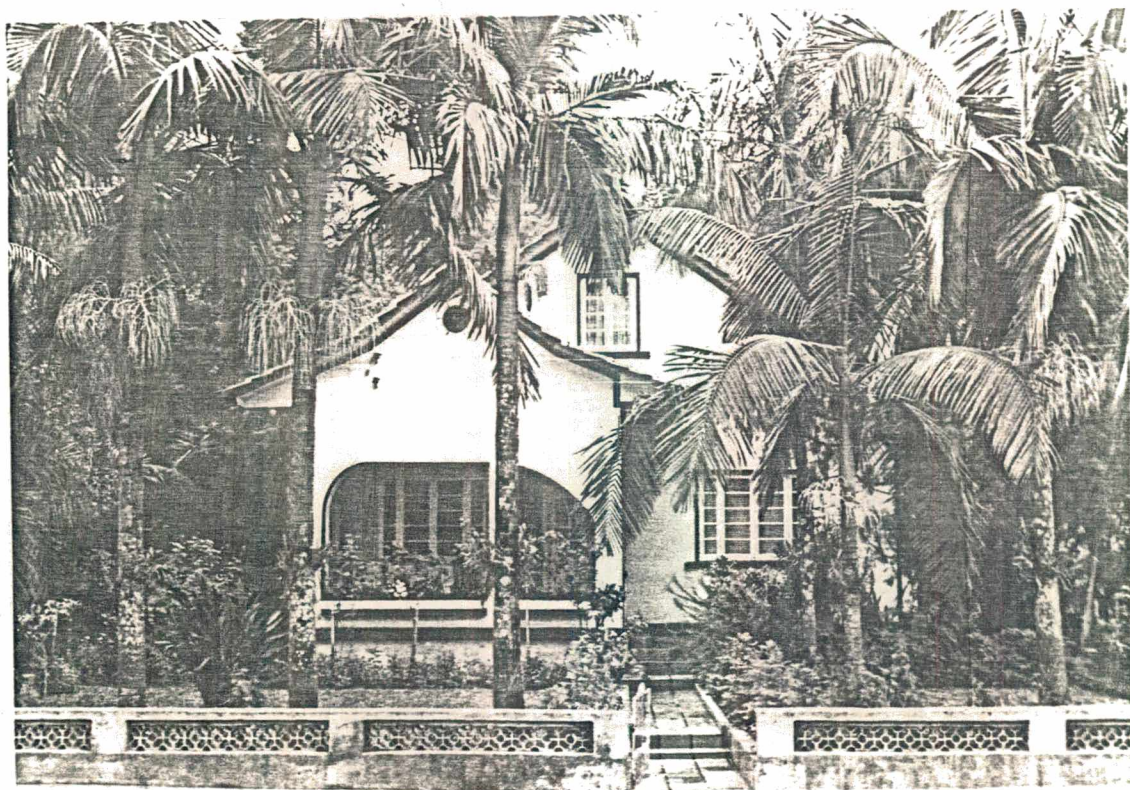
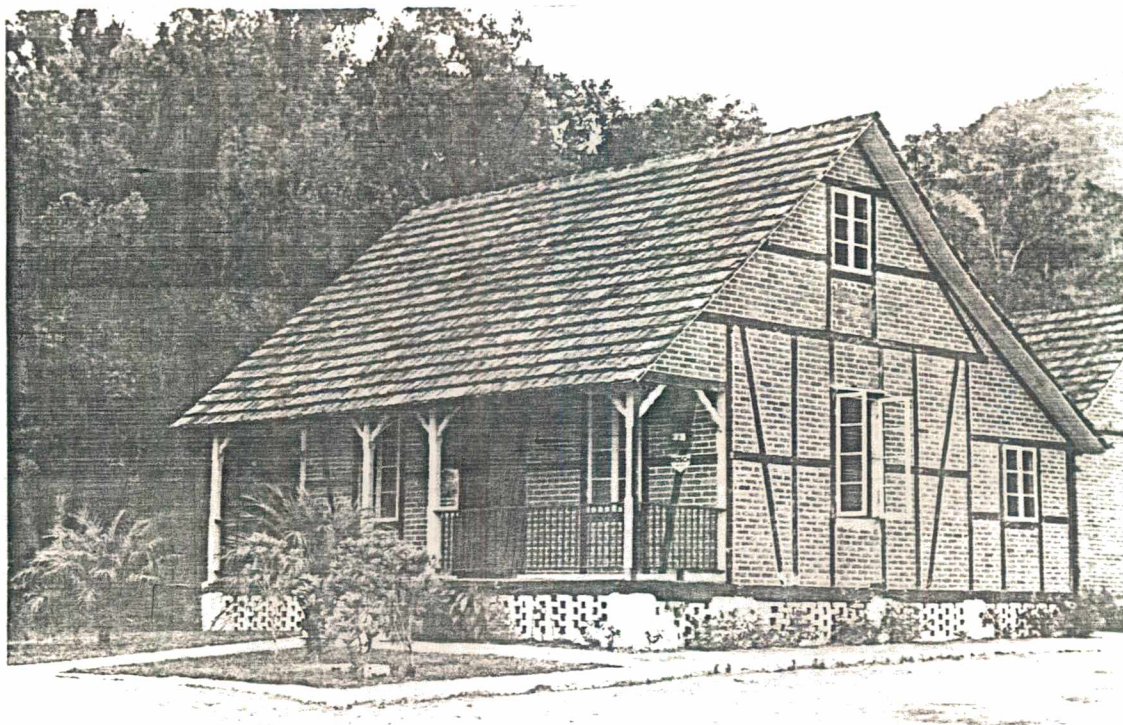










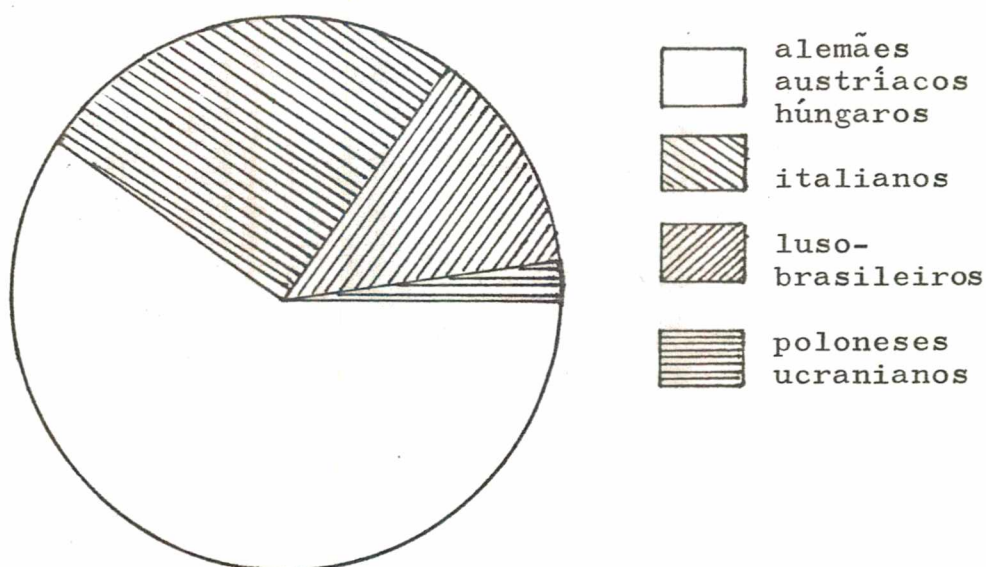




#### 1.4 COMPOSIÇÃO ÉTNICA DA POPULAÇÃO

Segundo informações obtidas em 1985 da Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul, a população constitui-se de cerca de 60 por cento de descendentes de imigrantes alemães<sup>5</sup>, 25 por cento de descendentes de italianos e cerca de 2 por cento de descendentes de poloneses e ucranianos. O resto da população (cerca de 13 por cento) seria constituído de luso-brasileiros.

Gráfico 1: composição étnica da população de Jaraguá do Sul



#### 1.5 OS ALEMÃES EM JARAGUÁ DO SUL E SEU DIALETO

Dados históricos nos levam a verificar que os conceitos de "alemães" e "austríacos" adotados pela popula-

<sup>5</sup> para 75.000 hab., 60 por cento representam 45.000 hab. de descendência alemã

ção ao citar sua descendência, em geral, são um pouco vagos.

Em Silva (1976: 126 ss.), encontramos a "Relação de imigrantes húngaros (sic) vindos a S. Pedro de Garibaldi entre 1891 e 1896". A listagem consta de 96 homens, dos quais 73 são assinalados na coluna de "observações" como sendo alemães, 20 são "magiares" (húngaros), 1 é tirolês e 2 são ucranianos. Tal fato talvez possa ser esclarecido porque naquela época a Hungria e o Tirol pertenciam ao Império Austro-Húngaro.

Mais adiante, Silva (1976: 206) nos apresenta a relação dos "colonizadores do Jaraguá, margem direita do Rio Itapocu (1896-1901)" com 35 nomes, dos quais 9 são brasileiros, 1 português, 7 alemães, 13 italianos (do Tirol!), 2 belgas, 1 austríaca e 2 suecos. Em diversas outras indicações em Silva (1976), constatamos que os grandes grupos de colonizadores em Jaraguá do Sul até o início do século consistiam de imigrantes provenientes do Império Austro-Húngaro e da Alemanha (Deutsches Reich). Mesmo a listagem dos primeiros imigrantes italianos chegados a Jaraguá (Silva, 1976: 206) nos mostra na coluna de "observações" que estes eram originários do Tirol e da região de Trento, ambas partes do Império Austríaco (ver mapa 5).

Quanto aos imigrantes alemães, verifica-se que procediam das mais diversas regiões do Império, sendo principalmente da Pomerânia e Saxônia, mas também de Württemberg, Holstein, Berlim, Lübeck, Hamburg, Hannover, Speyer e Brandenburg. Além disso, grande parte dos alemães a colonizarem Jaraguá eram provenientes de outras colônias próximas, como Joinville e Blumenau.

Piazza (1970) esclarece a questão dos italianos em Jaraguá, indicando que, por haver desacordos entre o Império Austríaco e as regiões do Norte da Itália por ele ocupados, muitos italianos do Trento e do Tirol ingressa-

ram no Brasil com passaporte austríaco. Lenard (1976) confirma tal afirmativa, apresentando em sua dissertação cópias de tais passaportes. Comenta ainda o fato de o Dr. Blumenau ter solicitado ao Cônsul Geral da Áustria o envio de "gente de língua alemã", e que recebera "austríacos" vindos do Trento, de fala e costumes italianos, o que lhe causava diversos problemas. Como os italianos não harmonizavam com o restante da colônia, predominantemente de fala alemã, foram levados a instalar-se na periferia, "nas terras mais pobres ou (...) infestadas por malária (...)". As colônias italianas "formaram a linha divisória, uma espécie de barricada entre os índios e a colônia alemã" (Lenard, 1976: 49). De forma análoga parece-nos a situação dos italianos em Jaraguá do Sul. Segundo informação da Prefeitura, ainda hoje, a maior parte das colônias italianas situa-se na parte norte do município.

Outro aspecto interessante é que a partir de 1916 (Silva, 1976: 336) verifica-se a chegada de numerosas famílias deslocadas das colônias de S. Pedro de Alcântara, Angelina, Santo Amaro, Palhoça e Teresópolis, entre outras, quase todas descendentes de alemães emigrados das províncias do vale do Reno, entre os anos de 1826 e 1828 (ver mapa 6).

Como se vê, é bastante difícil situarmos a origem dos imigrantes de fala alemã de Jaraguá do Sul, pois envolveria praticamente todas as regiões da Europa Central. Conseqüentemente teríamos dificuldade em definir distribuição dos dialetos alemães na Europa.

Sabe-se que a distribuição das colônias favorecia sobremaneira a segregação étnica, cultural e social (Silva, 1986: 33). Tal fato levou as colônias, desde cedo a desenvolverem uma certa autonomia, caracterizada pela formação de minifúndios que se dedicavam à policultura, garantindo a auto-suficiência no abastecimento local. Tal fato possi-



bilitou a evolução de um comércio em pequena escala, não especializado, que se desenvolveu em artesanato, o que mais tarde levou à industrialização (Dekker, 1988). Consta ainda que as colônias alemãs em Santa Catarina, de modo geral, concentraram-se em áreas que as tornavam bastante isoladas, sem maior contato com os núcleos de fala portuguesa durante várias décadas. Formaram-se assim, "núcleos colonizadores etnicamente homogêneos, nos quais a lenta introdução de elementos de outras etnias não modificou o sistema de organização familiar, nem o estilo de vida, nem a filosofia de trabalho" (Dekker, 1988).

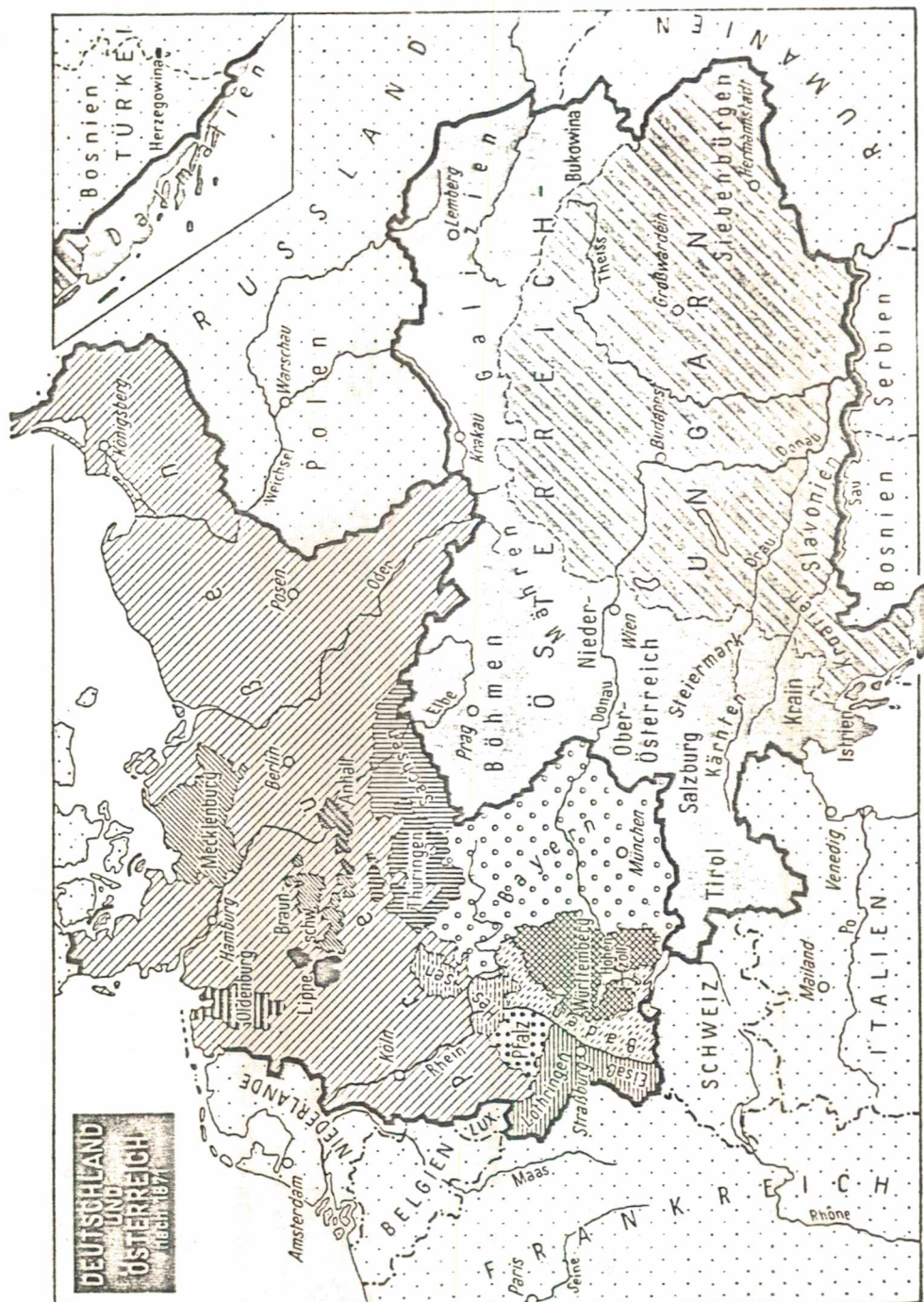
Verifica-se que a manutenção de redes de comunicação bastante fechadas e densas, conseqüentes do isolamento das colônias, deve ter contribuído para a manutenção da fala alemã nesta região, através das gerações, após mais de 100 anos de colonização.

Com relação ao tipo de dialeto alemão falado, parece-nos impossível identificá-lo com os dialetos da Europa. É verdade que apresenta vários elementos lexicais do dialeto Pomerano, mas, ao mesmo tempo, aproxima-se muito mais do "Umgangsdeutsch" (alemão coloquial), universal no território lingüístico alemão. Mesmo quando indagados, muitos informantes nos afirmaram que na região urbana de Jaraguá do Sul se fala mais o "Hochdeutsch" (alemão padrão) e nas áreas rurais o Pomerano e o Francônio (Hunsrückisch) (ver mapa 7). Pelas informações históricas obtidas, é mais provável que tenha havido uma fusão dos diversos dialetos trazidos pelos diversos imigrantes, originando-se um novo falar alemão com infiltração de elementos do português.

Behares (1987: 17) afirma que as línguas em contato no Brasil têm por característica comum a desestandardização, pois, na realidade, trata-se neste caso de um dialeto português que entra em contato com um dialeto alemão (ou mais).

A afirmativa de Behares foi comprovada, como veremos mais adiante, pelo uso generalizado no falar alemão local de elementos lexicais que de fato provém de variantes regionais do Português.

Além disso, seria conveniente considerarmos aqui a possível existência de bilingüismo com diglossia (Ferguson, 1959), em que teríamos não apenas o uso de duas línguas diferentes, mas ainda uma competência em duas variantes da mesma língua (no caso, de um dialeto teuto-catarinense e do alemão padrão).



Mapa 5 - A Prússia (Alemanha) e a Áustria em 1871

Fonte: RÖTHIG & STELLMANN, 1967.

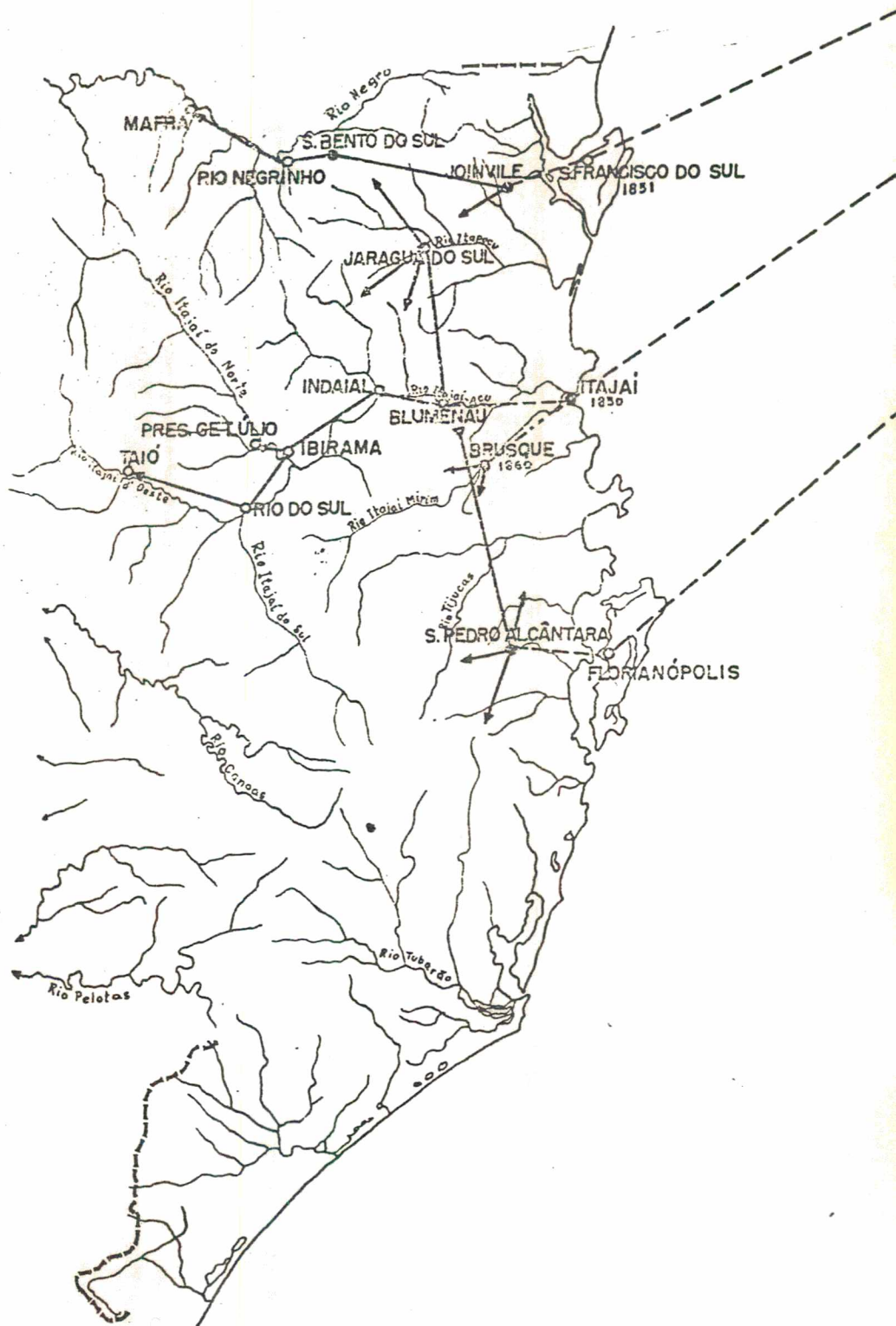






# COLONIZAÇÃO ALEMÃ

10 0 10 20 30 40 50 Km



Mapa 7

Fonte: PIAZZA, 1970

## 2. A TEORIA

### 2.1 ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE O BILINGÜÍSMO

Vários são os autores que já se ocuparam em definir metalingüísticamente o que se entende por bilingüismo. Kahmann (1987: 28-34), em sua dissertação, situa-nos dentro de um verdadeiro mar de definições que vão desde Weinreich (1953) até Clyne (1972), cada um dos autores tentando salientar esse ou aquele aspecto que considera importante para delimitar o conceito. De fato, são vários os aspectos envolvidos pelo uso de diferentes variantes, dialetos ou línguas por um mesmo indivíduo ou por um grupo de pessoas dentro de uma comunidade, de uma região ou até mesmo de um país. Aspectos esses que podem ser remetidos às mais diversas disciplinas. Por esse motivo, afirmaremos, apoiados em Fishman (1968, apud Dittmar, 1977: 171), que, para chegarmos a uma teoria sociolingüística integrada do bilingüismo, temos que considerar seu estudo como interdisciplinar. Tal afirmativa lembra-nos uma idéia básica de Saussure de que a Lingüística tem vários pontos em comum com outras ciências, entre elas, a Sociologia, a Psicologia, a Fisiologia e a Filologia (Saussure, 1916 - ed.bras. 1975: 13-14).

Com efeito, são vários os aspectos sociais que envolvem o uso de duas línguas dentro de uma comunidade. Por exemplo, no caso de Jaraguá do Sul, poderíamos questionar até que ponto a urbanização e industrialização vêm influenciando no bilingüismo de seus habitantes. Como as mudanças sociais afetam a comunicação do grupo? Como estas modificam a avaliação de cada língua e o status social e os significados associados a ele? Como as mudanças sociais afetam as estratégias comunicativas dos falantes, de tal

maneira que os indivíduos sejam motivados a trocar de código de teração? Como as mudanças sociais poderiam levar ao desaparecimento do alemão como língua de comunicação cotidiana em Jaraguá do Sul? Ou a se manter o bilingüismo? (Gumperz, 1982; Gal, 1979).

Por outro lado, temos no uso de duas línguas por um indivíduo uma série de fatores psicológicos a considerar. Afinal, poderíamos nos perguntar o que leva uma pessoa a usar duas línguas, se uma só poderia lhe ser suficiente para a comunicação. Como se processa a coordenação dessas duas línguas na mente do falante bilíngüe, até que ponto as línguas se encontram separadas, em que pontos se misturam, sobrepõem ou provocam interferência uma na outra? Em que língua pensa, sonha, lembra um bilíngüe, faz cálculos mentais, reza, ri? Como se processa a aprendizagem das duas línguas e até que ponto esta influencia o bilingüismo do indivíduo? Como pode ocorrer o esquecimento de uma das línguas? (Dittmar, 1976; Mackey, 1962; Weinreich, 1953).

Além desses questionamentos levantados pela Psico e pela Sociolingüística, temos ainda outras ciências que atualmente vêm se interessando pelo fenômeno do bilingüismo. A Etnolingüística se pergunta, por exemplo, até que ponto o uso de duas línguas está relacionado a questões de identidade étnica e cultural. Como as características étnicas de um grupo influenciam as línguas de sua comunidade, quais as relações entre a natureza, a mutabilidade e manipulabilidade étnica e as transformações lingüísticas? Como o processo de polarização étnica influencia o bi ou multilingüismo? (Fishman & Parkin, apud Giles, 1977).

Recentemente, a Neurolingüística vem questionando aspectos da organização cerebral, da representação na memória (competência lingüística) e dos processos de compreensão e de produção de enunciados (performance lingüística).



tica) nas duas línguas dos falantes bilíngües (Paradis & Lebrun, 1983: 7). Perguntam-se os cientistas quais os mecanismos de separação funcional das duas línguas e como se realiza a passagem de uma a outra língua, principalmente nos processos de tradução (Obler, 1983: 33 - 44; Galloway, 1983).

Em nosso estudo sobre a situação de bilingüísmo em Jaraguá do Sul não podemos deixar de considerar aspectos dialetológicos, pois, na realidade, a nenhuma das duas línguas utilizadas caberia a denominação de padrão: o português falado corresponde a uma variante regional e o alemão falado consiste de uma mistura de elementos dialetais alemães, portugueses e de neologismos criados por transferência do português para o alemão. E se considerarmos a preocupação básica da Dialetologia, que é gravar e preservar formas dialetais antes de serem extintos, veremos uma necessidade em estudarmos aspectos do dialeto alemão falado em Jaraguá do Sul. Trudgill (1982) nos fala das contribuições recíprocas que podem ser feitas entre a pesquisa sociológica e a dialetológica, pois ambas, na realidade, se preocupam em gravar o vernáculo.

Vemos, portanto, após citar essa série de exemplos sobre possíveis linhas de pesquisa envolvendo o fenômeno do bilingüísmo, que este, de fato, é um objeto de estudo bastante difícil de delimitar dentro de um conglomerado aparentemente heterogêneo de disciplinas, mas que, de uma forma ou de outra, têm algo em comum. É que, realmente, o estudo do bilingüísmo envolve uma relação interdisciplinar entre Linguística, Psicologia, Sociologia, Etnologia, e outras. E esses interrelacionamentos devem ser observados.

E, com isso, sentimo-nos forçados a perguntar: a que estamos nos referindo, quando falamos de bilingüísmo? Em que teorias nos baseamos para formarmos o nosso

conceito, conceito esse que deverá representar a linha mestra deste nosso estudo?

Traçaremos, a seguir, algumas linhas teóricas que nos orientaram ao definirmos nosso estudo sobre o bilingüismo em Jaraguá do Sul e o processo de mudança de língua que lá esta ocorrendo.

### 2.1.1 Bilingüismo, um problema de delimitação

Talvez a definição mais ampla e elástica seja a de Weinreich (1953: 1), que caracteriza o bilingüismo como "a prática de usar alternadamente duas línguas". Se bem que Weinreich tenha situado seus estudos mais a nível dos fenômenos de interferência que ocorrem na fala dos bilingües como resultado de contato lingüístico.

Behares (1987: 2) parece concordar com a definição de Weinreich, embora imponha-lhe uma restrição ao afirmar que "por bilingüismo entendemos o contato real entre duas línguas. Isto quer dizer que a investigação sobre o bilingüismo é a daquelas situações nas quais duas línguas entram em contato".

Dittmar (1976: 170) coloca sua definição dentro da concepção saussuriana de que a língua é um fenômeno social (Saussure, 1916 - ed.bras. 1975: 15) ao delimitar que bilingüismo "é o termo usado para uma situação lingüística onde duas (...) línguas coexistem dentro dos limites de uma sociedade".

Já Hornby (1977: 3) parece simplificar a caracterização do bilíngüe, afirmando que "para ser considerada bilíngüe, uma pessoa deve ter a habilidade de usar duas línguas diferentes", enquanto Bloomfield (1933, apud Horn-

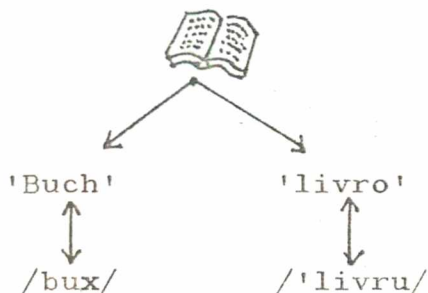
by, 1977: 3) determina que o termo só deveria ser aplicado àqueles indivíduos que têm habilidade de falante nativo em ambas as línguas.

Preferimos a definição de Mackey (1962, apud Fishman, 1968) de que o bilingüismo é uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis desde uma competência mínima até um domínio completo de mais de uma língua. E, com isso, nos defrontamos com o problema da avaliação do grau de bilingüismo, com <sup>que</sup> se preocupa o autor.

Com efeito, concordamos com Mackey (1968: 554) que o bilingüismo é um fenômeno lingüístico, que caracteriza o uso da língua. Para ele, trata-se não de "uma característica do código, mas da mensagem". Com isso, Mackey situa o fenômeno do bilingüismo no âmbito da "parole".

Já Weinreich (1953: 9), ao tocar no aspecto "langue/parole", caracteriza três tipos de bilingüismo, que foram aceitos e adotados por outros autores (Dittmar, 1977, Bell, 1976, entre outros):

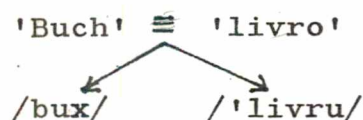
a) bilingüismo coordenado, no qual o falante atribui dois signos a um mesmo referente, com dois significados e dois significantes, respectivamente um em cada língua. Nota-se que a princípio é possível a referência dos dois signos a dois objetos distintos<sup>6</sup>.



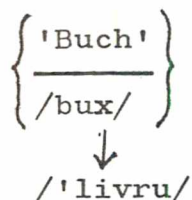
<sup>6</sup> Por exemplo, no caso do referente pão, um alemão faria uma conotação com um pão escuro e massudo, enquanto um francês conotaria um "baguette" leve e crocante, de farinha clara, um arabe relacionaria a um disco chato e seco de massa clara, e assim por diante.



b) bilingüismo composto, em que o falante atribue ao mesmo referente uma base semântica fundida, logo para ele há uma fusão de signos. Temos então um signo com dois significados e dois significantes. Neste caso, supõe-se a existência de um mecanismo que regule a separação dos mesmos, a fim de que não haja mistura de enunciados.



c) bilingüismo subordinado é aquele caracterizado pela tradução, em que, por exemplo, um falante de alemão aprende português e considera que 'livro' significa 'Buch'. Para ele, o termo português corresponde em si a um signo de um signo. Temos então um metasigno (Bell, 1976: 123).



Estes aspectos considerados por Weinreich ajudam-nos a compreender os mecanismos envolvidos ao ocorrer a troca de línguas comum à fala dos bilíngües, troca essa caracterizada por Mackey dentro do aspecto de alternância segundo tópicos, interlocutores e tensão (Mackey 1968: 568).

Mackey (1968: 554) chama nossa atenção para o fato de que enquanto "a língua é propriedade do grupo, o bilíngüismo é propriedade do indivíduo". Para ele, o fato de um indivíduo usar duas línguas distintas não implica na existência de uma comunidade bilíngüe, antes supõe a existência de duas comunidades lingüísticas diferentes, o que pode ser comprovado pelos 3 tipos<sup>de</sup> bilíngüismo apresentados

acima. Bell (1976: 131 s.) combina os tipos de bilingüismo de Weinreich com o aspecto de bi- ou monoculturalismo, do que resultam novamente três tipos de bilíngües:

a) bilíngüe coordenado monocultural — por exemplo, um estudante que aprende uma língua estrangeira apenas para fins práticos de pesquisa bibliográfica.

b) bilíngüe coordenado bicultural — por exemplo, uma pessoa que aprende uma língua estrangeira por razões integrativas, tais como conhecer pessoas, países, etc. e que estuda a literatura, história e aspectos culturais das comunidades que usam a língua estrangeira.

c) bilíngüe composto bicultural — por exemplo, o imigrante de segunda geração, que adquiriu duas línguas e duas culturas.

Com relação a esse terceiro tipo de bilíngüe, que aqui nos interessa mais, colocamos com Bell a questão se neste caso não teríamos um indivíduo com bilingüismo composto que apresenta uma cultura formada de elementos de ambas as culturas, fundidas em um todo coeso. Este aspecto é de grande interesse para a sociolinguística de enfoque microanalítico que se preocupa com o interrelacionamento entre língua e cultura e o significado social da escolha linguística (Bell, 1977: 132; Behares, 1987: 3).

Mackey (1968: 554) salienta a importância de não se confundir o bilingüismo com o conceito mais amplo de contato linguístico, considerado por Weinreich (1953: 1). O bilingüismo trata do uso de duas ou mais línguas por um indivíduo, enquanto o estudo de línguas em contato se preocupa com a influência direta ou indireta de uma das línguas sobre a outra, o que vai resultar em mudanças na "langue", as quais podem se tornar propriedade permanente de monolíngües, integrando assim o desenvolvimento histórico da língua (Weinreich, 1953: 11).



Para Mackey, o conceito de bilingüismo é relativo e, portanto, envolve questões de grau, função, alternância e interferência (Mackey, 1962: 555). Exemplificando melhor, podemos colocar as seguintes questões, com relação ao bilingüismo de um indivíduo:

- 1 - Até que ponto o falante é bilíngüe? Como é o seu domínio de cada uma das línguas usadas?
- 2 - Para que funções usa as suas línguas? Em que situação usa uma das línguas, em que situação a outra?
- 3 - Até que ponto o bilíngüe alterna as duas línguas? Sob que condições passa de uma para outra?
- 4 - Até que ponto o bilíngüe emprega as duas línguas separadamente? Até que ponto as funde como um sistema integrado? Quais os fenômenos de interferência manifestados pelo uso intercambiável das duas línguas? Como o uso de uma língua influencia o uso da outra?

Estas questões levantadas por Mackey em 1962 vêm orientando grande parte dos estudos sobre o fenômeno do bilingüismo, envolvendo ainda a questão de como e em que circunstâncias o falante bilíngüe adquire as línguas e se ele é socializado em ambas as línguas e aprende a usá-las lado a lado para diversas funções (bilíngüe coordenado), ou se, pelo contrário, o bilíngüe só aprendeu a 2ª língua após a primeira fase de socialização, com base no sistema de sua 1ª língua (bilíngüe composto).

O autor insiste em que se focalize o bilingüismo em seu complexo de características variando em grau, função, alternância e interferência, tudo isso ainda dentro do complexo de interrelações psicológicas, lingüísticas,

sociológicas e pedagógicas que o envolvem (p. 583).

Por sua vez, Marcellesi (1981: 5) introduz o conceito de "bilingüismo de massa", ou seja, aquele praticado por toda uma população que usa dois ou mais sistemas lingüísticos para comunicação, ampliando assim o conceito de Mackey de que bilingüismo seria característica do indivíduo.

"Quando falamos de 'bilingüismo de massa', significa que o bilingüismo de que tratamos não é de alguns indivíduos, mas de toda uma parte da população ou de uma população inteira".

O autor ainda relaciona o termo "bilingüismo de massa" definido assim a nível sociolingüístico, com o termo "diglossia", a fim de considerar aspectos sociolingüísticos, tais como: divisão dos códigos, conflitos lingüísticos e diferença de emprego, entre outros.

Esta relação entre bilingüismo e diglossia leva-nos a questionar até que ponto um está de fato relacionado ao outro, o que nos transporta à próxima discussão conceitual.

### 2.1.2 Bilingüismo e diglossia

Ferguson (1959 apud Giglioli, 1972: 99-116) emprega o termo "diglossia" para caracterizar a situação em que um indivíduo "utiliza duas ou mais variantes de uma mesma língua em diferentes condições". Cita então quatro exemplos considerados canônicos para casos de diglossia: o arabe, o grego moderno, o alemão suíço e o crioulo haitiano, todos eles caracterizando a coexistência de uma forma "alta" (high) da língua com uma forma "baixa" (low). Importante é sua

afirmativa de que as "duas variantes de uma língua coexistem numa mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel definido".

Esta afirmativa é retomada por Fishman (1967 apud Kremnitz, 1981: 64 s.), que amplia o conceito de diglossia, formulando categoricamente a distinção entre bilingüismo, que seria um fato individual do âmbito da psicolinguística, e diglossia, que seria antes um fato social, a ser abordado, portanto, pela sociolinguística.

Todavia, em um artigo escrito em 1971 (apud Dittmar, 1976: 177), admite que o conceito de diglossia cabe como critério para classificação de comunidades bilíngües, especificando, porém, que "diglossia é a forma de coexistência de duas (ou mais) variantes lingüísticas ou línguas, onde os valores de 'classe social' e 'funções relacionadas à classe' se complementam". Assim, Fishman considera que o termo "diglossia" denota qualquer situação em que diferenças claras entre sistemas lingüísticos estão correlacionadas estritamente a funções sociais, não se restringindo, portanto, à condição de envolvimento de duas variantes da mesma língua.

Fishman distingue, então, os dois conceitos, afirmando que "bilingüismo é essencialmente uma caracterização da versatilidade lingüística individual, enquanto diglossia é uma caracterização da distribuição social de funções entre diferentes línguas e variantes" (1972: 102).

Fishman propõe ainda um esquema de relações de ocorrência na matriz que segue (Fishman, 1972: 93):

#### DIGLOSSIA

BILINGÜISMO

	+	-
+	1. diglossia <u>e</u> bilingüismo	2. bilingüismo <u>sem</u> diglossia
-	3. diglossia <u>sem</u> bilingüismo	4. <u>nem</u> diglossia <u>nem</u> bilingüismo

Como aqui nos interessam mais as situações de bilingüismo, descreveremos a seguir somente as relações 1 e 2.

Na relação de diglossia e bilingüismo, temos uma distribuição estável de variantes lingüísticas, variando estritamente de acordo com as funções sociais, e uma forma mais flexível de coexistência de duas línguas. O autor considera, entretanto, que pouquíssimas devem ser as comunidades lingüísticas a apresentarem um comportamento bilíngüe e de diglossia (p.ex.: Estados Unidos, Índia, Paraguai, Suíça), pois tais comunidades envolvem uma nação inteira, o que requer um bilingüismo extremamente difundido (Fishman, 1972: 93).

Nas situações em que há bilingüismo sem diglossia, Fishman considera que se verifique uma clara diferença entre ambos: "A diglossia é caracterizada por uma distribuição social rígida de suas funções, enquanto o bilingüismo pode ocorrer de maneiras diversas, de acordo com as circunstâncias sociais e individuais". Este seria o tipo de bilingüismo comum à maioria das sociedades. O autor considera ainda que uma situação dessas, em geral, não é estável, estando antes sujeita a mudanças rápidas devido a sua correlação com parâmetros sociais extremamente variados (reassentamento, imigração, movimento de trabalhadores estrangeiros, etc.).

Ora, Kremnitz (1981: 65) observa que a diglossia evolui dentro de uma sociedade concreta e que as condições de diglossia mudam sempre que as relações sociais mudam. Considera que, ao falarmos das diferentes funções assumidas pelas variantes lingüísticas, devemos também observar que estas funções são datadas de diferentes graus de prestígio social e que, conseqüentemente, "o domínio de certas formas lingüísticas poderia conferir ao indivíduo (ou ao grupo) um prestígio mais alto, o qual, a longo prazo,

poderia influenciar os estatutos sociais". Kremnitz (1981: 72) conclui que "o indivíduo que tem um potencial bilíngüe, que domina duas línguas, faz uso diglósico em quase todos os casos".

Já Hawkins (1983: 2) demonstra que há uma diferença entre uma situação diglósica e uma mera variação de estilo de uma língua e que essa diferença é tanto de grau como de espécie. A diferença de grau seria demonstrada pela definição de Ferguson (1959) de que em casos de diglossia "há uma variedade superior muito divergente e altamente codificada (...) aprendida longamente pela educação formal e usada (...) para fins de escrita e de fala formal, mas não (...) para conversação ordinária". De fato, todos os exemplos canônicos de diglossia acusam diferenças profundas entre a variante alta e baixa, diferenças que, segundo Hawkins, "não podem ser devidas ao assunto ou tópico, participante, local, etc". Já a diferença de espécie entre diglossia e variação estilística seria demonstrada pelo fato de que, no caso de diglossia, as variantes exibem uma série de estilos, além de o âmbito de cada um poder se sobrepor.

Fica para nós, portanto, claro que, embora em muitas comunidades bilíngües seja verificado o uso regular de uma variante para finalidades mais públicas ou formais e outra para situações mais informais ou coloquiais, a diglossia é um fenômeno que pode ou não ocorrer tanto em comunidades monolíngües como bilíngües. O que se pode observar na maioria das comunidades bilíngües é antes uma variedade de estilos em cada língua do que propriamente tipos diferentes de variantes.

E para nosso presente estudo, até que ponto seria importante definir o aspecto de diglossia dentro do bilíngüismo de Jaraguá do Sul? Até que ponto o aspecto de diglossia pode ser importante dentro do processo de mudança de língua?

Susan Gal (1979: 11), que orientou a metodologia escolhida para nosso estudo, afirma que

"... a mudança de estilo e a mudança de língua são funcionalmente muito similares, pois o mesmo tipo de contexto ou intenção comunicativa que levaria um monolíngüe a mudar de um estilo coloquial para outro formal também induziria um bilíngüe a mudar de uma língua para outra."

A autora considera que em comunidades bilíngües seria possível observar não só uma escolha entre as línguas disponíveis aos falantes, mas também uma escolha entre estilos de cada língua.

Na realidade, não nos foi possível, em nosso trabalho de campo, identificar variantes dentro do alemão falado. Apesar de desenvolvermos conversação informal com os informantes, não conseguimos verificar variação de estilo. É possível que a explicação para tal fato repouse na própria situação de entrevista (ver 4.1).

Gumperz (1970 apud Gal 1979: 9) sugere que mesmo nas comunidades mais sociáveis, os falantes fazem uma distinção entre variantes usadas com e por pessoas identificadas pelo falante como pertencentes a seu grupo e variantes usadas com e por membros exteriores ao grupo. Considerando que nós representávamos pessoas não pertencentes ao grupo, pertencentes a grupo dominante (nível superior, vindo da universidade) e que, além disso, toda situação de entrevista é formal e também levando em conta que a escolha da variante é feita conforme o contexto e o ambiente, é possível que no contexto formal resultante o informante tenha escolhido uma variante mais formal. Isso, contudo, não significa que não sejam usadas em Jaraguá do Sul variantes informais com funções distintas. Estas poderão ser assunto de estudos futuros. No presente estudo, como já mencionamos no início, pretendemos descrever apenas o uso alternado das duas línguas, alemão e português, definido pelas redes de comunicação a que o falante é exposto.

## 2.2 MANUTENÇÃO E PERDA DE UMA LÍNGUA - A MUDANÇA DE CÓDIGO (language shift)

São inúmeros os fatores que levam à troca de língua na fala de indivíduos bilíngües. De modo geral, admite-se que as comunidades lingüísticas têm em comum uma diferenciação funcional razoavelmente clara das duas línguas, dividindo o uso das mesmas em domínios determinados pelos aspectos de local, participante e assunto (Lyons, 1982: 258-9). Desta forma, temos, por exemplo, o uso da 1ª língua localizado em ambiente doméstico,<sup>os</sup> participantes sendo os membros da família, conversando sobre assuntos domésticos. Já a 2ª língua é usada fora da casa, com outras pessoas, falando-se sobre outros assuntos. Esta delimitação, citada à guisa de exemplo, absolutamente não é tão clara nem tão simples na realidade, pois há várias possibilidades de cruzamento dos aspectos determinantes dos domínios, como por exemplo, quando um grupo de pessoas da mesma família conversa em casa sobre assuntos não domésticos. Assim, consideramos que uma mudança de situação no valor de uma das variáveis que determinam o domínio pode provocar uma mudança de código. Por exemplo, duas pessoas tratando de negócios podem mudar de uma língua para outra de repente, apesar de ambas as pessoas pertencerem ao mesmo grupo étnico e lingüístico, apenas pelo fato de mudarem<sup>o</sup> assunto da conversa, por exemplo, de negócios para questões mais pessoais.

Esta alternância no uso de duas línguas pode, contudo, ser orientada por características sociais. Neste sentido, grupos socialmente determinantes podem ser ao mesmo tempo os grupos lingüisticamente determinantes, o que origina a situação de língua dominante e língua dominada (Kremnitz, 1981: 65).

Por sua vez, o jogo entre dominante e dominado pode levar ainda mais longe. A língua dominada pode ser restrita a cada vez menos ambientes, menos participantes e menos assuntos. A passagem de uso de uma língua para o uso de outra língua é o que vai nos ocupar nesse capítulo, pois julgamos que a compreensão do processo de mudança de código pode nos esclarecer melhor a possível manutenção ou perda de uma língua.

### 2.2.1 A configuração de dominância

Uma das formas usadas para determinar se uma língua se encontra em situação estável ou de mudança é através da "configuração de dominância" descrita por Fishman (1971 apud Dittmar 1977: 178-180). Esta dominância estaria relacionada a condições sociopolíticas e a certos fatores de prestígio atribuídos à variante lingüística.

A dominância é verificada, observando-se se uma língua aumenta seu domínio de uma esfera a outra, ou se, ao contrário, seu uso decresce.

Considera-se, de modo geral, que a família tem características conservadoras com relação à língua. Assim, uma língua usada no meio familiar tem mais chances de se manter. Além disso, outro fator importante para a estabilidade de uma situação bilíngüe é a característica de seus falantes: se aprenderam duas línguas interdependentemente (bilíngüe composto) ou independentemente (bilíngüe coordenado) (Dittmar, 1977: 178).

Fishman mostra-nos um esquema do momento de dominância observada na aculturação de imigrantes americanos na virada do século (apud Dittmar, 1977: 179), cujo processo de mudança lingüística atravessa quatro estágios. Para



que o exemplo fique bem claro, adaptaremos a situação descrita por Fishman à que estamos analisando: a possível mudança de código em andamento entre os descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina:

1. Bilíngüe composto (fusão)

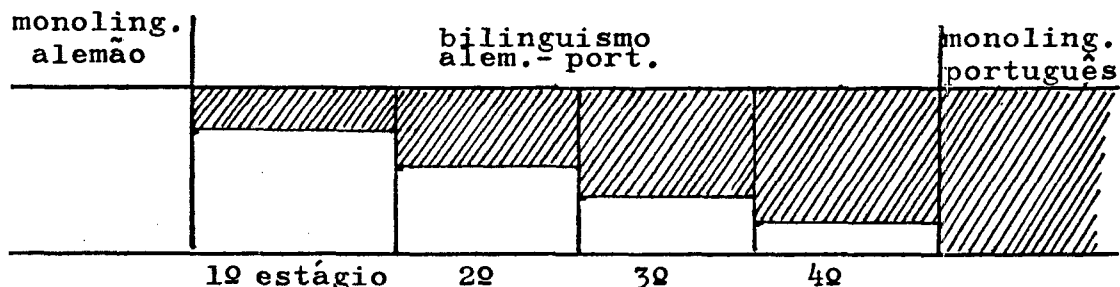
- 1.1 - Estágio inicial: o imigrante aprende o Português a partir de sua língua materna (o alemão). O Português somente é usado em poucos domínios (esfera do trabalho e administrativa), nos quais o Alemão não pode ser usado. Interferência mínima. Poucos imigrantes falam pouco Português.
- 1.2 - Segundo estágio: mais imigrantes falam mais Português e, com isso, podem conversar entre si tanto em Alemão como em Português (ainda mediado pela língua materna) em vários domínios de comportamento. Interferência aumentada.

2. Bilíngüe coordenado (independente)

- 2.1 - Terceiro estágio: as línguas funcionam independentemente uma da outra. O número de bilíngües atinge o máximo. A sobreposição dos domínios atinge o máximo. Interferência estabilizada.
- 2.2 - Quarto estágio: o Português substitui o alemão em todos os domínios, exceto nos mais privados. A interferência diminui. Na maioria dos casos, ambas as línguas funcionam independentemente; em outros o alemão é mediado pelo Português (direção inversa do estágio inicial, mas do mesmo tipo).

Em resumo, à medida que aumenta o domínio da língua portuguesa, diminui o do alemão. Tal mudança pode ser

representada graficamente conforme segue:



Fishman afirma que principalmente condições sociopsicológicas e sociopolíticas são responsáveis pela configuração da dominância. O autor cita três aspectos principais da mudança de código:

- "1 - A preservação lingüística é uma função da integridade de grupos, especialmente de manifestações ideológicas de lealdade grupal em contextos nacionalistas.
- 2 - Habitantes de áreas urbanas tendem mais à mudança de código do que habitantes de áreas rurais.
- 3 - A língua de maior prestígio substitui a de menor prestígio".

Estes três aspectos também se encontram claramente definidos dentro das idéias de Schaden (1954) ao falar sobre os problemas enfrentados por imigrantes e descendentes de imigrantes alemães no Brasil.

#### 2.2.2 Bases históricas para mudança de código em Santa Catarina

Com base em motivos histórico-econômicos, Schaden nos prova que a vinda de alemães para o sul do Brasil visava basicamente prover "braços para a lavoura". Aí se encontraria a raiz dos problemas culturais entre luso-brasileiros e imigrantes e descendentes de alemães. Segundo o

autor, ao brasileiro não importava se o alemão sabia ler ou escrever ou se seus filhos o sabiam, o que importava era o seu trabalho: "deviam roçar, plantar muito e colher mais" (Schaden, 1954: 182). Por outro lado, o Estado exigia que os alemães e seus filhos aceitassem a língua portuguesa e as formas de vida lusobrasileiras. Dentro desse conflito cultural, originou-se uma paisagem cultural teutobrasileira, que apresenta uma configuração própria, para o alemão em geral brasileira demais, para o lusobrasileiro alemão demais.

Estas seriam causas originais da formação de colônias fechadas e em geral uniformes quanto à população, nas quais os costumes e a língua puderam se manter sem problemas. A cultura teuto-brasileira vem se desenvolvendo, ao longo desses quase 160 anos de colonização, originando muitas características inconfundivelmente próprias (Schaden, 1954: 185). Tal afirmativa é válida para todas as esferas culturais, desde a língua e relações sociais até a técnica de cultivo do solo (Willems, 1946).

Ora, a essência de uma identidade nacional está na transmissão de valores e formas de comportamento comuns, nos costumes herdados dos pais, na avaliação do que é bom, direito e belo herdada dos antepassados. Se o imigrante ou seu descendente perde essas peças de seu quebra-cabeça cultural, perde sua identidade nacional.

A melhor medida para definir o processo de aculturação dos descendentes de alemães é fornecida pela língua. "Mais do que qualquer outra esfera cultural, é ela ao mesmo tempo conteúdo, portadora e expressão do caráter de um povo" (Schaden, 1954: 189). Segundo Schaden, nas colônias fechadas rurais, a mudança de código se dá em duas fases, que muitas vezes podem estar bastante distantes uma da outra temporalmente:

- primeiramente ocorre uma transformação no dialeto alemão falado, devido ao confronto com o novo meio geográfico e cultural;
- depois inicia o aprendizado do português, que é colocado em confronto com o alemão no dia-a-dia.

Nesta segunda fase de mudança, centenas de vocábulos portugueses são incorporados ao vocabulário teuto-brasileiro rural, muitas vezes com adaptação à fonologia e pronúncia alemãs. Essas adaptações podem chegar a tal extremo que já não mais se reconhece a origem lusitana do vocábulo. Essa 2ª fase seria uma fusão do 2º com o 3º estágio definidos por Fishman para o movimento de dominância.

A mudança de código tem ainda outras causas, de fundo sociolinguístico, que tentam explicar as relações entre adaptação linguística e cultural. Segundo Willems (1946: 307), sempre houve grande permeabilidade linguística por parte dos colonos alemães, devido a sua disposição a abandonar o alemão e adotar o português, por ser este último símbolo de prestígio e civilização. Para o colono alemão, a língua portuguesa representa o símbolo de posição social mais elevada que possa ter um cidadão participante da vida política e pública; é também símbolo do progresso urbano e da cultura economicamente abastada dos fazendeiros do planalto (Willems, 1946: 307-8 ; Schaden, 1954: 190). Além disso, a mudança de código é favorecida pela formação de centros industriais nas áreas de colonização. A soma de todos esses fatores permitiu que, mesmo nas regiões originalmente fechadas, onde durante décadas o alemão fora a única língua coloquial, pouco a pouco aumentasse a permeabilidade à invasão do português.

Schaden vê o perigo de desaparecimento do alemão mesmo no círculo familiar, se esse não for cultivado, afirmando que "muitos netos já não conseguem falar com seus

avós" (1954: 191). Mesmo porque, para a juventude teuto-brasileira, a língua portuguesa representa símbolo de progresso, de ascensão social, mas também de superação das condições de vida campesina.

Outro fator a ser considerado dentro do quadro histórico do processo de mudança lingüística alemão-português em Santa Catarina é, sem dúvida, o importante papel desempenhado pela "nacionalização do ensino" durante a Era de Vargas. A "Liga pró Língua Nacional", organizada nas escolas catarinenses, veio proibir o ensino em alemão, obrigando as crianças descendentes de alemães a um "dever de honra" de falarem entre si exclusivamente o português, como sinal de "lealdade à língua nacional". O português tornava-se, assim, a única língua na escola, não mais se aprendia o alemão padrão e sua escrita, o que tornaria o teuto-brasileiro inseguro em seu uso.

Durante nosso trabalho de campo, soubemos de alguns informantes mais idosos que, naquela época, continuou-se falando o dialeto alemão em casa. Mas, para escrever e para falar com estranhos que não entendiam dialeto, preferia-se usar o português. Não é difícil perceber que a "nacionalização do ensino" teve um efeito de "aculturação dirigida".

### 2.2.3 Mortalidade ou preservação da língua?

Schaden afirma que "não há elemento que una e relacione mais os homens do que a língua que têm em comum, a saber a língua materna em comum" (1954: 193). E para a preservação de uma língua numa comunidade, não o conhecimento, mas o uso desta dentro da família é decisivo.

Poderíamos dizer que a conhecida expressão de que "lá em casa só se fala alemão!", tão freqüente em famílias

de descendentes alemães, coloca-se conscientemente contra uma possível perda da herança cultural transmitida pelos antepassados.

E é, sem dúvida, ao aspecto de transmissão de herança cultural que devemos o fato de que ainda hoje, num núcleo urbano e industrializado como Jaraguá do Sul, encontramos famílias que cultivam a língua alemã. Afinal, se fôssemos considerar radicalmente as teorias até aqui expostas, o alemão já não deveria mais ser falado a partir da 3ª geração de imigrantes. Não devemos esquecer que, embora haja inúmeros motivos sociais para uma mudança de código, um forte motivo chamado "identidade étnica e cultural" se debate e se rebela contra eles, fazendo com que a língua dos antepassados, mesmo cheia de transferências e empréstimos, se mantenha através das gerações.

Vários autores já se preocuparam com os fatores que podem provocar mudança de código dentro de uma comunidade bilíngüe. Já citamos as idéias de um sociolinguísta (Fishman, 1971), um sociólogo (Willems, 1946) e um etnólogo (Schaden, 1954).

Temos ainda o trabalho de Nancy Dorian (1981) que estuda o ciclo de vida de um dialeto gaélico na Escócia. Dorian demonstra os fatores que levam à mortalidade linguística gradativa do dialeto em favor do inglês.

Segundo a autora, a estigmatização do dialeto levava a um isolamento social do grupo. A tentativa de abertura deste, para integrar-se com o resto da comunidade implicava integração linguística. É citado também o declínio do dialeto, provocado por movimentos nacionalistas, que excluíram o gaélico do currículo escolar. Assim, o inglês assumira mais domínios, recebendo o apoio institucional total. A partir desse momento, o bilingüismo passa a ser considerado de caráter transitório, desde que cessara também a transmissão do gaélico às novas gerações.



Com base em sua metodologia, Zanella (1985) verifica, com relação ao dialeto italiano, dentro do contexto lingüístico brasileiro, que este "não somente existe, como é falado, apesar de muitas modificações". Afirma, contudo, que "a mortalidade já está evidente em quase a metade dos descendentes italianos do município" (p. 210). Já Kahmann (1987: 115) constata que em Santa Cruz do Sul, RS, "o dialeto alemão é mais falado do que a língua portuguesa", demonstrando que seus informantes apresentaram maior competência em alemão do que em português.

Enfim, o quê provoca a manutenção do bilingüismo ou a mudança de código, parece-nos que já tem sido bastante explicado. Poucos são, contudo, pesquisadores que se preocuparam em descrever como a mudança ocorre.

Em busca de uma resposta para essa pergunta, encontramos os trabalhos realizados por Blom & Gumperz (1972), Gal (1979), Gumperz (1982) e Bortoni-Ricardo (1985), cujas linhas gerais traçaremos a seguir. Estes pesquisadores buscaram uma nova forma de explicação para a manutenção das línguas dentro das comunidades bilíngües, a saber, as características das redes de comunicação a que estão expostos os falantes.

## 2.3 ANÁLISE DAS REDES DE COMUNICAÇÃO:

### UM MODELO SINCRÔNICO E DIACRÔNICO PARA ESTUDO DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA

#### 2.3.1 Definições sociológicas

Em sentido amplo, a análise de redes é o estudo das relações existentes em um sistema em mudança. Em sistemas sociais, refere-se à análise das relações entre os indivi-

duos de um grupo (Bortoni, 1985: 69). Através desse tipo de estratégia de pesquisa, cada indivíduo num sistema é percebido pelo investigador e, por sua vez, o indivíduo percebe ou é levado a perceber a si próprio como um elemento num complexo de relações sociais (Guimarães, 1970 apud Bortoni, 1985: 69).

Este tipo de análise caracteriza-se por sua preocupação maior com aspectos lingüísticos funcionais do que formais. É um estudo relacionado à psicologia e à sociologia (antropologia social) que permite, com relação à sociolingüística, reconhecer os padrões e a densidade da comunicação como uma variável intermediária situada entre a língua e as características socio-ecológicas de uma comunidade lingüística (Hymes, 1974).

Dentro das definições sociológicas, o estudo das características das ligações entre as pessoas pode servir de meio para esclarecer o comportamento das pessoas nelas envolvidas.

O primeiro estudo sistemático das relações entre as características morfológicas de uma rede e o comportamento social foi desenvolvido por Barnes (1954 apud Bortoni, 1985: 75-77), que criou a imagem de um campo social com indivíduos representados por pontos e sua interação por linhas.

Barnes fixou as bases para a distinção entre sociedades rurais e urbanas nos termos da densidade de suas redes de interação. Caracterizou as populações rurais por uma rede mais densa ou fechada, o que leva a uma multiplexidade de relações, enquanto as populações urbanas ou sociedades de massa apresentam rede mais escassa ou frouxa e uma uniplexidade de relações. A noção de densidade pode ser exemplificada pelos dois sociogramas abaixo (fonte: Bortoni, 1985: 76).

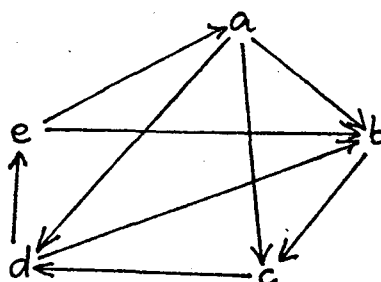


Fig. 1: estrutura de uma rede de alta densidade (trama fechada)

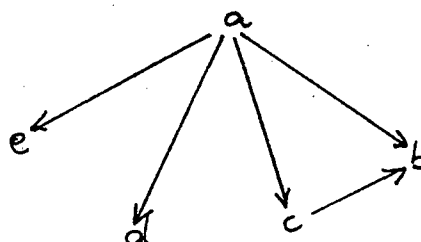


Fig. 2: estrutura de uma rede de baixa densidade (trama frouxa)

Afirma ainda que "a mudança de coesão que acompanha as condições de mudança socio-econômica é um bom índice para o estudo da mudança social".

### 2.3.2 A análise de redes aplicada à sociolinguística

Parece-nos que o ano de 1972 marca a aceitação deste método de análise pela pesquisa sociolinguística, pois surgem os trabalhos de Labov, Fishman e Blom e Gumperz. Estes e outros estudos feitos contribuíram para se compreender a complexa relação existente entre fatores sociológicos do bilingüismo ou diglossia em situações multilíngües ou multidialetais.

A abordagem da variação lingüística e da mudança de código feita através da análise da rede de relações dos falantes veio esclarecer o processo pelo qual comunidades bi- ou multilíngües tendem ou a um bilingüismo estável ou ao desaparecimento de uma variante em função da outra.

Todos os estudos tiveram como ponto em comum a relação entre o fechamento da rede e a manutenção da língua (ou variante), tiveram como local de pesquisa tanto comunidades pequenas expostas às correntes da inovação como grupos geograficamente definidos dentro de metrópoles e levaram à conclusão de que as redes de trama fechada estão associadas à preservação da variante não-padrão ou da língua minoritária e que as redes de trama aberta são caracterizadas pela preferência pela língua de domínio cultural ou nacional.

Blom & Gumperz (1972: 407-434), em pesquisa sociolingüística sobre o fenômeno da mudança de código, numa pequena vila no norte da Noruega (Hemnesberget), concluem que a preservação da situação diglôssica parece assegurada, enquanto o dialeto local mantiver seu valor como símbolo de distinção do grupo e de identificação dos falantes com o grupo.

Labov (1972) usa a técnica sociométrica para estudar quatro grupos de adolescentes das ruas do Harlem, demonstrando a relação existente entre o grau de integração dos garotos dentro do grupo e sua preferência pelo vernáculo inglês negro, concluindo que a estrutura coesa dos grupos exerce controle sobre o cultivo do vernáculo.

Já Gumperz observa em 1976 (Gumperz, 1982) uma comunidade rural bilíngüe do Gailtal em Kärnten, na Áustria, que estava envolvida em processo de modernização. Seu estudo concluiu que mudança de código em andamento, passando do eslovênio tradicional para o alemão, conside-



rado de prestígio revelava antes "mudanças básicas na estrutura das relações interpessoais do que alterações no ambiente extra-lingüístico" (Gumperz, 1982: 57).

Para nós, o estudo de Gumperz torna-se mais significativo, juntamente com o de Susan Gal (1979), que descreveremos mais adiante, pois ambos ocupam-se de comunidades bilíngües que estão vivendo uma fase de urbanização e conseqüente mudança de código, semelhante à situação de Jaraguá do Sul. Estes dois trabalhos serviram de base teórico-metodológica para nossa pesquisa, embora tenhamos feito restrições dos modelos originais, temendo "darmos um passo maior do que as pernas". Com efeito, a pesquisa de Gal constituiu sua dissertação de doutorado e foi desenvolvida com dedicação integral durante um ano de observação participativa do dia-a-dia de oito famílias e suas relações.

Mas antes de entrarmos em detalhes sobre o trabalho de Gal, julgamos importante salientar alguns preceitos básicos definidos por Gumperz, que serviram de orientação ao nosso trabalho.

### 2.3.3 Gumperz e as relações entre redes sociais e mudança de código

É de consenso geral que as fronteiras dialetais são mais exatas e conservam suas formas tradicionais enquanto persiste o isolamento da comunidade lingüística, ou no caso de a comunidade ter permanecido por longo tempo estável.

No entanto, se essa comunidade entra em processo de urbanização, as fronteiras dialetais caem e pode ocorrer uma rápida mudança lingüística. O desenvolvimento das vias de transporte, as migrações populacionais, o aumento

de mobilidade social, a centralização da educação, a maior exposição aos meios de comunicação de massa e a necessidade de dominar estilos de linguagem científica e burocrática, além de muitas outras características do processo de urbanização são citadas por Gumperz (1982: 38), Bortoni (1985: 108-111) e Koch (1986: 101) como fatores que levam a uma uniformização lingüística.

Apesar disso, em muitos centros urbanos e industrializados, as diferenças dialetais têm se mantido e parecem não tender ao desaparecimento. Gumperz (1982: 39) afirma até que "descendentes de grupos imigrantes mantêm sua identidade étnica mesmo muito tempo após terem-se perdido as línguas minoritárias originais" e insiste em que se dê um enfoque etnológico ao estudo da mudança de código, preocupando-se antes com o significado de seu desenvolvimento enquanto processo comunicativo como tal, do que com tratamento da comunicação como simples reflexo de possíveis causas originais. Em outras palavras, devemos investigar não o que originou a mudança de código, mas sim como se desenvolve o processo.

Gumperz objetiva com seu estudo etnolingüístico prover observações iniciais sobre os determinantes sociais e lingüísticos do processo de mudança de código. Sua metodologia baseia-se no exame de situações de comunicação numa pequena comunidade rural bilíngüe da Áustria, pesquisa essa desenvolvida ao longo de vários anos de contato com as famílias do local.

O estudo de Gumperz preocupa-se principalmente com a mudança de código verificada dentro de um mesmo discurso e verifica que por trás das estratégias de mudança de código ancontram-se as funções essenciais do discurso, tais como: distinguir a informação nova da velha, definir o grau de ênfase ou contrastividade, separar o tópico do sujeito, ou sinalizar a posição do falante com relação à mensagem (Gumperz, 1982: 49).

Citaremos um exemplo de Gumperz (1982: 48) de uma situação em que a mãe fala à filha, que pretende ir à cidade fazer compras: "Du mist mitgen (você tem que ir junto) u vlak (a Villach)".

A primeira parte do enunciado é em alemão e a segunda em eslovênio. Segundo Gumperz (p.48), aqui a mudança de código para o eslovênio sugere que o destino, Villach, é tratada como informação antiga, em contraste com a parte anterior da mensagem, que é nova.

Assim, verifica-se que as distinções de código e as convenções pragmáticas estão diretamente relacionadas às redes interpessoais e, se ocorre uma mudança nestas redes, conseqüentemente ocorre uma mudança lingüística básica.

Para o nosso estudo, é importante a conclusão do autor (p.57) de que a aprendizagem da língua em sociedades industriais modernas, "para ser efetiva na comunicação diária de imigrantes com culturas e línguas distintas, é tanto uma função da exposição real à nova língua como uma função das redes de associações que os falantes formaram no novo ambiente.

#### 2.3.4 Gal e os determinantes sociais de mudança lingüística

Susan Gal (1979) desenvolve em estudo socio-lingüístico e etnológico, examinando mais a fundo o processo de mudança de código em Oberwart, na Áustria, uma comunidade bilíngüe em húngaro e alemão. A partir dos processos históricos do desenvolvimento da cidade, que originaram diversidade social, observa que alguns desses processos tinham relação direta com o uso das diferentes línguas. A atual mudança de código verificada estaria relacionada com o caráter urbano assumido pela localidade desde o século

passado. "Oberwart hoje parece uma cidade moderna, apesar de suas pequenas dimensões" (Gal, 1979: 23). A modernização elevara a população jovem de agricultores a operários da indústria e o alemão tornara-se símbolo do progresso. A autora argumenta que "é através de seus efeitos na conformação das redes sociais, no status que os falantes pretendem assumir e na associação cultural entre variantes lingüísticas e grupos sociais que os fatores macro-sociológicos podem influenciar as escolhas lingüísticas dos falantes nas interações cotidianas" (Gal, 1979: 17). Sua conclusão primeira é que qualquer que seja o status social do falante, sua apresentação lingüística própria é delimitada por sua rede social.

Gal (p. 15) esclarece sua escolha pelo modelo de redes, dizendo que o uso deste para a análise da diversidade lingüística baseia-se no fato que as normas de uso da língua são em parte sociais. Logo, diferenças nas redes sociais das pessoas podem ser a causa do processo através do qual surgem as diferenças em suas normas e expectativas com relação ao comportamento lingüístico e, portanto, relativas à escolha de uma ou outra variante.

De modo geral, pode-se considerar que as redes densas exercem uma função de reforço à norma, que resulta no desenvolvimento de uma resistência às forças inovadoras. Conseqüentemente, a distinção intergrupai é enfatizada e os membros de redes fechadas são relativamente isolados de influências externas, inclusive dos valores lingüísticos padronizadores (Bortoni, 1985: 81).

Gal (1979: 15-16) observou precisamente que as redes não influenciam a língua diretamente, mas as características das redes podem influenciar a predisposição das pessoas a se identificarem com certo grupo social.



2.3.5 Bortoni e a urbanização como causa  
de mudança lingüística

Bortoni (1985) desenvolve estudo sobre a urbanização de falantes de dialetos rurais em Brazlândia, no Distrito Federal. É provavelmente o primeiro estudo sociolingüístico a se utilizar do modelo de redes numa situação brasileira.

Emprega o método sociométrico que permite um tratamento quantitativo das relações interhumanas preferenciais, através da medição dos contatos interpessoais (1985: 72). O procedimento foi adotado para fins de análise e comparação da rede do indivíduo dentro de uma comunidade migrante.

Suas principais conclusões são que:

- existe uma relação de coocorrência entre a motivação psicológica e social para a manutenção do vernáculo e a estrutura de redes em regiões urbanas;
- o papel da mobilidade social é crucial em estabelecer tais relações que também consideram o conflito entre prestígio e orientação da identidade;
- os indivíduos com redes abertos e uniplexas estão relativamente mais expostos à influência das normas de prestígio e, conseqüentemente, à mudança de seus hábitos de fala em direção ao código padrão (Bortoni, 1985: 96-97).

Assim, a autora vem reforçar a teoria de que uma comunidade em processo de urbanização tende lingüisticamente à padronização. Isso viria afirmar que a tendência em regiões urbanas bilíngües, com Jaraguá do Sul, seria

a de desaparecimento do alemão. Esse será um aspecto a ser considerado em nossa análise, buscando examinar quais são os canais mantenedores da língua minoritária nesta comunidade bilíngüe, em forte impulso urbanizador.

#### 2.3.6 Um modelo sincrônico e diacrônico

Uma característica importante do modelo de análise das redes de comunicação é exatamente que permite uma visão ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica do processo de mudança de código. Ao isolarmos características lingüísticas de falantes de diferentes gerações, estamos obtendo um índice de mutação lingüística ou seja, é possível reconstruir o processo (diacrônico) de mudança nos padrões de escolha da língua a partir dos padrões sincrônicos da variação (Gal: 1979: 17). Assim, a partir de um fato presente, é possível fazer-se o devido encaixamento histórico das variantes, através de um recorte transversal da amostra sincrônica, em função da faixa etária dos informantes (Tarallo, 1985: 64-65). Outro aspecto importante na mudança de código é que se trata de um processo e, como tal, não pode ocorrer de maneira radical e categórica a nenhum nível da variação. Antes, desenvolve-se a alternância entre a forma antiga e a forma nova — no caso de Jaraguá do Sul, entre o alemão e o português.

Se considerarmos, por exemplo, que uma primeira geração fala quase só alemão e muito pouco português, uma segunda geração fala alemão e/ou português e uma terceira geração já fala quase só português e muito pouco alemão, verificamos que a escolha de códigos vai desempenhar um papel importante nas funções comunicativas da geração do meio. Considerando, ainda, que a primeira geração se constitui basicamente de agricultores e artesãos

e que a segunda geração está implicada na ascensão social a profissões industriais ou administrativas, mais uma vez é esta a geração que representará a classe ascendente, na qual em geral se originam e se propagam os processos de mudança lingüística (Tarallo, 1985: 67). Em outras palavras, é a geração intermediária que atua no processo de mudança de código, pois é o grupo bilíngüe que define as funções de emprego das duas línguas. É este grupo que atribuirá às línguas as conotações de valor e status.

Vemos assim que na mudança de código, a passagem do uso de uma língua para a alternância entre duas línguas ocorre quando essas variantes assumem significados sociais que os falantes podem manipular durante a interação. Desta forma, a estrutura da mudança de código está ligada às funções para as quais os falantes usam as línguas e este uso, por sua vez, vai promover a mudança lingüística.

No caso de Jaraguá do Sul, semelhante à situação de Oberwart (Gal, 1979: 21), enquanto mudanças sociais de grandes dimensões levam a mudanças no status das pessoas e nas redes de relações, ocorrendo portanto uma mudança na associação das línguas às identidades sociais, a mudança de código só é verificada quando as gerações mais novas usam as novas conotações das variantes lingüísticas disponíveis, a fim de transmitir suas novas identidades e intenções na interação lingüística do dia-a-dia. A coesão étnica ainda desempenha importante papel no fechamento das redes, mas as forças padronizadoras da educação e dos meios de comunicação de massa atribuíram novos valores às variantes lingüísticas, e os falantes se encontram em situação de dilema entre os valores étnicos e sociais que repousam sobre seus sistemas lingüísticos.

### 3. PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO BILINGÜISMO

#### 3.1 DADOS HISTÓRICOS

Segundo Mortara (1950: 673-704), o censo estatístico feito no Brasil em 1940 revelara cerca de 25 por cento da população catarinense falando no lar uma língua diversa da língua portuguesa. Santa Catarina era, assim, o estado com a proporção máxima de habitantes alóglotas no Brasil, seguindo-se o Rio Grande do Sul com 22,5 por cento em segundo lugar.

Este estudo revela uma variedade de dados sobre o bilingüismo das populações da época que, a princípio, nos espantou em sua minúcia. Considerando, porém ter sido realizado no período do movimento de "nacionalização", iniciada na década de 30, que mais tarde culminava com a proibição do uso de línguas estrangeiras pelos descendentes de imigrantes, torna-se claro o interesse do censo em levantar informações sobre os falantes bilíngües brasileiros.

A idéia de "nacionalização" transparece em conclusões tais como:

"Embora se mantenha tenazmente o uso da língua da pátria de origem, no lar, ao lado dela se torna cada vez mais freqüente, de geração para geração, o conhecimento seguro da língua nacional" (Mortara, 1950: 676).

"As análises agora realizadas mostram que as gerações mais moças, embora continuando largamente o uso das línguas de origem no lar, já em elevada proporção sabem falar correntemente o Português; de modo que é fácil prever que o uso desta língua no próprio lar se irá difundindo rapidamente, com o gradual desaparecimento das gerações mais velhas" (Mortara, 1950: 694).



Outro aspecto nos leva a duvidar da exatidão dos dados, uma vez que, por causa da campanha de "nacionalização" principalmente as populações das áreas rurais se sentiam inibidas em assumirem abertamente seu bilingüismo (Koch, 1986: 77). Mesmo assim, julgamos as informações válidas (na falta de outras) e transcrevemos a seguir os dados mais relevantes para nosso estudo.

Dos que falavam no ambiente doméstico uma língua estrangeira, figura o alemão com 59,8 por cento em proporção preponderante. Considera-se que isto equivale a 15 por cento da população total do estado fazendo uso efetivo da língua alemã.

Com relação a Jaraguá do Sul, que na época compreendia os atuais municípios de Jaraguá do Sul e Corupá, o censo revela os seguintes dados:

Tabela 3.1.a: AS Línguas Faladas em Jaraguá do Sul em 1940

Língua falada no meio doméstico	habitantes	proporção
em português	9417	40,18
Alemão	11786	54,34
Italiano	828	3,85
Língua aborígene	1	0,01
Outra lg europeia	574	2,58
Outra lg qualquer	7	0,00
TOTAL: línguas diversas ou português	14076	64,32
Total habitantes	22490	100,00

Nota-se assim, na tabela 3.1.a a predominância no uso da língua alemã em Jaraguá do Sul sobre todas as demais, inclusive o português. Com base nos dados do censo, podemos ainda traçar mais uma tabela com relação à nacionalidade das pessoas que falavam em 1940 alemão no meio doméstico:

Tabela 3.1.b: Os falantes de alemão em Jaraguá do Sul em 1940

Nacionalidade	No.falantes de alemão
Brasileiro nato	11880
Brasileiro naturalizado	174
Estrangeiro	732
TOTAL	12786

Estas são as informações referentes ao censo de 1940 (Mortara, 1950). Infelizmente não obtivemos dados relativos aos rescenseamentos mais recentes.

A partir das informações obtidas da Prefeitura Municipal, só conseguimos uma visão do quadro étnico da população, acusando uma proporção de 60 por cento de descendentes de alemães, austríacos e húngaros falantes de algum dialeto alemão. Igualmente fomos informados de que a comunidade apresenta o uso do alemão como instrumento de comunicação e que há ainda várias escolas que recebem crianças que não falam português, mas sim um dialeto alemão (ver mapa). Foi-nos impossível, contudo, obter qualquer informação exata sobre o número efetivo de falantes de alemão em Jaraguá do Sul.

### 3.2 MÉTODO E INSTRUMENTOS

A fim de termos pelo menos uma amostra da população do município em mais detalhe quanto ao bilingüismo, escolhemos a fatia que mais nos interessava. Procedemos ao levantamento de dados em classes de 5ª e 8ª série de escolas que demonstraram interesse em oferecer o Alemão como uma das opções no ensino de línguas estrangeiras modernas. Isso nos forneceu um número expressivo de dados, permitindo-nos caracterizar o uso do alemão pela faixa etária a ser atingi-

da pelo Projeto Piloto de Reintrodução do Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas em Escolas de 1º e 2º Graus em Santa Catarina e, através dos questionários, ter ainda uma visão do bilingüismo na geração dos pais desses alunos.

Apoiados na literatura de William Mackey (1962 apud Fishman 1968: 554-558), que oferece um modelo para descrição do bilingüismo, elaboramos os instrumentos para coleta das informações.

Mackey considera a definição do bilingüismo possível em relação a quatro questões básicas: grau, função, alternância e interferência. Para esse primeiro levantamento de caráter estatístico, não observamos os aspectos de interferência e alternância (dentro do discurso), por considerarmos esses aspectos dificilmente passíveis de quantificação através de um questionário geral.

Foram elaborados questionários de resposta com índice numérico, a fim de facilitar o processamento dos dados, além de tornar o preenchimento do mesmo relativamente simples (ver Anexo 1).

Inicialmente indagamos dados referentes às variáveis sexo e confissão religiosa, além do nome do pai e nome de solteira da mãe, que nos permitiram adivinhar a origem étnica do informante.

Com relação ao bilingüismo dos pais, considerou-se pai e mãe separadamente, com relação ao desempenho lingüístico em alemão: entender, falar, ler e escrever.

Estas questões não foram colocadas diretamente aos informantes, pois partimos do princípio que, na época do levantamento (1985) recém estava sendo introduzido o ensino do alemão como língua estrangeira nas escolas e, portanto, nossos informantes provavelmente não dominariam as habilidades de leitura e escrita. A competência oral do alemão poderia ser avaliada a partir das questões referentes à função de uso.

Com relação à função de emprego das línguas, indagamos o uso do alemão por parte dos informantes no ambiente familiar: com o pai, a mãe, irmãos, avós e outros parentes. Avaliamos também o uso na comunidade, em sua rede de relações sociais: com professores, colegas, vizinhos, nas, compras, na igreja.

O uso do alemão e do português também foi avaliado com relação às funções consideradas "internas" por Mackey (1962, apud Fishman 1968: 568), a saber: fazer contas de cabeça, rezar, sonhar, cantar, brincar, xingar. Questionamos aqui a denominação empregada por Mackey de funções "internas" ou "não comunicativas". Ora, quem reza está em interação com Deus e, portanto, "rezar" não pode ser considerada uma função não-comunicativa! O mesmo vale para brincar e xingar. Afinal, "on ne peut pas ne pas communiquer" (não se pode não se comunicar) é o postulado de Watzlawick (1973: 48), ao dizer que o monólogo e o "falar sozinho" são antes formas de "comunicação em circuito fechado", ou seja, uma situação onde temos "um mesmo ator dividido em dois actantes contrários (...), muito frequente na poesia lírica" (Lopes, 1975: 57-58). Considera-se, portanto que a língua sempre tem função comunicativa.

Preferimos fazer a divisão das funções de uso da língua sugeridas por Mackey conforme aspectos de relação social ou não. Chamaremos, portanto, as "funções externas" de "funções sociais" e as "funções internas" de "funções individuais", conforme as características de interação envolvidas pelas diferentes situações. Consideramos assim, funções individuais aquelas que envolvem o uso da língua sem um interlocutor concreto.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Com isso, não estamos pretendendo definir uma nova divisão de funções da língua, mas sim respeitar a divisão proposta por Mackey. Todavia, não concordamos com as denominações "funções externas e internas".

Nos instrumentos de coleta de dados, todos os fatores referentes às funções<sup>a</sup> de emprego do alemão (sociais e individuais) foram considerados com relação à frequência de uso ("quase sempre, às vezes, nunca") nas diversas situações, o que nos permitiu avaliar não somente a função como também o grau de bilinguismo.

Buscou-se ainda levantar dados referentes à atitude do informante com relação à língua, incluindo-se uma questão referente à pressão de uso.

Desta forma, consideramos que, através desses questionários, foi possível obtermos dados estatísticos quanto ao nível de bilingüismo da faixa etária entre 10 e 16 anos. Ao mesmo tempo, conseguimos informações sobre sua atitude com relação ao alemão e dados sobre o uso deste nas redes de comunicação da família e comunidade.

### 3.3 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário foi aplicado em três escolas da zona urbana de Jaraguá do Sul, nas classes de 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> série. Em cada classe fez-se explicação detalhada sobre o preenchimento do mesmo, a fim de evitar mal-entendidos (e contudo os houve, como veremos mais adiante). Os professores foram muito prestativos e aplicaram os questionários também em outras turmas, entregando-os preenchidos à UCRE, que posteriormente nos enviou tudo pelo correio.

Nesta amostragem, alcançamos um total de 292 alunos, distribuídos conforme a Tabela 3.3.

Tabela 3.3: Número de informantes por série

série	número de alunos	Porcentagem
5a.	116	40
6a.	103	36
7a.	27	9
8a.	44	15
TOTAL	292	100



### 3.4 OS DADOS OBTIDOS

#### 3.4.1 Sexo

Do total de informantes, 138 eram do sexo masculino, estando o sexo feminino, com 154, em pequena vantagem.

Tabela 3.4.1: Sexo dos informantes

Sexo	no.	%
Masculino	138	47.3
Feminino	154	52.7
Total	292	100.0

#### 3.4.2 Confissão religiosa

Os católicos representaram cerca de dois terços do total, sendo os demais evangélicos e adeptos de outras confissões.

Tabela 3.4.2: Confissão religiosa dos informantes

Religião	no.	%
Católica	184	63.0
Evangélica	84	28.8
Outra	14	4.8
Total	292	100.0

### 3.4.3 Ascendência

Mais da metade dos informantes forneceu sobrenome do pai e/ou da mãe de ascendência germânica, sendo verificados ainda nomes italianos, eslavos e luso-brasileiros. As proporções de ascendência étnica dos alunos praticamente correspondem às fornecidas pela Prefeitura para a população do município, com o que podemos considerar nossa amostragem como válida e representativa.

A partir dos dados obtidos, podemos traçar para o aspecto de ascendência dos informantes de nossa amostra, com relação ao sobrenome do pai e/ou da mãe, a Tabela 3.4.3.a.

Tabela 3.4.3.a. Ascendência dos informantes

Ascendência	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alema	150	68,7	132	62,4	282	60
Italiana	28	8,1	31	14,3	59	12
Eslava	11	3,3	10	4,4	21	4
Luso-bras. e outras	51	23,5	55	25,3	106	22
Total	220	100,0	212	100,0	432	100

Examinando os questionários que acusaram ascendência alemã, é possível considerarmos ainda se o aluno informante é de origem alemã apenas por parte de pai ou de mãe ou se poderia ser encaixado na denominação "teuto-catarinense", conforme o termo "teuto-riograndense" criado por ROCHE (1969) para designar o catarinense cujos pais tenham ambos sobrenome alemão. A partir desse dado, que nos parece importante, a fim de definir a rede básica de transmissão do alemão dentro da família restrita, construímos a Tabela 3.4.3.b, que se encontra ampliada na Tabela 3.4.9, com dados sobre o bilingüismo dos pais e dos alunos.

Tabela 3.4.3.b: Ascendência alemã:  
alunos cujos pais tem  
sobrenome alemão

Ascendência alemã	no.	%
de pais	112	21,0
de mãe	66	12,5
Paterna e materna	178	33,5
Total de informantes: 584		

#### 3.4.4 Bilingüismo dos pais

Tabela 3.4.4: Desempenho linguístico dos pais dos alunos em alemão

Pais		Habilidades:		fala		leitura		escrita	
		no.	%	no.	%	no.	%	no.	%
Pai	201	68,6	165	65,7	112	66,3	66	22,6	
Mãe	198	68,1	192	65,7	136	45,1	75	25,7	

Total de informantes: 292

Comparando a Tabela 3.4.4 com a Tabela 3.4.3.b, podemos verificar que aproximadamente o mesmo número de pais dos alunos acusa descendência alemã<sup>8</sup> e entende e/ou fala alemão, o que nos permite concluir que a língua de origem ainda é cultivada pelos descendentes de imigrantes alemães, pelo menos na maioria dos casos (dado tratar-se aqui apenas de uma amostra).

Já para leitura e escrita em língua alemã foram

<sup>8</sup> O total de genitores com sobrenome alemão é de 368, o que corresponde a 63,0 por cento do total de genitores dos alunos informantes (584).

obtidas proporções bem menores do que para as habilidades orais. Mesmo assim, tais proporções podem ser consideradas elevadas, se levarmos em conta que o ensino formal de alemão nas escolas fora suspenso desde a década de 50. Somente a partir de 1985 o alemão voltou a ser ensinado como uma das opções de língua estrangeira em algumas escolas de 1.º e 2.º graus, através do Projeto Piloto (ver 1.).

### 3.4.5 Uso do alemão em família

Tabela 3.4.5: Uso do alemão no meio familiar

Interlocutor	Frequência de uso:						Total de	
	quase sempre		às vezes		nunca		bilinguismo em família	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Pai	66	22.6	111	36.0	115	39.4	177	60.6
Mãe	74	25.3	119	40.6	99	33.8	193	66.1
Irmãos	36	12.0	95	32.3	161	55.6	196	66.6
Avós e parentes	52	26.0	98	38.6	112	36.4	160	51.6

Total de informantes: 282

Comparando os dados da Tabela 3.4.4 com a Tabela 3.4.5, percebemos que o número de informantes que usa o alemão com o pai (177) e/ou com a mãe (193) corresponde com pouca diferença ao número de pais (186) e de mães (192) de alunos que, conforme fora indicado, falam alemão. Isso nos leva a concluir que praticamente todas as pessoas que dominam a língua alemã fazem uso desta na comunicação com seus filhos. Parece-nos esta uma afirmativa bastante categórica; contudo, se considerarmos os fatores históricos anteriormente mencionados (2.2.3) e a atual situação de bilinguismo ainda encontrada em crianças de idade escolar, teremos a confirmação de que a necessidade de fecha-

mento nas redes de comunicação, para fins de manutenção da herança cultural e da identidade étnica, continua levando as pessoas a transmitir seus conhecimentos culturais e lingüísticos a seus filhos. A manutenção ou não do bilingüismo dos filhos será, por sua vez manipulada por fatores sociais. Assim, o alto grau de bilingüismo verificado no ambiente familiar dos alunos informantes vem comprovar a transmissão da língua como importante elemento da herança cultural, passada de geração a geração pelas famílias descendentes de imigrantes alemães, e leva-nos a crer que tão logo o bilingüismo não tenderá a desaparecer em Jaraguá do Sul.

Outro aspecto que se depreende da Tabela 3.4.5 é a proporção maior de uso do alemão com a mãe do que com o pai. Esse é outro fator que influencia o bilingüismo dos informantes, já que a figura da mãe é geralmente vista como orientadora da formação cultural e lingüística dos filhos. Em casamentos mistos, onde a mãe não fala alemão, é menos provável que os filhos recebam educação bilíngüe (Schaden, 1954: 193-194). Este aspecto será novamente considerado na segunda etapa desta pesquisa, onde verificaremos que a rede de comunicação familiar pode ser totalmente influenciada pelo simples fato de a mãe falar ou não o alemão.

A influência dos adultos sobre o bilingüismo das crianças pode ser mais uma vez confirmado pelo menor grau de uso do alemão com os irmãos. Note-se que o índice de emprego do alemão com a família extensa (avós e outros parentes) é praticamente tão elevado quanto o da família restrita. Podemos afirmar, portanto, que o bilingüismo prevalece no contato com a geração dos pais e mais velha, ao passo que as gerações mais novas (irmãos) permitem mais o uso do português.

Em suma, o uso praticamente exclusivo do alemão para comunicação no ambiente familiar restringe-se a cer-



ca de um quinto do total de informantes, enquanto o uso alternado de alemão e português é verificado em aproximadamente um terço do total, o que, sem dúvida, representa um bom quociente de bilingüismo dentro da comunidade considerada.

### 3.4.6 Uso do alemão na comunidade

Tabela 3.4.6: Funções sociais: uso do alemão como língua de comunicação na comunidade

Interlocutor	Frequência:						Índice de bilinguismo	
	quase sempre		às vezes		nunca		n	%
	n	%	n	%	n	%		
Colegas	40	18.1	142	45.8	108	35.9	100	84.7
Professores	44	15.1	214	73.3	84	11.6	200	88.4
Compras	8	2.7	29	10.0	255	87.3	34	12.7
Igreja	18	6.1	26	7.9	251	68.0	41	14.0
Amigos/vizinhos	26	9.6	130	44.5	154	45.9	156	54.1

Total de informantes: 282

Observando os dados da Tabela 3.4.6, percebemos, pela incoerência dos dados referentes dos dois primeiros itens com relação aos demais, que os questionários não foram corretamente preenchidos: ou as perguntas foram formuladas de maneira não muito exata, ou as explicações dadas para o preenchimento do questionário não foram suficientemente claras. Ora, o número de alunos que informou falar quase sempre o alemão com colegas e com professores confere aproximadamente com outros dados da mesma tabela e da Tabela 3.4.5. Porém é muito elevado o número de alunos que ocasionalmente fala alemão com colegas e professores. Isto provavelmente advém do fato de que, no ano em que foi realizado o levantamento, fora introduzido o ensino do alemão como opção de Língua Estrangeira nas escolas onde pes-

quisamos. Assim, pode-se concluir que estes alunos, que informaram usar o alemão com professores, realmente o usam, mas somente com o professor de Alemão. Por extensão, estes alunos também falam alemão com os colegas - somente durante a aula de Alemão. Daí o alto índice de bilingüismo acusado para o meio escolar dos informantes. Decidimos, portanto, não considerar os dados da coluna "às vezes" para nossa análise dos dois primeiros itens desta tabela.

Com relação ao uso do alemão no meio religioso, com o padre ou pastor, obtivemos informação, junto ao pastor da comunidade evangélica, de que duas vezes por mês ainda são ministrados cultos em alemão, com frequência de maior número de pessoas idosas. De modo geral, a doutrina e os casamentos são realizados em português, mas quase 90 por cento dos encomendamentos são feitos em casa e, nestes casos, em alemão, ao passo que no cemitério, as orações são feitas em português. Além disso, o uso do alemão se manifesta ainda nos encontros dos grupos de senhoras: 5 grupos se reúnem em alemão e 4 em português. É, inclusive, opinião do pastor que o alemão e o italiano devem ser oferecidos nas escolas, a fim de preservar as origens da população e também para fins profissionais.

Já na Igreja Católica, a situação é diferente. Não são mais realizadas missas em alemão, por ser orientação do Bispado incentivar o português. Veremos mais adiante, na 2ª etapa da pesquisa, alguns reflexos de tal determinação no bilingüismo dos católicos.

### 3.4.7 Uso do alemão em outras situações

Tabela 3.4.7: Funções individuais:  
uso do alemão sem interlocutor concreto e em  
situações emocionais

Situação	Frequências:						média de	
	quase sempre		às vezes		nunca		bilinguismo	
	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%
Rezar	64	21.9	96	32.9	132	45.2	160	54.8
Cantar/brincar	55	18.6	176	60.0	61	20.9	231	78.1
Sonhar	13	4.4	37	12.7	242	82.9	50	17.1
Fazer contas	21	7.5	65	20.4	187	64.1	105	38.0
Xingar	44	15.1	98	33.9	148	51.0	145	49.0

Total de informantes. 292

A alta freqüência de uso do alemão ao cantar, brincar e rezar possivelmente advém do fato que, na aula de Alemão, os alunos rezam com o professor ao início da aula em alemão, sendo possível que ocasionalmente também o façam em sua vida individual. Analogamente, os alunos aprendem várias canções e jogos nas aulas de Alemão. Esta seria uma justificativa para os índices elevados alcançados para os dois primeiros itens da Tabela 3.4.7, considerando uma possível confusão na interpretação das perguntas.

Existe, contudo, a possibilidade de que esses informantes realmente tenham aprendido orações e canções na família e as cultivem por puro interesse. Há ainda a considerar que até pessoas que não falam alemão costumam freqüentar as festas populares da região (Oktoberfest, Pommerfest, entre outras), sempre alegres por canções folclóricas alemãs.

O baixo índice de informantes que sonha em alemão vem nos indicar aqueles que provavelmente são antes falantes de alemão do que de português, pois, segundo Mackey

(1962 apud Fishman, 1968: 565), nos bilíngües que usam "a mesma língua para todos os tipos de expressão interior, esta língua geralmente é identificada como a língua dominante do bilíngüe".

Com relação ao item "fazer contas em alemão", é importante considerar aqui duas hipóteses para o alto índice obtido. Por um lado, é possível que os alunos entenderam a questão relativa aos tipos de cálculos simples que se faz em brincadeiras, enumerando objetos ou pessoas em em outras situações corriqueiras. Neste sentido, os 36 por cento de bilingüismo verificados refletiriam o uso do alemão em tais situações. Por outro lado, Mackey (1962: 565) postula que normalmente a pessoa faz os cálculos mentalmente na língua em que aprendeu fazê-los. Como essas crianças não receberam aulas de aritmética em alemão, seria quase impossível que fizessem cálculos mentalmente em outra língua que não o português. Neste caso, seria questionável a constatação de bilingüismo.

Como último item da Tabela 3.4.7, temos o aspecto de xingar ou blasfemar, para o qual se obteve nível significativo de uso do alemão. Poderíamos considerar aqui a hipótese de que num estado emocional alterado o informante recorre à língua que mais domina (Mackey, 1962: 565). Mas também é possível que a língua alemã tenha maior força de expressão e, quem sabe, ofenda mais do que o português!

### 3.4.8 Atitudes gerais com relação às línguas

Tabela 3.4.8: Atitudes do informante com relação à língua alemã

Resposta	Pergunta:					
	1	2	3	4	5	6
	%	%	%	%	%	%
Alemão	38.3	-	-	-	-	-
Português	57.9	-	-	-	-	-
Outra lp	3.8	-	-	-	-	-
Sim	-	95.2	-	41.1	21.0	15.1
Não	-	4.8	-	58.9	18.2	64.7
Mais fácil	-	-	5.7	-	-	-
Influência	-	-	11.8	-	-	-
dos pais	-	-	82.8	-	-	-
Proibição	-	-	-	-	-	-
Total de informantes: 292						
Perguntas: 1. Que língua prefere falar?						
2. Quer estudar alemão?						
3. Por que quer estudar alemão?						
4. A família insiste em que se fale alemão?						
5. Gostaria de meios de comunicação em alemão.						
6. O alemão vai continuar a ser falado aqui?						

A partir dos dados expostos na Tabela 3.4.8, depreende-se que o percentual de preferência pela língua alemã para falar corresponde aproximadamente ao de uso efetivo do alemão no meio familiar, verificado na Tabela 3.4.5. Hipóteses prováveis para essa preferência podem advir da possibilidade de essas crianças falarem proporcionalmente mais alemão do que português. Sua preferência também pode ser devida a uma maior identificação com o idioma de sua família. Note-se ainda que quase metade dos informantes afirma que a família insiste em que se fale alemão em casa. Relacionando-se a questão de preferência com essa de pressão de uso, depreende-se que a insis-



tência por parte da família pode ter contribuído para a preferência por parte do aluno.

Comprova-se assim o interesse vivo dos pais dos alunos em cultivar a língua alemã, insistindo com os filhos sobre seu uso. Tal interesse parece ter sido também transmitido aos filhos que manifestam desejo de estudar a língua de seus antepassados, principalmente por ser o alemão importante para muitas profissões. Tal fato indica uma importante conscientização por parte dos alunos, relativa à orientação dada ao seu futuro. Igualmente foi demonstrado grande interesse em se ter um jornal ou revista, um programa de rádio ou de televisão em alemão, o que é acusado pelo expressivo percentual de 81,8 por cento dos informantes, muito embora haja entre eles uma preferência em mais de 50 por cento no uso do português.

Finalmente, foi apontada opinião geral de que o alemão deverá continuar a ser falado na região de Jaraguá do Sul. Fica, contudo, em aberto, se esta conservação da língua dos imigrantes dependerá dos valores étnicos da população.

#### 3.4.9 Ascendência alemã e bilingüismo

Para a construção da Tabela 3.4.9, foram separados três grupos de alunos, a saber: os que apresentavam sobrenome alemão somente por parte de pai, somente por parte de mãe e os que tinham sobrenome alemão de ambos os pais. Ao total de informantes com sobrenome paterno alemão foram acrescentados 36 informantes que não informaram o nome de solteira da mãe, mas que tinham pai com sobrenome alemão. Ao grupo com ascendência alemã por parte de pai e de mãe foi dado o nome de "teuto-catarinense" por analogia ao termo criado por Roche (1969).

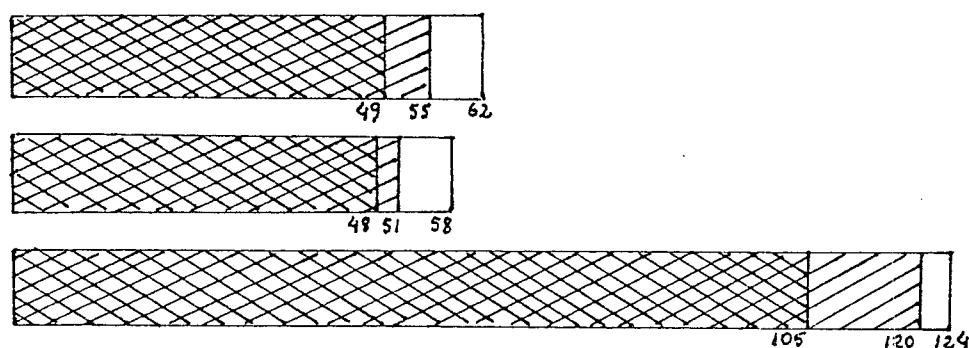
A coluna que apresenta o bilingüismo nos pais refere-se à resposta afirmativa obtida para as questões 8 e/ou 12 (8. Seu pai fala alemão?, 12. Sua mãe fala alemão?). Já para a coluna do bilingüismo nos informantes foi considerada a resposta afirmativa às questões 15 e/ou 16 (15. Você fala alemão com seu pai? - quase sempre, às vezes - 16. Você fala alemão com sua mãe? - quase sempre, às vezes).

Tabela 3.4.8: Relação entre ascendência alemã e bilingüismo

Ascendência alemã	informantes de origem alemã		Bilingüismo nos pais		Bilingüismo nos informantes	
	no.	%	no.	%	no.	%
Só paternos	63	25.4	50	22.5	43	19.1
Só maternos	56	22.6	51	20.1	46	19.1
Totipot-estritense	124	50.0	120	48.2	105	40.0
Total	244	100.0	221	90.6	194	79.1

Para uma visão mais clara dos dados levantados em sua relação, construímos o Gráfico 2, a partir dos dados da Tabela 3.4.9.

Gráfico 2: Relação entre ascendência alemã e bilingüismo



Legenda: a= pai e mãe com sobrenome alemão

b= só mãe com sobrenome alemão

c= só pai com sobrenome alemão

□ = ascendência alemã

▨ = pelo menos um dos pais fala alemão

▩ = pelo menos um dos filhos fala alemão

Isso demonstra o alto grau de cultivo da língua de origem e de transmissão desta aos filhos, o que vem comprovar o uso efetivo do alemão em Jaraguá do Sul, pelo menos no que se refere ao meio familiar restrito.

Note-se no gráfico que o número de casamentos uniétnicos é superior à soma dos casamentos mistos, o que demonstra uma conservação da unidade étnica e, conseqüentemente, lingüística. Dos 124 casais com sobrenome alemão por parte dos dois cônjuges, 120 falam alemão e pelo menos um dos filhos de 105 casais é bilíngüe.

#### 3.4.10 O monolingüismo em alemão na idade pré-escolar

Ao procedermos à aplicação do questionário sobre bilingüismo alemão-português nas escolas, um outro dado nos deixara curiosos. Havíamos sido informados, em correspondência com a Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul e com a 19.<sup>a</sup> UCRE, com sede na mesma cidade, que várias escolas recebiam alunos na 1.<sup>a</sup> série do 1.<sup>o</sup> grau que não falavam português. Buscamos, portanto, em visita à UCRE, levantar quais as escolas do município em que tal fato ocorre.

Transcrevemos, a seguir, a relação, atualizada em julho de 1988, das escolas em que há incidência de crianças que ingressam no 1.<sup>o</sup> grau sem falar português. Os números referem-se à localização da referida escola no Mapa 3.4.10.

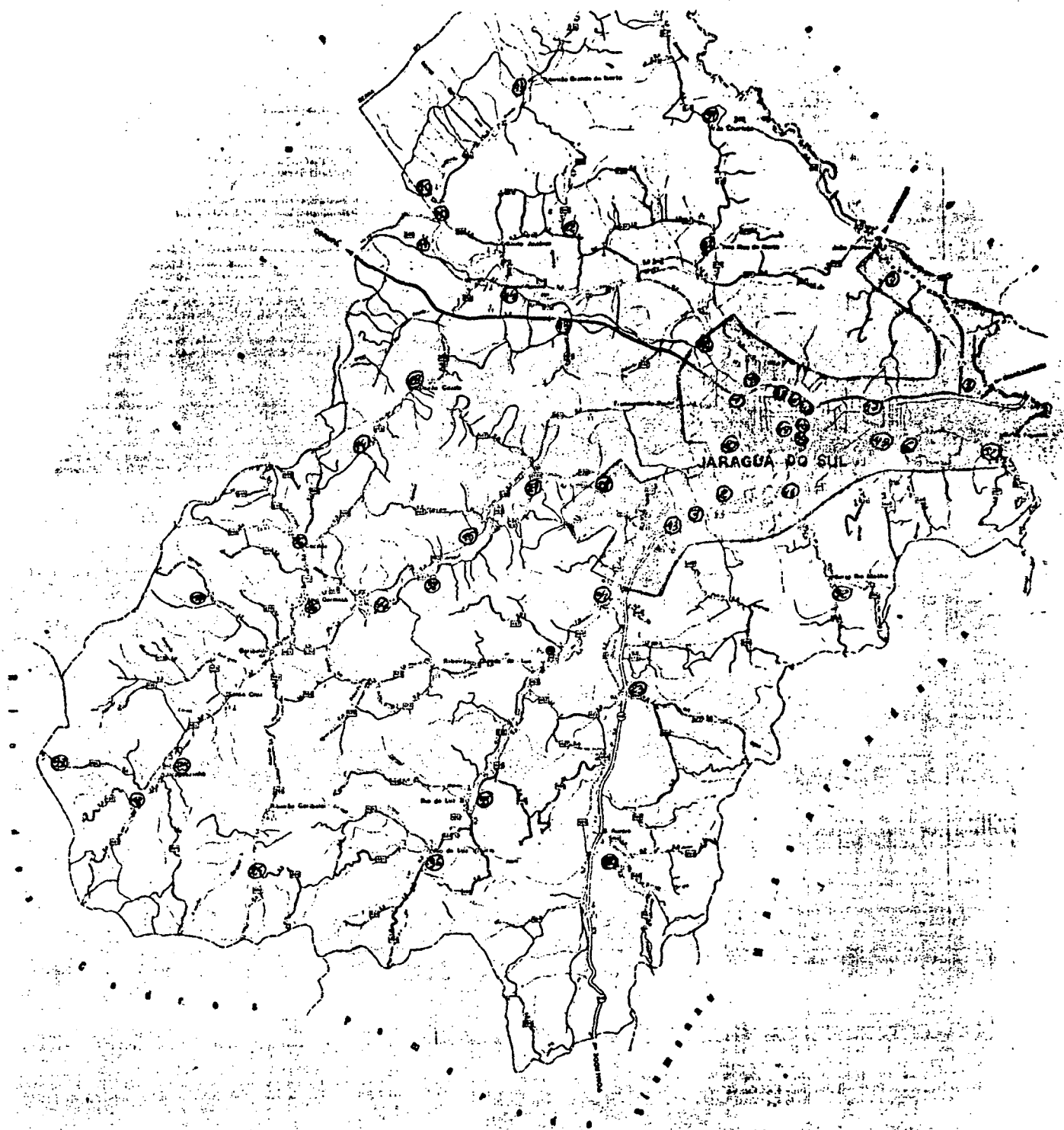
Verificando a localização destas escolas no mapa, podemos ver que todas elas encontram-se numa mesma região. Note-se que a maioria fica em área rural, mas duas (28 e 43) encontram-se na zona urbana do município. Chamou-nos a atenção o fato de a escola n.<sup>o</sup> 44, E.B. Euclides da Cunha, não ter sido assinalada. De fato, fomos informa-

dos que esta escola possui Pré-Primário, no qual é ensinado português às crianças que só falam alemão, de modo que ao ingressarem na 1.<sup>a</sup> série, a alfabetização pode ser feita "sem maiores problemas" em português. Um supervisor geral de ensino assegurou-nos que a maior dificuldade para essas crianças advém do fato que, na maioria das vezes, são contratados alfabetizadores que não falam alemão. A consequência imediata é a falta de entendimento entre alunos e professor. Segundo informação obtida, frequentemente o professor teria de recorrer à servente, para que essa explicasse em alemão aos alunos o que ele queria deles.

Mais adiante, na segunda etapa da pesquisa, veremos que a maioria de nossos informantes viveu situação semelhante, tendo tido seu primeiro contato com a língua portuguesa ao ingressar na escola.

Tabela 3.4.10: Relação das escolas de Jaraguá do Sul em que há incidência de crianças que ingressam no 1.<sup>o</sup> grau sem falar português

Unidade escolar	Endereço
18-E.M.de 1. <sup>o</sup> Gr.Aurélia Walter	Jaraguazinho
20- E.B.Prof.João Romário Moreira	Rua Aurora
23- E.R. Ricieri Marcatto	Rio Cerro I
24- E.I. Alto Garibaldi	Alto Garibaldi
25- E.I.Alto Jaraguá 19	Estr.Alto Jaraguá 19
26- E.I.Garibaldi	Estr.Garibaldi
27- E.I.Jaraguá 84	Jaraguá 84
28- E.M.de 1. <sup>o</sup> Gr.Jaraguá 99	R.Bertha Weege, 3045
33- E.I.Ribeirão Rodrigues	Ribeirão Rodrigues
34- E.R.Rio da Luz I	Rio da Luz I
35- E.I.Rio da Luz II	Rio da Luz II
36- E.I. Rio da Luz Vitória	Rio da Luz Vitória
43- C.E.Prof.J.Duarte Magalhães	R.Ângelo Rubini, 2384
38- E.I.Estrada Garibaldi	Estr.Garibaldi
53- E.M. de 1. <sup>o</sup> Gr. Seara	Rio da Luz I
Total: 15 escolas	



Mapa 8 - Localização no sul do município das escolas onde há incidência de crianças que ingressam no 1.º grau sem falar português.



4. SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA:  
AS REDES DE COMUNICAÇÃO DOS BILÍNGÜES

4.1 MÉTODOS E INSTRUMENTOS

Conforme pudemos comprovar na primeira etapa de nossa pesquisa, a língua alemã ainda continua viva em seu convívio diário com o português dentro de uma comunidade que se encontra em acelerado processo de industrialização.

Jaraguá do Sul é hoje uma cidade que se espalha e cresce para todos os lados; a cada poucos metros encontramos uma fábrica de pequeno, médio ou grande porte. O centro urbano parece inchar, inflado pelo progresso.

E, no entanto, face às características marcantes de urbanização e industrialização, parece-nos inexplicável que tal comunidade ainda apresente o uso da língua dos imigrantes como meio de comunicação. Cabe mencionar aqui a existência de verdadeiras fortalezas lingüísticas em áreas rurais ao redor do centro urbano, onde ainda hoje há incidência de crianças que ingressam na escola sem falar o português, conforme verificamos em 3.4.10.

Vemo-nos, portanto, diante de uma situação que se assemelha àquela observada por Susan Gal em 1978 em Oberwart, na Áustria, que, segundo a autora, "parece-se com uma cidade grande, apesar de suas pequenas dimensões" (Gal, 1979: 23). Em Oberwart estava ocorrendo uma mudança de código, do húngaro para o alemão, relacionada ao recente caráter urbano da cidade. A autora postula que a diversidade social e a estratificação de classes criaram as condições que encorajam à mudança de código dentro da comunidade bilíngüe. Seu objetivo era "fornecer uma etnografia desta transformação e esclarecer o modo como a mudança de código ocorre, considerando-a como um exemplo de mudança lingüística socialmente motivada (Gal, 1979: 2).

Por considerarmos nossos objetivos semelhantes aos seus, decidimos adotar a metodologia empregada por Gal, que utiliza o modelo de redes para a análise da diversidade lingüística. Empregando, para o estudo da mudança de código, um modelo de variação derivado de teorias recentes que relacionam a heterogeneidade lingüística sincrônica à mudança diacrônica, a autora descreve os padrões atuais de escolha lingüística, de maneira a compreender tanto os produtos de forças histórico-sociais como as fontes de mudanças futuras na escolha de língua (Gal, 1979: 97).

Não tivemos, contudo, a pretensão de seguir os passos da autora, pois a vida profissional a ser desempenhada nos impedia de uma dedicação exclusiva ao trabalho de campo por um período de tempo mais longo. Susan Gal desenvolveu observação participativa diária de um grupo de 68 pessoas, durante o período de um ano, o que lhe permitiu a análise da mudança de código dentro de um mesmo discurso e uma análise mais profunda das redes sociais que envolviam seus informantes.

Procuramos, portanto, nos restringir a usar um roteiro de entrevista adaptado a partir do modelo de Gal (1979: 177-182), que nos permitiu colher informações sobre diversos tipos de interação possíveis no dia-a-dia das pessoas, relacionando-os com a língua empregada para comunicação, conforme a situação e o interlocutor (ver questionário anexo). Consideramos válido um levantamento feito através de questionário, pois Gal, utilizando tanto questionários como observação direta diária dos informantes, verificou que as respostas dadas na entrevista conferiam em cerca de 90 por cento dos casos com as situações reais observadas (1979:120). Tal dado revela um alto grau de credibilidade às informações fornecidas em entrevista.

O objetivo de nosso questionário era fornecer

um quadro bastante amplo dos padrões de escolha da língua em situações relacionadas ao dia-a-dia comum. Incluía ainda questões de identificação do informante e de avaliação das duas línguas. Em resumo, as quase 100 perguntas do questionário incluíam os seguintes itens:

- 1) Dados pessoais: identificação do informante, para fins de categorização, incluindo características de migração;
- 2) Família: o uso das diferentes línguas com os vários membros da família restrita e extensa, incluindo questões sobre habilidade de escrita em alemão;
- 3) Vizinhos: o uso das línguas com os vizinhos mais próximos e o grau de contato com os mesmos;
- 4) Amigos: as três pessoas com quem melhor se dá e com quem conversa mais seguido, além da família - estas questões forneceram as redes básicas de relações de cada informante;
- 5) Trabalho: identificação da profissão do informante e de seu pai, para fins de verificação da ascensão social; uso das línguas com diferentes interlocutores no local de trabalho;
- 6) Escola: grau de escolaridade, línguas usadas no ambiente escolar, incluindo questão de avaliação do alemão;
- 7) Repartições- médico: o uso das línguas com pessoas estranhas, em órgãos públicos e em ambiente hospitalar;
- 8) Igreja: confissão religiosa do informante, uso das línguas em diferentes situações envolvendo religião, posicionamento quanto a cultos em alemão;
- 9) Compras: uso das línguas em diferentes tipos de estabelecimentos comerciais, incluindo uma pergunta sobre amigos, a fim de controlar as respostas fornecidas ao campo 4;

10) Diversão: exposição aos meios de comunicação de massa, incluindo habilidade de leitura em alemão.

11) Atitudes gerais: uso das línguas em diversas funções individuais (cf. 3.4.7) e questões de avaliação das línguas;

12) Avaliação pessoal: avaliação do desempenho pessoal em alemão e português.

Os itens 3 e 4 foram considerados por nós como cruciais para a determinação da rede básica de relações e uso das línguas para cada informante. As questões destes dois itens baseiam-se no roteiro de entrevista de Bortoni (1985: 167), que fornece dados para o cálculo sociométrico das redes de comunicação. Como Bortoni, consideramos que o fator amizade é um indicador válido de canais ativos de comunicação. Igualmente foram incluídas no item 5 as questões de identificação da profissão do informante e de seu pai, e no item 6 o grau de escolaridade, para caracterização sociodemográfica da população de nossa amostra (conforme Bortoni, 1985: 139-143).

O item 10 baseia-se também no ponto de vista de Bortoni (1985: 161), que considera o grau de exposição aos meios de comunicação de massa um parâmetro útil em estudos sobre a modernização de comunidades rurais. Trudgill (1974: 223) afirma que os meios de comunicação têm influência menor do que os contatos interpessoais no processo de mudança lingüística. Segundo ele, podem influenciar na disseminação de novo vocabulário e idiomatismos, mas não têm efeito em mudanças fonológicas e gramaticais. Consideramos, entretanto, que a exposição do bilíngüe aos meios de comunicação de massa pode influenciar seu uso das duas línguas, pois serve de reforço à língua dominante, motivo pelo qual decidimos incluir esse aspecto em nossa análise.

Além do questionário que serviu como roteiro de entrevista, decidimos aproveitar algumas questões, que

poderiam provocar um relato mais longo, em gravações (Shuy, 1968: 45-49). Para as gravações, foram escolhidos falantes mais fluentes de alemão, dentre nossos informantes, pois pretendíamos, a partir destas, dispor de uma amostra do dialeto alemão falado em Jaraguá do Sul.

#### 4.2 ESTRATÉGIAS DO TRABALHO DE CAMPO

Nosso trabalho de campo para esta etapa de pesquisa foi desenvolvido em duas viagens a Jaraguá do Sul, ambas realizadas em 1988.

O acesso às famílias que nos serviriam de informantes foi muito facilitado por uma pessoa (I.P.) que conhecíamos em Jaraguá do Sul. I.P. organizou nossa estada em Jaraguá do Sul, entrando em contato prévio com as famílias e explicando-lhes o que pretendíamos fazer, de maneira que, quando chegamos, pudemos mergulhar de cabeça no trabalho de campo. Sem dúvida, essa foi uma grande ajuda que nos poupou muito tempo e procura. Além disso, na primeira viagem, I.P. acompanhou-nos à casa das três famílias, apresentando-nos como amigos seus.

Isto criou um clima de descontração. Por vezes, nossos entrevistados nos faziam mais perguntas sobre nosso trabalho do que nós a eles sobre seu alemão. Em todos os encontros tivemos boa receptividade, com toda a família reunida, desde os avós até os netos, num verdadeiro clima de festa, em que todos estavam ansiosos por serem entrevistados.

Nossos encontros iniciavam, via de regra, por uma conversa amigável, através da qual rapidamente se procurava uma identificação recíproca: a língua e a cultura alemã. Ao explicarmos que nosso trabalho estava en-



volvido com o Projeto Piloto da Secretaria de Educação do Estado e da Universidade Federal de Santa Catarina, sempre demonstravam grande interesse, dizendo que "enfim nossos filhos vão aprender alemão direito". Após um bate-papo informal variado, começávamos nossa entrevista propriamente dita, aplicando o questionário individualmente a todos os membros da família presentes. Quando tínhamos de voltar a uma família, porque algum dos membros não tinha podido participar do "grande encontro familiar", percebíamos que este já estava informado dos mínimos detalhes de nossa entrevista.

Todos os informantes, desde as crianças até os mais velhos foram muito prestativos em responder a nossas perguntas curiosas, incluindo sempre uma série de outras informações e comentários, que rapidamente tentávamos anotar. E, na maioria das vezes, acrescentavam quando terminávamos "só isso?".

Conforme o volume de comentários feitos pelos informantes, o tempo de entrevista variava entre 15 minutos e meia hora.

Em cada uma das famílias, escolhemos um informante com mais de 40 anos, para fazermos a entrevista gravada.

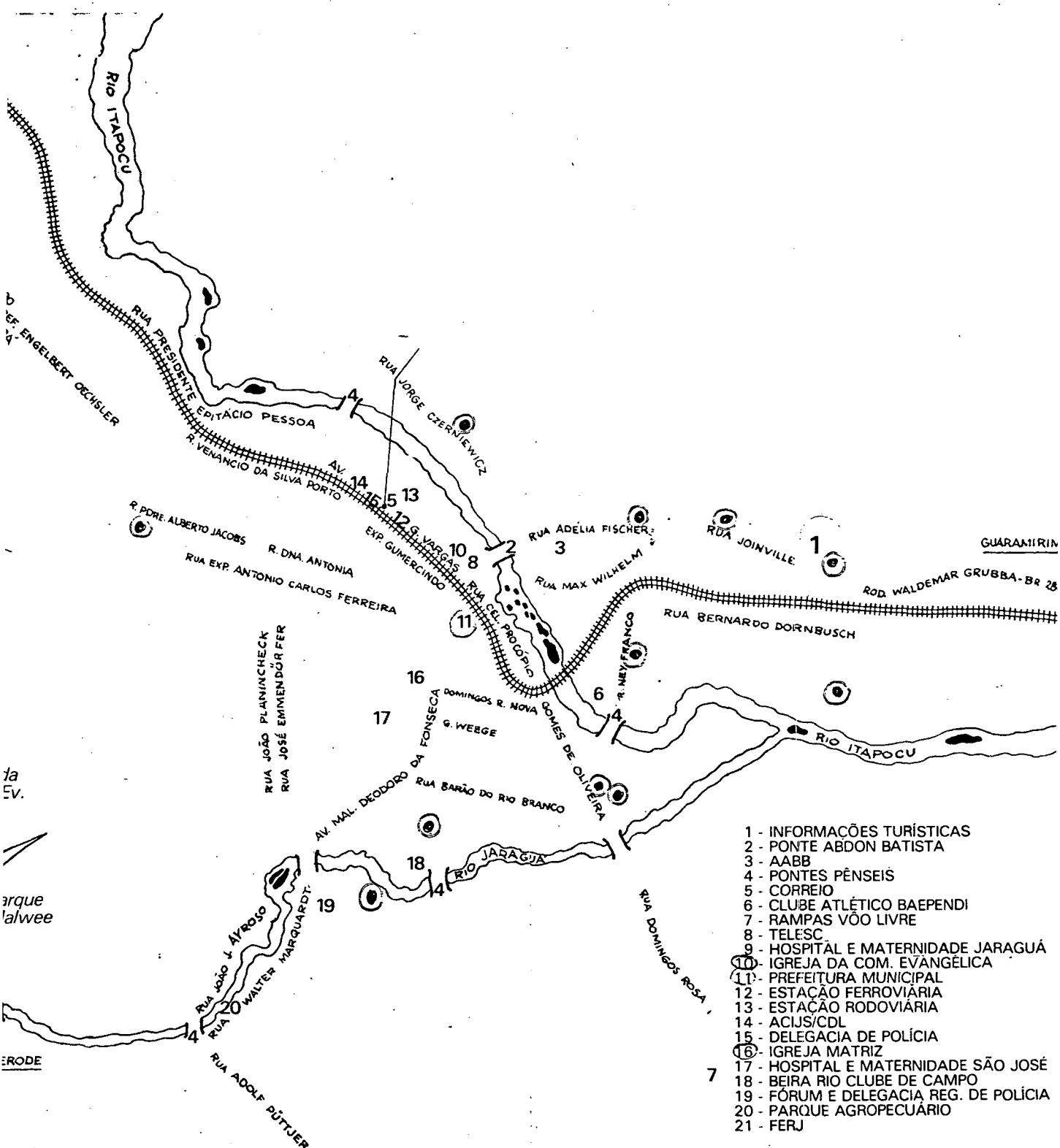
Ao analisar os dados resultantes da primeira viagem, percebemos que todos os nossos informantes eram de confissão evangélica, à exceção de um casal (n<sup>os</sup> 12 e 16) e sua filha (n<sup>o</sup> 3) que eram católicos. Verificamos que, pelos dados da primeira etapa de pesquisa, na realidade, a proporção de católicos é maior que a de protestantes em nossa amostra. Concluimos que os dados levantados nesta primeira viagem deixariam um lacuna que talvez representasse importante variável no estudo das redes de comunicação como fator de influência na manutenção ou não do bilingüismo.

Numa segunda viagem, I.P. mais uma vez ajudou-nos no contato com uma família, desta vez católica. Outras duas

famílias católicas nos foram indicadas pela Casa Paroquial da Matriz de Jaraguá do Sul.

Todas as famílias entrevistadas pertenciam à classe média e eram moradores da área urbana de Jaraguá do Sul (ver 2.3.6). Decidimos não considerar a variável "classe social" pois verificou-se que o uso do alemão em seus dialetos e variantes pode estender-se desde a classe rural até o nível industrial urbano. Além disso, baseados em nossa motivação inicial para essa pesquisa, achamos mais relevante determo-nos na classe média urbana, pois é dela que provém a maior parte de nossos estudantes universitários.

Abrangemos, portanto, seis famílias nas quais, de alguma forma, se verifica ou verificou o uso da língua alemã como meio de comunicação. Das seis famílias, cinco foram entrevistadas em três gerações. Achamos importante envolver avós e netos, a fim de observarmos a variação no grau de bilingüismo através da linha diacrônica de três gerações. O mais jovem de nossos informantes contava apenas quatro anos e o mais velho 73. Assim, consideramos os informantes nucleares como da segunda geração, os pais destes como de primeira geração e os filhos como de terceira geração.



ADMINISTRAÇÃO E3/88 - DURVAL VASEL

SEBRATUR - Fones: (0473) 44-0628 e 44-1554

**Mapa 9 - Localização dos pontos de coleta de informações na área urbana de Jaraguá do Sul**

#### 4.3 IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES: IDADE, SEXO, GERAÇÃO

Do total de trinta informantes, tivemos oito da primeira geração, 13 da segunda geração e nove da terceira geração. O número maior de informantes na segunda geração caracteriza nosso grupo nuclear, onde, conforme já mencionamos em 2.3.6, ocorre a decisão da continuidade ou não do bilingüismo na família. Trata-se, portanto de seis casais e um irmão de uma das esposas.

Nossa amostra incluiu 14 informantes do sexo masculino, variando de quatro a 64 anos, e 16 do sexo feminino, entre 7 e 73 anos de idade, envolvendo seis famílias.

Tabela 4.3: Os informantes, identificados segundo idade, geração e sexo

No. de identificação	Informante	Idade	Geração	Sexo
1	DP	4	3	M
2	GP	7	3	F
3	TP	9	3	F
4	NP	11	3	M
5	AT	13	3	M
6	AP	13	3	M
7	HT	15	3	F
8	SP	18	3	F
9	GC	24	2	M
10	ES	25	3	F
11	SP	28	2	F
12	BP	33	2	F
13	JP	34	2	M
14	IH	36	2	F
15	IW	38	2	F
16	WF	38	2	M
17	JH	40	2	M
18	RI	40	2	M
19	CI	41	2	F
20	OW	42	2	M
21	LS	47	2	F
22	ES	48	2	M
23	EC	58	1	M
24	CS	58	1	F
25	ET	62	1	M
26	TS	62	1	F
27	EB	64	1	M
28	EH	64	1	F
29	AE	71	1	F
30	AS	73	1	F

#### 4.4 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DA AMOSTRAGEM

##### 4.4.1 Mobilidade espacial

Quase dois terços de nossos informantes nasceu em Jaraguá do Sul e três quartos nunca morou em outra cidade. Os informantes 11, 12 e 14 já viajaram a passeio à R.F.A. e o nº 13 morou durante 10 anos na Alemanha.

Tabela 4.4.1: Mobilidade espacial

	NASCEU EM JARAGUÁ	MOROU EM OUTRA CIDADE	NÃO ESTEVE NA RFA
11	11	11	4
12	8	18	28
Total	30	30	32

##### 4.4.2 Profissão

Para a classificação das categorias ocupacionais, baseamo-nos em Bortoni (1985: 141). No nosso caso, as categorias compreendem:

- A = trabalhador rural não qualificado: lavrador, produtor de açúcar e aguardente
- B = trabalhador urbano não qualificado: operário da indústria, dona de casa (que não exerce outra profissão)
- C = trabalhador urbano semi-qualificado (até 8 anos de escola): oleiro, fundidor, costureira, contínuo, alfaiate, encanador, marceneiro, barbeiro, cabeleireira
- D = trabalhador urbano com treinamento técnico (8-10 anos de escola): funcionário público

E = trabalhador com treinamento técnico especializado  
(11 anos de escola ou mais): militar, professor, programador, bancário, radialista, desenhista, industrial

Para efeito de cálculo, consideramos somente os informantes maiores de 18 anos, separando-os segundo sexo e geração.

Tabela 4.4.2.a: Categoria profissional dos informantes maiores de 18 anos, segundo sexo e geração

Categ. profis.	Sexo masculino				Sexo feminino				Total por categoria	
	1a.ger	2a.ger	3a.ger	4a.ger	1a.ger	2a.ger	3a.ger	4a.ger		
	no	%	no	%	no	%	no	%	no	%
A	-	-	-	-	20.0	-	-	-	1	4.5
B	-	-	14.3	80.0	2	25.0	-	-	6	25.4
C	3	100	1	14.3	1	20.0	2	25.0	7	30.4
D	-	-	1	14.3	-	-	-	-	1	4.5
E	-	-	4	57.1	-	-	3	42.8	1	100
Total	3	100	7	100	5	100	7	100	25	100

Nota-se, na Tabela 4.4.2.a, que os homens da primeira geração são todos artesãos e entre as mulheres do primeiro grupo, a maioria é dona de casa, somente uma era agricultora e uma é costureira.

Já na segunda geração, nosso grupo nuclear, verificamos tanto no sexo masculino como no feminino uma tendência a profissões mais urbanas, como respectivamente maior formação escolar.

Nosso questionário permite ainda levarmos em consideração a profissão do pai de cada informante, o que demonstra a ascensão social verificada de uma geração a outra, e a passagem de ocupações rurais para profissões urbanas.



Tabela 4.4.2.b: A categoria profissional do pai de cada informante, em cada geração

Categoria profis. do pai	Geração do informante						Total por categoria	
	1a.		2a.		3a.		no.	%
	no.	%	no.	%	no.	%		
A	5	62.5	4	30.6	-	-	9	30.0
B	-	-	1	7.7	2	22.2	3	10.0
C	3	37.5	6	46.1	-	-	9	30.0
D	-	-	-	-	1	11.1	1	3.3
E	-	-	2	15.4	6	66.7	8	26.7
Total	8	100	13	100	9	100	30	100

Na Tabela 4.4.2.b podemos observar claramente, pelas categorias profissionais, que há uma passagem de uma geração de agricultores e artesãos para uma geração intermediária com menos agricultores e mais profissões urbanas e, por fim, uma geração constituída, em sua maioria, por profissionais de nível médio e superior. Isso vem demonstrar mais uma vez uma característica do processo de urbanização (Bortoni, 1985: 141) da comunidade em estudo.

#### 4.4.3 Grau de escolaridade

Ainda baseados em Bortoni (1985: 143), classificamos nossos informantes primeiramente segundo o número de anos de frequência à escola e, a seguir, relacionando os anos de escolaridade com a faixa etária dos informantes, para o que obtivemos as seguintes tabelas:

Tabela 4.4.3.a: Grau de escolaridade I

anos de escola	homens		mulheres	
	no.	%	no.	%
nenhum	1	7.1	-	-
1-3	-	-	4	25.0
4-7	5	35.7	5	31.3
8-10	5	35.7	1	6.2
11 e mais	3	21.4	6	37.5
TOTAL	14	100.0	16	100.0

Tabela 4.4.3.b: Grau de escolaridade II

anos de escola	1-3		4-7		8-10		11-		Total	
	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	T	%
-14	1	3.5	3	10.3	1	3.3	-	-	5	17.1
15-25	-	-	-	-	1	3.3	3	10.3	4	13.6
26-35	-	-	1	3.3	-	-	2	6.6	3	10.0
36-45	-	-	1	3.3	2	6.6	4	13.3	7	23.3
46-55	1	3.3	2	6.6	1	3.3	-	-	4	13.3
56-65	2	6.6	3	10.0	1	3.3	-	-	6	20.0
TOTAL	4	13.3	10	33.3	6	20.0	9	30.0	29	100.0

No item anterior, verificamos que o mesmo número de homens e de mulheres exerce profissões urbanas com treinamento técnico especializado, entre as quais incluímos os industriais. Ao examinarmos a Tabela 4.4.3.a, podemos ver que sua categoria profissional pouco se relaciona ao grau de escolaridade, uma vez que o número de mulheres com segundo grau completo perfaz o dobro dos homens.

A Tabela 4.4.3.b revela que há uma correlação negativa entre idade e nível de educação formal: quanto maior a idade, menor o grau de escolaridade (Bortoni, 1985: 143). Das pessoas da primeira geração, somente uma fez mais do que a escola primária de 4 anos, enquanto os jovens da terceira geração todos freqüentam a escola regularmente, sendo que todos com mais de 16 anos já concluíram o 2º grau.

O fato de o grau de escolaridade de nossos informantes não estar muito relacionado com a categoria profissional dos mesmos necessita uma explicação, que só podemos dar a partir das conversas tidas com nossos informantes e dos comentários feitos pelos mesmos durante as entrevistas.

As pessoas de nossa amostra são, como já explanamos, todas pertencentes à classe média. E é na classe média que, em geral, surge a iniciativa de formar uma pequena empresa. Encontramos entre nossos informantes um bom número desses micro-empresários, que constituíram malharias, firmas de instalação hidráulica, salões de cabeleireiras e barbeiros. Além disso, entrevistamos uma família que, de uma pequena fundição, constituiu uma indústria de médio porte.

Outro aspecto a ser considerado é que, do grupo que não mais frequenta escola, nenhuma pessoa está desempregada, nem aposentada (nossos três informantes masculinos da primeira geração ainda estão ativos).

Ainda com relação ao grau de escolaridade, verificamos mais adiante que, tendo todo o grupo da terceira geração frequentado regularmente a escola, é marcante a influência padronizadora desta com relação ao bilingüismo. O português é introduzido como língua dominante e o alemão só consegue se manter realmente no ambiente familiar.

#### 4.4.4 Exposição aos meios de comunicação de massa

O campo 10 de nosso questionário permite avaliar o tempo aproximado que nossos informantes estão expostos aos meios de comunicação de massa. A avaliação do grau de exposição baseia-se em Bortoni (1985: 146).

Tabela 4.4.4: Exposição aos meios de comunicação de massa

	Televisão		Rádio		Jornais		Revistas		Livros	
	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%
Frequent.	28	93	13	44	11	37	6	20	6	27
Ocasionalm.	2	7	10	33	11	37	6	20	10	33
Nunca	0	0	7	23	8	26	12	40	11	40
Total	30	100	30	100	30	100	30	100	30	100

A partir da Tabela 4.4.4, depreendemos que a televisão e o rádio são os meios de comunicação com maior índice de frequência no dia-a-dia de nossos informantes. Chamou nossa atenção, principalmente, o grande número de horas que as crianças e adolescentes de nossa amostra assistem televisão: em média, de 6 a 7 horas diárias, aumentando nos fins de semana.

Assim, a televisão demonstra ser o meio de comunicação mais difundido, o que, sem dúvida, terá efeito sobre o bilingüismo dos mais jovens, uma vez que, através da TV, são transmitidos não somente valores padronizados e de prestígio com relação ao português, como também muitas vezes o alemão e sua língua são estigmatizados (como em certos comerciais e programas humorísticos que ridicularizam o sotaque alemão).

É interessante acrescentar aqui que os informantes de número 26, 28 e 29 afirmam que desde que assistem mais televisão falam e entendem melhor o português.

A audiência de programas de rádio por parte de nossos informantes também é bastante expressiva. Cabe aqui a observação da existência de um programa transmitido pela Rádio Jaraguá no início da tarde, resultado de gravação da "Deutsche Welle", emissão alemã de alcance internacional em ondas curtas. Este programa é em geral transmitido em alemão, gozando de grande audiência.

A leitura de jornais é feita com relativa frequência, por vezes também em alemão, sendo que revistas e livros são lidos apenas ocasionalmente <sup>9</sup>.

Consideramos, enfim, que as informações fornecidas por estes dados estatísticos, apesar de sua limitação a um pequeno segmento da população de Jaraguá do Sul, são relevantes para a melhor compreensão da moldura social em que se encaixa o quadro do bilingüismo. A influência dos fatores sociodemográficos, tais como mobilidade espacial, categoria profissional, grau de escolaridade e exposição aos meios de comunicação de massa dificilmente pode ser calculada numericamente <sup>10</sup>. Pode-se antever, contudo, que todos esses fatores são de cunho padronizador com relação à dominância do português sobre o alemão.

#### 4.5 CARACTERÍSTICAS DAS REDES DE COMUNICAÇÃO

Primeiramente, apresentaremos nas tabelas seguintes os dados levantados através do questionário-entrevista com relação à escolha da língua em diferentes situações da vida cotidiana. A seguir, explanaremos a fórmula desenvolvida para cálculo do índice de uso do alemão e do português nas diversas redes sintéticas, prosseguindo à análise e interpretação dos dados assim obtidos.

---

<sup>9</sup> - 37 por cento dos informantes afirma fazer suas leituras triviais em alemão e português.

<sup>10</sup> - Bortoni (1985: 169-171) apresenta complexa rotina de computador para cálculo dos fatores mencionados, o que resultaria no índice de urbanização.

#### 4.5.1 Escolha da língua em situações diversas

Já nas primeiras entrevistas, ficou claro que não há regras claras que abranjam todas as possibilidades de troca de código. Concordamos com a opinião de Susan Gal, ao dizer que "afirmativas de que uma língua é usada em casa e outra na escola-trabalho-rua parecem-nos extremamente simplistas" (Gal, 1979: 99). Realmente, a coisa é muito mais complexa do que parece.

Contudo, após acumularmos alguns exemplos, foi-nos quase sempre possível predizer as escolhas de certas pessoas numa variedade de situações.

Mackey (1972, apud Fishman, 1968:555) define que o uso das duas línguas é feito em relação a fatores situacionais, tais como tópico, interlocutor, ocasião e local de interação. Os modelos geralmente utilizados até o momento em descrições de situações bilíngües referem-se a esses fatores, o que sem dúvida nos forneceria regras bastante simples para a determinação da escolha da língua. Este tem sido o modelo de estratégia sociolinguística mais comumente usado: partindo-se da alternância entre as variantes, tenta-se predizer a escolha da variante dentro das situações sociais. Vários estudos utilizaram tal método em comunidades bilíngües (Zanella, 1985; Zimmermann, 1981, entre outros).

Gal (1979:99) observou, entretanto, que "não é possível predizer a escolha da língua através do conhecimento dessas correlações situacionais". E acrescenta ainda que "a escolha da língua não pode ser completamente prevista no caso de mudança do código conversacional, onde a situação e seus participantes se mantêm os mesmos, mas, apesar disso, os falantes trocam de uma língua para outra". Segundo a autora, isto constituiria uma violação a uma norma linguística.



Conforme publicação anterior da autora (Gal, apud Sankoff, 1978:230), para predizer a escolha de um indivíduo entre alemão (G), húngaro (H) ou o uso alternado dos dois (HG), o papel representado pelas relações entre os participantes da interação seria o fator mais importante. Já que os aspectos situacionais, tais como local ou ocasião, têm demonstrado ser pouco significativos, a especificação da identidade do interlocutor deve ser suficiente para definir as escolhas.

Também Nancy Dorian (1981:112), em seu estudo na Escócia, considera que a troca de código é resultado da troca de interlocutor. A escolha entre o dialeto gaélico em questão e o inglês se daria independentemente do tópico ou do estado de espírito do falante.

Verificamos mesmo que o tópico não influi necessariamente na escolha da língua para interação, pois a possibilidade de se fazer empréstimos do português para o alemão permite que qualquer assunto seja discutido em alemão, se o interlocutor o permitir, não importando quão sofisticado seja o tema, nem quão distante da vida cotidiana. Assim, isso permite o uso do alemão para todos os tópicos (conforme Dorian, 1981:111).

Também o local ou situação demonstrou ser irrelevante para a escolha da língua. Indagados se, ao encontrarem uma pessoa conhecida numa loja ou supermercado, nossos informantes conversariam com ela em alemão, respondiam sempre: "se ela fala alemão, a gente fala", o que novamente demonstra que a escolha da língua a ser usada é feita basicamente conforme o interlocutor.

Em nosso questionário-entrevista, baseado no modelo de Susan Gal, foram sugeridas diversas situações cotidianas, cada uma representada por uma gama de possíveis interlocutores a formar a rede de comunicação respectiva.

Apresentaremos, inicialmente, nas Tabelas 4.5.1.a e 4.5.1.b respectivamente as escolhas feitas por homens

e por mulheres. Estas tabelas resultaram das respostas apresentadas aos campos 1 a 9 do roteiro de entrevista, incluindo a idade e confissão religiosa do informante, interlocutores da família restrita e da família extensa, do círculo de relações, do ambiente de trabalho, do ambiente escolar, dos meios administrativos e hospitalares, do meio religioso e do ambiente comercial. Estes campos representam respectivamente os diversos tipos de rede de comunicação a que o falante pode ser exposto. Abrangemos nestes quadros a totalidade dos informantes (mono e bilíngües), apresentados em ordem cronológica conforme a idade.

Na Tabela 4.5.1.a temos os quatorze informantes do sexo masculino: 9 são evangélicos e 5 são de confissão católica. Dois informantes da terceira geração são monolíngües em português, embora a mãe do número 5 afirme que seu filho só falava alemão quando ingressou com 3 anos no jardim de infância. A partir de então, não mais usara a língua materna, sendo que hoje, aos 13 anos, pouco entende e quase nada fala de alemão.

Para o sexo feminino, temos na Tabela 4.5.1.b 16 informantes, sendo 7 evangélicas, 7 católicas e duas de formação evangélica que se converteram ao catolicismo com o casamento (12 e 15). No nosso cômputo, consideraremos a informante 12 como evangélica, pois foi essa sua confissão religiosa de formação básica durante o maior período de sua vida, e a informante 15 será considerada católica, por ter sido essa sua confissão pelo maior período de sua vida. Verificamos entre as mulheres três monolíngües, sendo que a n.º 29, mãe de 1 e 2, não é de origem alemã. Todavia, por influência do pai, a menina n.º 2 começou a aprender alemão no jardim de infância. A menina de n.º 3 teve formação bilíngüe no lar, contudo não acusou o uso de alemão em nenhuma situação, motivo pelo qual será considerada monolíngüe.

A idade dos informantes torna-se aqui importante, a fim de visualizarmos o aspecto diacrônico de escolha entre as duas línguas. Vemos, assim, que a predominância do uso de português (P) caracteriza os informantes de terceira geração. Os da segunda geração alternam as duas línguas (AP), enquanto os da primeira geração usam predominantemente o alemão (A). Encontramos também três informantes (21, 22 e 30) descendentes de húngaros, fazendo uso de três línguas: o dialeto húngaro (H), o dialeto alemão (A) e o português (P) <sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> - Segundo os próprios informantes, "húngaro" é a pessoa e "húngarês" (!) é a língua falada.

Tabela 4.5.1.a: Escolha da língua entre homens

[illegible]

Tabela 4.5.1.b: Escolha da língua entre mulheres

no. do informante	2	3	7	8	10	11	12	14	15	19	21	24	26	28	29	30
Idade	7	9	15	19	25	29	33	36	38	41	47	59	62	64	71	73
Religião	C	C	E	C	C	C	EC	E	C	E	C	E	E	E	E	C
Pais	P	AP	P	AP	AP	P	AP	AP	A	A	A	A	A	A	A	AH
Avós	P	P	AP	AP	AP	P	A	A	A	A	AH	A	A	A	A	AH
Irmãos	P	AP	P	AP	P	P	AP	AP	P	AP	AP	A	A	A	A	A
Cunhados	-	-	-	-	P	P	AP	AP	P	P	P	A	A	A	A	A
Filhos	-	-	-	-	P	P	AP	AP	AP	P	AP	AP	A	A	A	AH
Conjuge	-	-	-	-	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	AP	A	AH
Parent. conj.	-	-	-	-	P	P	AP	AP	P	AP	A	A	A	A	A	AH
Netos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	P	AP	A	AP	A	P
Genro/nora	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	P	AP	P	AP	A	P
Vizinhos	P	P	P	P	AP	P	AP	AP	P	AP	AP	AP	A	A	P	A
Amigos	P	P	P	P	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	AP	AH
Coleg. trab.	-	-	-	AP	P	P	AP	AP	-	AP	AP	-	-	-	-	A
Clientes	-	-	-	P	P	P	AP	AP	-	AP	AP	-	-	-	-	-
Empregados	-	-	-	P	P	P	AP	AP	A	AP	P	AP	AP	AP	A	A
Chefe/sup.	-	-	-	P	P	P	P	P	-	-	P	-	-	-	-	-
Coleg. escola	P	P	P	AP	P	P	AP	A	A	P	A	A	A	A	A	A
Professor	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	AP	A	A	A	A	P
Diretor esc.	P	P	P	P	P	P	AP	P	P	P	P	A	A	A	A	P
org. oficiais	-	-	-	P	P	P	P	AP	P	P	P	P	AP	P	AP	AP
Médico	P	P	P	P	P	P	AP	P	P	P	P	A	A	AP	A	P
Enfermeira	P	-	-	P	P	P	P	P	P	P	AP	A	P	AP	AP	AP
Parteira	-	-	-	-	P	P	-	P	A	P	AP	A	A	A	A	A
Culto/missa	P	P	P	P	P	P	P	AP	P	AP	P	A	A	A	A	A
Pastor/padre	P	P	P	P	P	P	P	P	P	AP	P	A	A	AP	A	P
Deus/orações	P	P	P	P	P	P	AP	AP	P	P	P	A	A	A	A	A
Confissão	-	-	-	P	P	P	P	-	P	-	P	-	-	-	-	A
Feira	-	P	P	P	P	P	AP	AP	AP	-	A	AP	P	AP	AP	AP
Supermercado	P	P	P	P	P	P	P	AP	P	AP	P	P	P	P	P	AP
Venda	P	P	P	P	P	P	A	P	P	P	P	AP	P	-	A	A
Comércio	P	P	P	P	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
Loja estr.	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	AP	P	P	P	P	AP

#### 4.5.2 Os padrões de escolha, conforme o interlocutor

A fim de podermos determinar quais os padrões de escolha das línguas entre os diversos tipos de interlocutores, tivemos a necessidade de fazer alguns ajustes no mar de dados obtidos. Primeiramente, julgamos necessário reunir certos interlocutores num mesmo grupo. Obtivemos, assim, 12 tipos de interlocutores.

Desprezamos os informantes monolíngües, visto que para eles não há opções de escolha da língua. Com isso, vemos nosso total de informantes bilíngües reduzido a 25.

Definidos os doze tipos de interlocutores e os informantes a serem considerados, obtivemos uma matriz já mais compacta. Contudo, ainda não a consideramos suficientemente clara para se visualizar os padrões de escolha que servem de regra aos diversos informantes.

Decidimos utilizar então a fórmula usada por Gal (1979: 159) para calcularmos o índice de uso do alemão (índice A) para cada informante:

$$\text{índice A} = \frac{A + AP}{A + AP + P}$$

Assim, foi calculada a proporção de alemão usada por cada falante, para o total de situações interlocucionárias. Desta forma, pudemos ordenar os diversos falantes conforme seu índice A.

Utilizando a mesma fórmula para cada um dos tipos de interlocutores, obtivemos o índice A com relação aos diversos informantes.

Desta maneira, conseguimos obter uma matriz que leva em conta o fato de que cada informante pode agir de forma diferenciada dos demais em suas escolhas linguísticas habituais.



Para fins de visualização, dispomos os informantes ao longo de um eixo vertical, ordenados conforme seus índices A, e os tipos de interlocutor em um eixo horizontal, ordenados também conforme seus índices A. A matriz resultante permite descrever os padrões de uso sincrônico das duas línguas<sup>12</sup>.

Assim, na Tabela 4.5.2, pode-se ler no eixo horizontal os padrões de uso habitual de alemão e português para cada falante. Por exemplo, o falante 18 usa alemão e português (AP) com seus pais e a geração deles (tios, professor, chefe etc.), alemão (A) com os avós e sua geração e português (P) com os irmãos e outras pessoas de seu mesmo grupo etário.

Ao mesmo tempo, a leitura de cada coluna vertical permite observar as diferenças entre os informantes, com relação a suas escolhas lingüísticas para com um interlocutor determinado. Assim, enquanto os informantes do topo da tabela só falam português com seus irmãos, os do meio alternam as duas línguas em tal tipo de interação e os da base da tabela só usam alemão.

O fator idade vai nos fornecer os padrões de escolha conforme a geração do informante, o que acrescenta à matriz o componente diacrônico, a tendência de evolução nos padrões de escolha.

As escolhas arranjadas desta forma resultam numa escala implicacional com bom grau de perfeição (81 por cento de escalabilidade). Os falantes do topo da escala usam mais o português, os da base falam mais alemão, os do meio têm maior possibilidade de alternância das duas línguas numa mesma interação. De acordo com as escalas implicacionais (Gal, 1979: 232), a presença de qualquer

---

<sup>12</sup> - Não se considerou aqui o uso do dialeto húngaro, pois para todas as situações em que nossos informantes indicaram H também indicaram A ou AP.

Tabela 4.5.2: Padrões de escolha da língua em Jaraguá do Sul

no.do	idade	Interlocutor												ind.A
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
7	15	AF	P	P	-	-	P	P	-	P	P	P	P	0.11
10	25	AF	AF	P	P	P	P	P	-	P	P	P	P	0.16
22	43	A	A	AF	P	P	AF	P	P	P	P	P	P	0.36
13	34	A	AF	AF	P	P	AF	P	-	P	P	P	P	0.36
16	36	P	P	AF	AF	AF	P	AF	-	P	P	P	P	0.36
4	11	AF	AF	AF	-	-	P	P	-	P	P	P	-	0.36
6	13	AF	AF	AF	-	-	P	P	-	P	AF	P	-	0.50
6	18	AF	AF	AF	-	-	AF	P	-	P	P	P	-	0.30
18	40	A	AF	AF	AF	P	P	AF	-	AF	P	P	P	0.16
20	42	A	AF	AF	AF	AF	P	P	-	P	P	P	AF	0.16
13	41	A	AF	AF	AF	P	AF	P	-	AF	P	P	P	0.60
15	33	A	AF	AF	AF	AF	P	AF	-	P	AF	P	P	0.64
17	46	A	AF	AF	AF	AF	AF	P	-	A	P	P	P	0.66
3	24	A	AF	AF	-	-	AF	AF	-	P	AF	P	P	0.07
21	47	A	A	AF	AF	AF	AF	AF	P	P	AF	P	P	0.07
12	33	A	AF	AF	AF	AF	AF	AF	-	P	AF	AF	P	0.07
14	38	A	AF	AF	AF	AF	AF	AF	-	AF	P	AF	P	0.07
19	52	A	A	A	A	A	A	AF	A	A	P	A	P	0.81
23	56	A	A	AF	AF	AF	A	AF	P	A	A	A	AF	0.81
30	75	A	A	A	A	AF	A	AF	P	AF	AF	A	AF	0.81
34	88	A	A	AF	A	AF	A	AF	AF	A	A	A	P	0.81
17	64	A	A	A	A	A	A	AF	A	A	AF	A	P	0.81
20	64	A	A	A	A	A	A	AF	AF	AF	AF	A	P	0.81
26	62	A	A	A	A	A	A	AF	A	A	AF	A	AF	1.00
28	71	A	A	A	A	A	A	AF	AF	A	AF	A	AF	1.00

índice A .86 .92 .82 .86 .75 .66 .64 .60 46 .46 43 .26

índice A= A+AF/A+AF+P

grau de escalabilidade= 0.81

interlocutores:

1= avós e sua geração

2= pais e sua geração (professor, chefe, diretor)

3= amigos, vizinhos da mesma geração (colegas de escola e trabalho)

4= cônjuge

5= filhos

6= irmãos

7= vendedores

8= netos

9= padre, pastor

10= médico, enfermeira (porteira)

11= Deus (orações)

12= órgãos oficiais

uma das três categorias lingüísticas numa célula restringe qual das três pode ocorrer acima, abaixo e em ambos os lados. Assim, quando se determina a escolha lingüística de um falante em determinada situação, obtemos também, de modo geral, a informação sobre suas possibilidades de escolha em outras situações. Este dado permite-nos também prever as possibilidades de escolha dos falantes acima ou abaixo deste.

O uso alternado das duas línguas (AP) é geralmente feito de acordo com a interpretação ou função dada a cada língua. Os tipos de interação em que tanto o alemão como o português foram indicados é que serão o campo de estudo do pesquisador que pretender observar as funções da troca de código dentro do discurso (conversational code switching - Gumperz, 1982: 59-99). Para isso, as matrizes opontam os tipos de interação em que é provável a ocorrência deste fenômeno.

Relacionada à posição de um falante na escala está sua idade. Os mais jovens tendem a usar mais português e menos alemão, enquanto os mais velhos usam alemão com todos ou quase todos os tipos de interlocutores.

Pode-se observar, de maneira bastante clara, que a linha mestra de manutenção da língua minoritária é a família, principalmente os avós e pais, além de outras pessoas pertencentes à geração dos mesmos, tais como tios, sogros, superiores, professores e amigos dos pais.

Curioso pareceu-nos o aspecto de que o círculo de relações escolhido pelos falantes, incluindo amigos, vizinhos e colegas de escola e de trabalho, situa-se como terceiro fator nos padrões de escolha da língua alemã. Ou seja, os amigos e relações extra-familiares preferenciais de nossos informantes são, em sua maioria, bilíngües. E, depois dos avós e dos pais (e sua geração), prefere-se falar com os amigos e colegas em alemão <sup>13</sup>. Tal fato tal-

---

<sup>13</sup> - Note-se que para os tipos de interlocutor 2 (pais e sua geração) e 3 (amigos e colegas da mesma geração) obteve-se o mesmo índice de uso do alemão.

vez possa ser explicado pelo aspecto confidencial conferido ao conhecimento de uma língua estrangeira.

Indagamos em que situação nossos falantes usavam o alemão com seus colegas de escola e de trabalho. Todos os da geração mais velha informaram que em sua escola todos os colegas falavam alemão. Já os informantes da geração intermediária usam o alemão com seus colegas de trabalho para brincadeiras, mas principalmente para falar de assuntos que os outros não devem ouvir, situações às quais a maioria dos não-falantes de alemão reage incomodada ou pede a tradução. Com os colegas de escola, grande parte de nossos informantes da segunda geração falava quase sempre alemão, independente do assunto, situação aparentemente comum, à qual os colegas monolíngües em geral não reagiam.

Como na escala de preferência para o uso do alemão segue em quarto lugar o cõnjuge como interlocutor, constatamos que, de modo bastante genérico, os bilíngües de Jaraguá do Sul falam alemão em primeiro lugar com as pessoas de gerações mais velhas que a sua e, em segundo lugar, com as pessoas de sua faixa etária, escolhidas para formarem seu círculo de relações. Amigos, colegas, vizinhos e o cõnjuge formam o grupo de relações preferenciais de cada indivíduo, e, neste caso, consideramos que o uso da língua minoritária com essas pessoas deve ter, principalmente, a função de identificação e de confiança mútua. Desta forma, a herança cultural e étnica transmitida pela geração mais velha permanece viva nas redes de comunicação preferenciais da geração intermediária. Tal não se verifica, contudo, com relação à geração mais jovem<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> - Os falantes 7 e 10 não usam alemão com nenhum interlocutor de sua rede de relações preferenciais. Conseqüentemente, não falam alemão com nenhum dos interlocutores seguintes.

De fato, podemos observar na coluna 8 que a primeira geração usa alternadamente alemão e português com seus netos, os falantes da terceira geração (30 por cento para cada categoria lingüística). Porém, quase 60 por cento dos pais desses jovens usa alternadamente alemão e português com seus filhos, sendo que 42 por cento já só fala português.

Considerando-se esse aspecto, vemos que quem de fato mantém vivo o alemão são as gerações mais velhas e a tendência parece ser a de desaparecimento entre as gerações mais jovens, devido ao rompimento da linha de transmissão da língua minoritária por parte de seus pais.

Todavia, não somente os pais e avós são influentes na manutenção da língua minoritária. Veremos mais adiante que a escola, a igreja, entre outros têm um papel importante no bilingüismo.

A partir das situações observadas e das informações fornecidas por nossos informantes, pudemos, portanto, comprovar que a determinação da escolha lingüística é feita principalmente conforme o interlocutor (Gal, 1979:121).

Alguns aspectos ainda podem ser acrescentados, depreendidos dos dados da matriz de escolha. Por exemplo, o importante papel da mulher na manutenção do bilingüismo. Já vários estudos enfatizaram a imagem da mulher como propulsora da variante conservadora (Tarallo, 1985:62), que no nosso caso se confirma no alemão. Em nosso estudo, verificamos duas situações opostas: onde a mãe fala alemão, o marido e os filhos também falam; onde ela não fala, os filhos são monolíngües.

Com relação à primeira situação, temos dois exemplos.

Nossa informante de número 12 é de formação evangélica e em casa de sua família a comunicação era feita prioritariamente em alemão. 12 casou-se com 16, católico, de família bilíngüe, mas que quase não falava alemão. Com

o casamento, ampliou-se o círculo de relações com que 16 passou a falar alemão. E os três filhos do casal tiveram o alemão como língua materna.

Caso semelhante ocorreu com 15, também evangélica, que em sua família usava quase só o alemão como língua para comunicação. Casou-se com 20, católico, de formação bilíngüe, mas que muito pouco ainda falava de alemão. 15 quase só fala alemão com seu marido e todos os quatro filhos do casal são bilíngües, com uso efetivo das duas línguas.

Situação oposta aconteceu com o informante 13, que falava mais alemão do que português (ainda hoje tem forte sotaque quando fala português). Saiu da cidade natal e casou-se com 11, moça de origem luso-brasileira, que nada fala de alemão. 13 teve assim sua rede de comunicação em alemão extremamente restrita, e também não transmitiu sua língua materna a seus dois filhos, que são ambos monolíngües em português.

Verificamos ainda que as mulheres falam, em média, mais alemão do que os homens e que os evangélicos também usam mais a língua alemã do que os católicos. Assim, sentimos a necessidade de dividir nossa amostra conforme os critérios de sexo e confissão religiosa, a fim de buscarmos explicações para tal diferença.

#### 4.5.3 Os padrões de escolha da língua para mulheres e homens

Susan Gal (1979:100) considera que "as mulheres escolhem sistematicamente as línguas de forma diversa dos homens numa comunidade multilíngüe". Por esse motivo, dividiremos nosso grupo de informantes conforme a variável "sexo do falante".

Tabela 4.5.3.a: Padrões de escolha da língua entre os homens

no.	idade	Padrões de escolha											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
16	38	F	F	AF	AF	AF	F	AF	-	F	L	F	L
22	45	A	A	AF	AF	AF	F	AF	-	F	F	F	F
13	34	A	AF	AF	F	F	AF	F	-	F	F	F	F
4	11	AF	AF	AF	-	-	F	F	-	F	F	F	-
6	16	AF	AF	AF	-	-	F	F	-	F	AF	F	-
16	40	A	AF	AF	AF	F	F	AF	-	AF	F	L	F
20	42	A	AF	AF	AF	AF	F	F	-	F	F	F	AF
17	46	A	AF	AF	AF	AF	AF	F	-	A	F	F	F
9	24	A	AF	AF	-	-	AF	AF	-	F	AF	F	F
23	50	A	A	AF	AF	AF	A	AF	F	A	A	A	AF
25	52	A	A	A	A	A	A	AF	A	A	F	A	F
27	54	A	A	A	A	A	A	AF	A	A	AF	A	F

area de escalabilidade= 80%

Interlocutores:

1= avós e sua geração

2= pais e sua geração

3= amigos, vizinhos e colegas da mesma geração

4= cônjuge

5= filhos

6= irmãs

7= vendedores

8= netos

9= padre, pastor

10= médico

11= Deus (orações)

12= órgãos oficiais



Tabela 4.5.3.b: Padrões de escolha da língua entre as mulheres

Padrões de escolha													
no.	id.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
7	15	AP	P	P	-	-	P	P	-	P	P	P	P
10	25	AP	AP	P	P	P	P	P	-	P	P	P	P
8	19	AP	AP	AP	-	-	AP	P	-	P	P	P	-
19	41	A	AP	AP	AP	P	AP	P	-	P	AP	P	P
15	39	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	-	AP	P	P	P
21	47	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	P	AP	P	P	P
12	35	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	AP	P
14	38	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	P	AP	AP	P
30	73	A	A	A	A	AP	A	AP	P	AP	AP	A	AP
24	55	A	A	AP	A	AP	A	AP	AP	A	A	A	P
28	61	A	A	A	A	A	A	AP	AP	AP	AP	A	P
26	62	A	A	A	A	A	A	AP	AP	AP	A	A	AP

grau de especificidade: 0,2

interlocutores:

1= avós e sua geração

2= pais e sua geração

3= amigos, vizinhos e colegas da mesma geração

4= cônjuge

5= filhos

6= irmãos

7= vendedores

8= netos

9= médico, enfermeira, parteiro

10= padre, pastor

11= Deus

12= órgãos oficiais

Ao estabelecermos a matriz com os padrões de escolha lingüística entre os homens (Tabela 4.5.3.a), verificamos que não houve alteração na ordem de prioridades. Mesmo a matriz das mulheres (Tabela 4.5.3.b) não apresentou grande alteração na ordem dos padrões de escolha. Somente os tipos de interlocutor 9 (padre, pastor) e 10 (médico, enfermeira, parteira) permutaram suas posições, provavelmente devido ao fato de que, conforme fomos informados, as parteiras conhecidas por nossas informantes preferem falar em alemão com a parturiente, a fim de transmitir maior grau de intimidade e confiança.

Considerando que o grau de escalabilidade destas matrizes reduzidas em pouco se elevou, procuramos uma subdivisão dos dois grupos, pois verificamos que aparentemente os evangélicos falam mais alemão do que os católicos.

Em informação obtida por ocasião de nossa primeira viagem a Jaraguá do Sul, soubemos que a Igreja Evangélica ainda mantém cultos e outras atividades em língua alemã (ver 3.4.6). Além disso, a Comunidade Evangélica oferece o ensino do alemão desde o jardim de infância até o 2º grau. Já a Igreja Católica não mais realiza missas em alemão, sendo orientação do Bispo que se incentive o português. Esses aspectos, sem dúvida devem se refletir nos padrões de escolha lingüística de maneira diversa.

Com isso, subdividimos os dois grupos conforme sua confissão religiosa.

#### 4.5.3.1 Os padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas

Ao rearranjarmos os dados nessa matriz reduzida (Tabela 4.5.3.1), conseguimos atingir um grau de escalabilidade quase perfeito (94 por cento). Em apenas quatro células não foi respeitado o padrão de escolha entre as categorias lingüísticas, previsto através do cálculo do índice de uso do alemão para os dois eixos da matriz.

Tabela 4.5.3.1 Padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas

		padrões de escolha											
no.	id.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
10	23	A	A	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
6	18	A	A	A	-	-	AF	F	F	-	-	F	-
13	34	A	A	AF	AF	AF	-	AF	AF	-	-	F	-
21	47	-	-	AF	AF	A	AF	A	AF	-	F	F	-
30	75	-	-	A	A	AF	A	AF	AF	A	AF	A	F
índice	A	1.0	1.0	.60	.75	.75	.60	.60	.60	.25	.20	.20	0.0

grau de escalabilidade = 94%

Interlocutores:

- 1= avós e sua geração
- 2= pais e sua geração
- 3= amigos, vizinhos e colegas da mesma geração
- 4= cônjuge
- 5= filhos
- 6= irmãos
- 7= vendedores
- 8= médico, enfermeira, parteira
- 9= órgãos oficiais
- 10= padre
- 11= Deus
- 12= netos

Entre os interlocutores, permaneceu a ordem de preferência até o número 7. As inversões verificadas entre 8 e 12 apresentam-nos os tipos de interlocutor com quem as católicas provavelmente não vão falar alemão. Note-se que o padre e Deus (orações) figuram entre os interlocutores com menor índice A. Isso vem confirmar a in-

formação fornecida, de que pouco ou quase nada ainda se fala de alemão no ambiente da Igreja Católica.

Um aspecto que, contudo, nos chamou a atenção foi a informação dada pelo pároco local, de que algumas pessoas de mais idade ainda fazem suas confissões em alemão. De fato, a informante 30 afirma fazer suas confissões e orações pessoais sempre em alemão. Além dessa exceção, nenhum de nossos católicos (homens e mulheres) mencionou o uso do alemão nem com o padre, nem em suas orações.

#### 4.5.3.2 Os padrões de escolha da língua entre as mulheres evangélicas

Conforme prevíamos, os informantes do sexo feminino de confissão luterana apresentaram padrões bastante divergentes de uso do alemão. Suas redes prioritárias de interlocutores com quem falam alemão acusam em primeiro lugar a família, seguida das relações de amizade, da igreja, do comércio, saúde e órgãos oficiais.

Note-se que o uso do alemão nas orações ocupa o 7.º lugar na escala de preferência. Com efeito, a maioria de nossas informantes de confissão evangélica afirma preferir a frequência aos cultos em alemão porque "acha mais íntimo", "se sente mais à vontade" e "entende melhor". Além disso, todas afirmaram ter aprendido a rezar em alemão.

Outro aspecto interessante é que todas as informantes evangélicas que têm netos falam em alemão com eles, ao passo que nenhuma das avós católicas apresentou o uso do alemão com seus netos.

De fato, se compararmos os índices A das católicas e das evangélicas, veremos que as últimas apresentam

uma frequência bem mais elevada de uso do alemão do que as primeiras. Além disso, três informantes católicas acusaram ser monolíngües em português, enquanto todas as evangélicas são bilíngües e seus filhos tiveram o alemão como língua materna.

Tabela 4.5.3.2: Padrões de escolha da língua entre as mulheres protestantes

		Padrões de escolha											
no.	id.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
7	15	AP	-	P	P	P	-	P	P	P	P	-	P
19	41	A	AP	AP	AP	AP	P	P	AP	P	P	-	P
12	53	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	-	P
14	36	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	-	P
24	59	A	A	A	A	AP	AP	A	A	AP	A	AP	P
26	64	A	A	A	A	A	A	A	AP	AP	AP	AP	P
29	71	A	A	A	A	A	A	A	A	AP	AP	AP	AP
26	62	A	A	A	A	A	A	A	A	AP	AP	A	AP
ind.A		1.0	1.0	.86	.86	.86	.86	.75	.75	.75	.63	.50	.25

grau de escalabilidade= 93%

Interlocutores:

1= avós e sua geração

2= cônjuge

3= pais e sua geração

4= irmãos

5= amigos, vizinhos, colegas da mesma geração

6= filhos

7= Deus

8= pastor

9= vendedores

10= médico, enfermeira, parteira

11= netos

12= órgãos oficiais

#### 4.5.3.3 Os padrões de escolha da língua entre os homens católicos

Os homens católicos de nossa amostra apresentaram interessante alteração nos padrões de escolha da lín-

gua. Primeiramente, o índice de uso do alemão é claramente mais baixo que o das mulheres, o que vem demonstrar que, efetivamente, a mulher se caracteriza como conservadora da língua minoritária.

Além disso, com os interlocutores de 7 a 12 pouco ou nunca se usa alemão, o que reduz as redes de comunicação mantidas na língua minoritária praticamente à metade. No entanto, na linha de preferência para se falar alemão encontramos o grupo de amigos, vizinhos e colegas da mesma geração em primeiro lugar, o que leva a crer que a rede de relações preferenciais extra-familiares influi mais no uso do alemão pelos homens católicos do que a família.

Conforme já observamos para as mulheres católicas, nossos informantes não falam alemão no meio religioso, nem com seus netos, nem com o médico.

Do total de informantes católicos bilíngües, apenas uma mulher usa o alemão em suas orações, embora todos afirmem que aprenderam a rezar em alemão. As mães da segunda geração, contudo, já não mais ensinaram as orações alemãs a seus filhos. Percebe-se assim o importante papel desempenhado pela religião na conservação do bilingüismo. Mesmo entre os católicos, poucos são da opinião que seria bom ter missas em alemão. Acham mesmo que "só as pessoas mais velhas freqüentariam missa em alemão", enquanto a maioria afirma que "é melhor em português, pois é a língua da gente", esquecendo-se que eles mesmos, em sua maioria tiveram o alemão como língua materna. Note-se ainda que, do total de nossos informantes, quatro católicos contra um evangélico acusaram ser monolíngües, apesar de dois dos católicos (filhos de 12, luterana) terem tido o alemão como língua materna, não mais cultivando-o após o ingresso no jardim de infância.

Tabela 4.5.3.3: Padrões de escolha da língua entre os homens católicos

		Padrões de escolha											
no.	id.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
16	39	AP	P	P	AP	AP	P	AP	P	-	P	P	P
13	34	AP	AP	A	P	P	AP	P	P	-	P	P	P
20	42	AP	A	AP	AP	AP	P	P	AP	P	P	P	P
22	49	AP	A	A	P	P	AP	P	P	P	P	P	P
ind.A		1.0	.75	.75	.50	.50	.50	.25	.25	0.0	0.0	0.0	0.0

Grau de escalabilidade= 80%

Interlocutores:

1= amigos, vizinhos, colegas da mesma geração

2= avós e sua geração

3= pais e sua geração

4= cônjuge

5= filhos

6= irmãos

7= vendedores

8= órgãos oficiais

9= netos

10= padre

11= médico, enfermeira

12= Deus

#### 4.5.3.4 Os padrões de escolha da língua entre os homens evangélicos

Os informantes evangélicos do sexo masculino em nossa amostra, analogamente aos do sexo feminino, apresentaram índices de uso do alemão em média mais elevados do que os católicos de ambos os sexos. Ou seja, os evangélicos efetivamente conservam mais a língua alemã do que os católicos, o que já foi citado por Wagemann (1915, apud Baranow, 1972). Em Silva (1975: 262) temos mesmo a informação de que as primeiras iniciativas em termos de escola em Jaraguá do Sul foram empreendidas pelos pastores luteranos, que até o início desse século eram todos vindos da Alemanha. Consta que a princípio os pastores davam aulas em suas próprias casas, até a instalação, em 1907, da primeira escola particular evangélica. Com efeito, existe en-



tre os luteranos a tradição da língua alemã, a língua de Lutero, que deve ser transmitida de geração em geração.

Os homens evangélicos de nossa amostra tiveram o mesmo padrão de escolha da língua apresentado na Tabela 4.5.2, com exceção do interlocutor referente ao pastor, que aqui figura em sétimo lugar em uso do alemão. Seguem-se os netos, como interlocutores preferenciais para o uso do alemão, o que, mais uma vez, difere o grupo evangélico do católico. Como vimos, nenhum dos avós católicos fala alemão com seus netos, enquanto 6 dos 7 avós evangélicos conserva o uso da língua de Lutero com seus netos. Verifica-se assim que entre os luteranos há mais chances de se manter o bilingüismo do que entre os católicos.

Tabela 4.5.3.4: Padrões de escolha da língua entre os homens evangélicos

Padrões de escolha													
no.	id.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
4	11	AP	AP	AP	-	-	F	P	-	F	P	F	-
5	15	AP	AP	AP	-	-	F	P	-	P	AP	P	-
16	40	A	AP	AP	AP	P	P	AP	-	AP	P	P	P
17	40	A	AP	AP	AP	AP	AP	A	-	P	P	P	P
9	24	A	AP	AP	-	-	AP	F	-	AP	AP	P	P
23	58	A	A	AP	AP	AP	AP	A	P	A	A	A	AP
25	82	A	A	A	A	A	A	A	A	AP	P	A	P
27	64	A	A	A	A	A	A	A	A	AP	AP	A	P

ind.A 1.0 1.0 1.0 1.0 .60 .63 .66 .66 .63 .50 .36 .17

Grav de escalabilidade= 89%

Interlocutores:

1= avós e sua geração

2= pais e sua geração

3= amigos, vizinhos, colegas da mesma geração

4= cônjuge

5= filhos

6= irmãos

7= pastor

8= netos

9= vendedores

10= médico, enfermeira

11= Deus

12= órgãos oficiais

#### 4.6 AS REDES INDIVIDUAIS DE COMUNICAÇÃO

Conforme expusemos em 4.1, os campos 3 e 4 de nosso roteiro de entrevista são os indicadores principais para a determinação da rede básica de relações e de uso das línguas para cada informante. Consideramos, portanto, que o fator amizade, juntamente com o fator frequência de contato são indicadores válidos dos canais ativos de comunicação.

Assim, obtivemos no campo 3 do questionário informações sobre o uso das duas línguas com os vizinhos mais próximos, além do grau de contato com os mesmos.

No campo 4 ficamos sabendo quem são as três pessoas com quem cada informante melhor se relaciona e com quem conversa mais seguido, além da rede familiar. A partir desses dados, pudemos constituir a rede básica de relações preferenciais de cada falante.

Verificamos, no entanto, que, para a pergunta 4.1 (quem são as três pessoas com quem você melhor se dá?), muitas vezes foram indicadas pessoas da família. Temos, portanto, aqui um cruzamento de "fios" da rede familiar com a de relações preferenciais, o que nos permitirá traçar ainda uma rede de relações preferenciais dentro da família, indicando, de maneira geral, com quem cada informante conversa mais frequentemente e em que língua, dentro do âmbito doméstico.

##### 4.6.1 A rede familiar

Nossos informantes apresentam número variável de membros da família. Isso é compreensível, pois o número de irmãos, filhos e netos pode variar muito de uma pessoa

a outra. Além disso, os informantes mais jovens são obviamente solteiros, algumas pessoas não conheceram todos os avós, dois informantes são viúvos casados pela segunda vez, e assim por diante. Em vista disso, julgamos inadequado construir uma matriz de interlocutores e escolha linguística semelhante às apresentadas até agora. Nossa matriz para representar a rede familiar indica na linha horizontal de interlocutores agrupamentos genéricos, tais como avós, pais, irmãos etc.

Desta forma, para cada informante de uma família, é fornecido o número de interlocutores de cada agrupamento familiar com que ele fala alemão e alemão/português e o número com quem fala só português. Isso nos permite calcular o índice de uso de alemão relativo a cada falante. Como consideramos importantes as variáveis sexo, religião e idade do informante, esses dados também foram incluídos na matriz.

Assim, podemos visualizar as redes de comunicação no âmbito familiar de cada um dos nossos informantes, situados estes respectivamente na família a qual pertencem.

As seis famílias observadas encontram-se representadas na Tabela 4.6.1.

As famílias 1 e 2 apresentam ambas casamentos mistos de homens católicos com mulheres evangélicas, que então se converteram ao catolicismo. Note-se que em ambos os casos os maridos (20 e 16) têm índice menor de uso do alemão em família do que suas esposas (15 e 12). Os filhos de ambos os casais são parcialmente bilíngües.

As famílias 3 e 4 são ambas evangélicas, apresentando em geral altos índices de uso do alemão também nas gerações mais novas. Uma exceção é o menino de número 5, da família 4, que afirma não falar alemão, embora os avós (25 e 28) digam que falam principalmente em alemão com todos os seus netos. Com efeito, o menino n.º 5 pareceu entender tudo o que lhe dizíamos em alemão, embora falasse muito pouco.



cont. Tabela 4.6.1

Fa	In	Se	Re	Id	Ct.Lg.	Av	Pa	Ir	Cj	Fl	Ne	Prop	Ind.A
4	5	M	E	13	A/AP	-	-	-	-	-	-	-	-
					P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00
	7	F	E	15	A/AP	2	-	-	-	-	-	-	-
					P	2	2	2	-	-	-	2/8	0.25
	18	M	E	40	A/AP	4	2	-	1	-	-	-	-
					P	-	-	2	-	3	-	7/12	0.58
	19	F	E	41	A/AP	4	2	1	1	-	-	-	-
					P	-	-	1	-	3	-	8/12	0.67
	25	M	E	62	A/AP	4	2	2	1	3	5	-	-
					P	-	-	-	-	-	-	17/17	1.00
	28	F	E	64	A/AP	4	2	8	1	3	5	-	-
					P	-	-	-	-	-	-	23/23	1.00
5	10	F	C	25	A/AP	4	1	-	-	-	-	-	-
					P	-	1	3	1	2	-	5/12	0.42
	21	F	C	47	A/AP	4	2	1	1	1	-	-	-
					P	-	-	4	-	3	2	9/18	0.50
	22	M	C	49	A/AP	2	2	8	1	-	-	-	-
					P	-	-	5	-	4	2	13/24	0.54
	30	F	C	73	A/AP	4	2	13	1	5	-	-	-
					P	-	-	-	-	-	8	25/33	0.76
6	1	M	C	4	A/AP	-	-	-	-	-	-	-	-
					P	4	2	1	-	-	-	0/7	0.00
	2	F	C	7	A/AP	-	-	-	-	-	-	-	-
					P	4	2	1	-	-	-	0/7	0.00
	11	F	C	29	A/AP	-	-	-	-	-	-	-	-
					P	4	2	3	1	2	-	0/12	0.00
	13	M	C	34	A/AP	4	2	12	-	-	-	-	-
					P	-	-	-	1	2	-	18/21	0.86

Fa=família ; In=informante ; Se=sexo ; Re=religião ; Id=idade;  
 Ct.Lg.=categoria linguística ; Av=avós ; Pa=país ; Ir=irmãos ;  
 Cj=cônjuge ; Fl=filhos ; Ne=netos ; Prop=proporção.

#### 4.6.2 A rede de relações preferenciais

A rede de relações preferenciais de um informante abrange os três vizinhos mais próximos, as três pessoas com quem o informante melhor se relaciona, incluindo membros da família, e as três pessoas com quem conversa mais seguido, além da família. Em diversos casos foi mencionada a mesma pessoa para mais de uma situação, razão pela qual o número de interlocutores pode ser menor do que nove. No quadro seguinte (Tabela 4.6.2) reunimos os 30 informantes e seus interlocutores preferenciais, numerados de 1 a 9, com a indicação da categoria lingüística escolhida para comunicação.

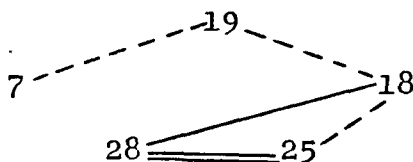
Tabela 4.6.2: Rede de relações preferenciais

no.	id.	sex	relações preferenciais									ind.A
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	
1	4	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
2	7	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
3	9	F	P	P	P	P	P	P	P	P	-	0.00
4	11	M	P	P	P	P	AP	AP	AP	A	A	0.56
5	13	M	P	P	P	P	P	P	P	-	-	0.00
6	13	M	P	P	P	P	P	P	AP	AP	A	0.33
7	15	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
8	19	F	P	P	P	P	P	P	P	AP	AP	0.22
9	24	M	P	P	AP	AP	AP	AP	A	-	-	0.71
10	25	F	P	P	P	P	P	P	P	AP	AP	0.22
11	29	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
12	33	F	P	P	P	P	AP	AP	AP	A	A	0.56
13	34	M	P	P	P	P	P	P	P	P	A	0.11
14	38	F	P	P	AP	AP	AP	AP	A	A	A	0.76
15	39	F	P	P	P	P	P	P	AP	-	-	0.14
16	39	M	P	P	P	P	P	P	P	P	AP	0.11
17	40	M	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	0.75
18	40	M	P	P	P	P	P	P	A	A	-	0.25
19	41	F	P	AP	AP	A	A	A	A	A	A	0.69
20	42	M	P	P	P	P	P	AP	AP	AP	-	0.58
21	47	F	P	P	P	P	P	P	A	A	A	0.53
22	49	M	P	P	P	P	P	P	P	A	-	0.13
23	56	M	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	0.76
24	59	F	P	P	P	AP	AP	A	A	A	-	0.68
25	62	M	A	A	A	A	A	A	A	-	-	1.00
26	62	M	A	A	A	A	A	A	-	-	-	1.00
27	64	M	A	A	A	A	A	A	A	-	-	1.00
28	64	F	A	A	A	A	A	A	AP	AP	AP	1.00
29	71	F	P	P	P	P	A	A	A	A	A	0.56
30	73	F	H	H	H	P	P	P	A	A	A	0.33

Percebe-se claramente que os falantes da primeira geração escolhem para sua rede de comunicação preferencial pessoas com quem possam conversar em alemão. Índices de uso do alemão com valor semelhante só são encontrados em algumas exceções na segunda geração (na maioria mulheres). Os informantes da geração mais jovem apresentam índices bem mais baixos de uso do alemão com seus melhores amigos. Note-se que a informante de número 30 ainda mantém relações com pessoas, com as quais a maior parte da comunicação é feita em dialeto húngaro.

Diversos informantes indicaram membros da família para a questão referente às três pessoas com quem conversam mais seguidamente. Isto nos permite observar o papel que o interlocutor indicado possa ter no bilingüismo do referido falante.

Por exemplo, dentro da família 4 (ver Tabela 4.6.1), a menina de n.º 7 indicou a mãe, n.º 19, como uma das pessoas com quem conversa mais freqüentemente, sendo que sempre o faz em português. Seu pai (18) também indicou sua esposa (19) e uso de português. O avô (25) indicou seu filho (18) e sua esposa (28), sendo que fala português com aquele e alemão com esta. Sua esposa (28) também indicou o filho (18), com quem usa alternadamente alemão e português. Graficamente, teríamos a seguinte relação:



--- = P

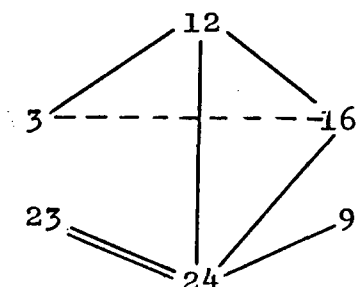
— = AP

== = A

Esta rede reduzida apresenta um índice de uso de alemão de 0.40 e características de uma rede de trama frouxa.

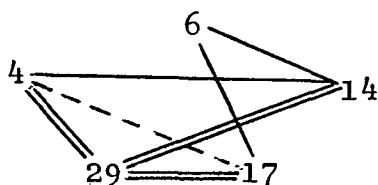


A família 2 apresenta uma rede bem mais densa de relações familiares, conforme pode ser observado na representação gráfica seguinte:



Nesse gráfico, pode-se ver claramente a figura da avó (24) dominando a rede de relações familiares e, conseqüentemente, o uso da língua alemã. Essa rede apresenta um índice A de 0.86.

Em outro exemplo, a família 3 também apresentou elevado grau de densidade na rede de relações familiares e de uso de alemão na rede, com 0.86 de índice A, conforme podemos observar no gráfico seguinte:



Podemos concluir, desta forma, que, além dos demais fatores já mencionados anteriormente, tais como geração do falante, sexo do falante, geração do interlocutor, religião, entre outros, as características de densidade da rede familiar também devem exercer influência na manutenção da língua minoritária. Isso viria confirmar as conclusões de Bortoni (1985: 81) de que as redes densas de relações reforçam a norma (em nosso caso, o uso do alemão), aumentando a resistência a inovações.

#### 4.7 AS ATITUDES COM RELAÇÃO ÀS LÍNGUAS

Em nosso estudo do bilingüismo, achamos importante levar em conta a atitude do falante em relação às línguas que fala. O prestígio da língua alemã entre as pessoas que ainda o falam pode ser um importante fator para sua manutenção na comunidade em futuro próximo.

Para tal fim, incluímos questões de avaliação em diversas partes de nosso roteiro de entrevista, mas especialmente nos campos 11 e 12. Neste último campo, os informantes foram solicitados a avaliar seu desempenho em ambas as línguas numa escala de um a cinco. No nível um, indicamos o perfeito português de Jaraguá do Sul, falado por qualquer nativo do local e o perfeito alemão que se fala em Jaraguá do Sul. As demais categorias eram: 2 = muito bem, mas não perfeito; 3 = mais ou menos bem; 4 = não muito bem e 5 = quase não fala. O padrão de excelência para ambas as línguas foi a variante local e quase 90 por cento do total de 30 pessoas tinha aprendido o alemão como língua materna. Todavia, apenas a metade considerou seu alemão na categoria mais elevada e 60 por cento indicou-a para seu português. Cerca de 20 por cento considerou seu alemão e 30 por cento seu português muito bom, mas não perfeito, enquanto 10 por cento acha tanto seu alemão como seu português mais ou menos bom.

Verificamos que os escores obtidos eram semelhantes aos dados levantados por Susan Gal (1979: 103-5) com relação a Oberwart. E concordamos com a opinião da autora, ao julgar que "esta auto-avaliação reflete antes insegurança do que modéstia". Uma das senhoras de mais idade por nós entrevistada afirmou mesmo que "a gente não fala nem alemão nem português direito". A maioria dos falantes da geração mais velha considera que tanto seu alemão como seu português são estigmatizados pelos "brasileiros" monolíngües.

Sentimos que essa auto-avaliação negativa com relação ao português deve estar ainda ligada à figura do alemão como trabalhador rural, o colono que não fala direito o português. Já a falta de segurança em avaliar seu alemão, certamente tem sua raiz na ausência de ensino da língua escrita alemã na escola. É natural que aqueles que não lêem nem escrevem em alemão, não têm um ponto de apoio para sua segurança lingüística. De fato, verificamos que do total de informantes bilíngües (25), apenas 60 por cento afirma saber ler e escrever em alemão — o que corresponde ao percentual de falantes que avaliou seu alemão com a categoria mais alta. Esta insegurança foi verificada principalmente entre os falantes católicos (apenas dois sabem ler e escrever em alemão) e no grupo mais jovem.

Outra possível explicação para a insegurança em avaliar seu português pode advir do fato de que 90 por cento de nossos informantes tiveram o alemão como língua materna. Com isso, todos os falantes maiores de 19 anos tiveram seu primeiro contato com a língua portuguesa ao ingressar na escola. Já os bilíngües menores de 19 anos aprenderam o português ao iniciarem o jardim de infância (com 3 a 5 anos de idade), e, portanto, ao ingressarem no 1º grau, já falavam português. Fishman (1972: 97) afirma que "em comunidades lingüísticas bilíngües-diglóssicas, as crianças não adquirem seu repertório lingüístico completo em casa ou na vizinhança. De fato, os que permanecem mais comumente em casa ou na vizinhança têm a tendência de ser funcionalmente monolíngües". Isto encontra-se confirmado no monolingüismo característico a nossos falantes durante a idade pré-escolar.

Por outro lado, a avaliação negativa feita pelos bilíngües com relação ao alemão que falam parece não influir no uso do mesmo. Ao contrário, em nossas visitas, todos insistiam em falar alemão o tempo todo, enquanto

conversávamos. Sentimos mesmo que existe um certo orgulho dos descendentes alemães em ainda cultivar o idioma de seus antepassados, confirmado na frase muitas vezes ouvida e sempre pronunciada com decisão e orgulho: "Bei uns spricht man immer Deutsch", ou seja, "aqui em casa a gente sempre fala alemão", o que nem sempre era comprovado através do questionário.

Em todas as casas chamou nossa atenção a preocupação das pessoas em decorar seu ambiente com objetos ou quadros que lembrem a pátria dos antepassados. O relógio e o baú que o avô trouxe quando veio, o retrato da avó quando chegou ao Brasil, um poster da cidade alemã onde o avô viveu, uma tapeçaria com motivo alemão, tudo isso era mostrado com orgulho e, por que não dizer, com um certo sentimento de nacionalismo. Nossos informantes apressavam-se em nos servir cerveja ou "Steinhäger" (aguardente de cereais típica) e colocar um disco de música alemã. Quase todos diziam não perder uma festa típica, como a Pommerfest de Pomerode ou a Oktoberfest de Blumenau, além das tradicionais festas de tiro.

Muitos de nossos informantes participaram também participaram ativamente de grupos em que se fala prioritariamente em alemão. A maioria das mulheres faz parte de algum "Kegelclub" (clube de bolão) e as evangélicas participam dos "Frauenvereine" (grupos de senhoras) e do "Kirchenchor" (coral da igreja). Alguns homens encontram-se para jogar "Skat" (tipo de jogo de cartas de origem alemã). Um deles até afirmou que quando se reúnem para jogar, "não dá para jogar Skat em português, falta vocabulário. A gente é obrigado a falar em alemão". Nota-se, assim, que a língua alemã tem para seus falantes uma conotação de grupo, de comunidade, de soliedaridade.

E, sem dúvida, o alemão tem para os descendentes de imigrantes uma forte conotação étnica. Ser alemão é uma identidade definida pelo sobrenome da família, pela etnia e

pela língua. E essa pode ser a explicação mais apropriada para o fenômeno da resistência de um grupo étnico minoritário à assimilação, o qual pode ser testemunhado em grau variável em diversas comunidades do mundo ocidental (Bortoni, 1982: 112).

Fishman (1966: 27), ao comentar a emigração europeia para os Estados Unidos, expressa claramente esse aspecto:

"Enquanto o nacionalismo alcançava o seu cume na história ocidental (...), nos emigrantes um sentimento étnico de caráter tradicional, particularista e não ideológico era a regra geral (...). Foi somente depois da imigração que a conservação do grupo se tornou um alvo consciente (...), que a lealdade lingüística e a conservação da língua se tornaram aspectos conscientes para muitos".

Mitchell (1969, apud Bortoni, 1982: 75-6) define que o conteúdo das ligações dentro de uma rede de relações sociais corresponde aos significados que os membros da rede atribuem a suas relações — por exemplo, obrigações de parentesco, cooperação religiosa, solidariedade étnica etc. Além disso, o aspecto normativo deste conteúdo estaria associado às expectativas que dois indivíduos têm um em relação ao outro, de acordo com suas características sociais e atribuições. Assim, o cultivo do alemão dentro da família estaria fortemente ligado ao caráter de etnicidade. Isso explicaria o fato de crianças praticamente monolíngües ainda usarem seus poucos conhecimentos de alemão com os avós e parentes mais velhos, mesmo que os pais não tenham se preocupado com uma educação bilingüe de seus filhos.

Essa identidade e solidariedade étnica reflete-se não somente dentro do grupo familiar e do grupo social mais próximo. Verificamos que mesmo com pessoas estranhas nossos falantes cogitaram a possibilidade de falar alemão. "Eu falo alemão com qualquer um que tenha cara de alemão, ou por-

que sei de onde vem ... Se ele não me entende, azar!"

Existe mesmo um interesse por parte de muitos jovens em conservar a língua de seus avós. Muitas vezes ouvimos queixas de jovens, dizendo achar lamentável não terem aprendido alemão direito: "Eu já pedi tantas vezes pra vó falar comigo só em alemão; mas a gente sempre acaba falando português, porque é mais fácil". O interesse em aprender alemão na escola foi manifestado por todos os informantes jovens. Assim, observamos que, apesar da imensa força estandardizadora da escola, dos meios de comunicação de massa e mesmo da vida urbana caracteristicamente monolíngüe, um grupo de falantes perfeitamente proficiente na língua dominante escolhe e até decide aprender, mesmo imperfeitamente, a língua minoritária e dominada, que os liga ao grupo étnico. Não por falta de nacionalismo - ao contrário, todos sentem-se e reconhecem ser brasileiros -, mas por achar importante manter a tradição de seus antepassados.

Indagados de sua opinião, 83 por cento acham que a língua alemã vai continuar a ser falada em Jaraguá do Sul. Todos esses são da opinião que o alemão não só vai como deve continuar e que algo deve ser feito com urgência, para incentivar e conservar os bens culturais herdados dos antepassados.

Percebemos ainda que, de modo geral, há entre as famílias uma preferência pelo casamento de seus filhos com pessoas de origem alemã. Entre nossos informantes, houve mesmo o caso de um jovem que casou com uma "brasileira" monolíngüe, a qual após o casamento ingressou num cursinho de línguas para aprender alemão.

Outro aspecto importante para a manutenção da língua minoritária é o caráter dominador e patriarcal que a família parece exercer sobre os membros mais jovens. Em todas as famílias visitadas, observamos que os avós vivem com a família ou diretamente ao lado. Em dois

casos, o casal recém-casado viveu na casa dos pais até nascer o primeiro filho. Isso demonstra a alta densidade das redes familiares, anteriormente observada.

Concluimos, assim, de acordo com Bortoni (1985: 144), que a escolha do alemão para as relações do tipo in-grupo é motivada por lealdade ao grupo. Assim, a língua alemã representa o símbolo mais poderoso de identidade grupal, reforçando a atitude de resistência contra a língua culturalmente dominante. A identidade étnica é responsável pela coesão do grupo e pelo cultivo da língua e das tradições herdadas dos antepassados. Parece-nos, portanto, que enquanto a identidade étnica se mantiver viva no seio dos descendentes alemães, mesmo em comunidades urbanas e industrializadas poderá ser mantido o bilingüismo.



5. TERCEIRA ETAPA DA PESQUISA:  
O VOCABULÁRIO DO DIALETO ALEMÃO

Como pudemos comprovar até agora, o alemão continua vivo em Jaraguá do Sul, embora a cidade assuma cada vez mais características de urbanização. Mas, como é esse alemão falado em Jaraguá do Sul? Afinal, já lá se vão mais de cem anos desde a chegada dos primeiros imigrantes. E, desde o início, o alemão e o português entraram em contato. Segundo Trudgill (1974: 129), duas línguas que se encontram em contato socialmente <sup>e</sup> sofrem intercâmbio lingüístico, necessariamente mudam, se transformam. E, caracterizado como língua em transformação, o alemão falado em Jaraguá do Sul apresenta grande número de empréstimos feitos ao português.

Weinreich (1953: 1) caracteriza a situação de duas ou mais línguas que se encontram em contato e são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas como a origem primeira de uma série de interferências. Weinreich define ainda interferência como desvio da norma em uma das línguas, o rearranjo dos padrões fonéticos, morfológicos ou sintáticos de uma das línguas, resultante de uma maior familiaridade com mais de uma língua. Garmadi (1973: 153) afirma até que "mesmo que em certos casos possa ser mais ou menos voluntária e eficazmente controlada pelos locutores, a interferência lingüística aparece quase como inevitável nas situações de contato de línguas.

Dubois (1978: 349) define interferência como a situação em que "um sujeito bilíngüe utiliza em uma língua-alvo A um traço fonético, morfológico, lexical ou sintático característico da língua B". Em outras palavras, teríamos um caso de interferência quando, por exemplo, um elemento lexical do português é usado na língua alemã. Dubois acrescenta que "o empréstimo e o decalque são frequentemente devidos, na origem, a interferências. Mas a in-

terferência permanece individual e involuntária, enquanto que o empréstimo e o decalque estão em curso de integração ou são integrados à língua A".

De maneira semelhante, Mackey chama a atenção para que se distinga a descrição de interferência da análise de empréstimos lingüísticos (Mackey, 1962, apud Fishman, 1968: 569). Para ele, a interferência é característica da "parole", enquanto o empréstimo diz respeito à "langue": "em empréstimo lingüístico temos a ver com integração; elementos de uma língua são usados como se fizessem parte da outra".

Entende-se, assim, que a interferência seria nada mais do que o fenômeno em si, o processo de transferência de elementos lingüísticos de uma língua para outra, enquanto que o decalque e o empréstimo seriam o resultado palpável deste processo.

No presente estudo, analisaremos as características lexicais dos vocábulos formados a partir de empréstimos do português, usados correntemente no alemão falado em Jaraguá do Sul. Assumiremos a definição de Dubois (1978: 209): "há empréstimo lingüístico quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía".

Achamos importante esta complementação de nosso estudo da situação de bilingüismo em Jaraguá do Sul, conforme a definição de Dubois que "o empréstimo é o fenômeno sócio-lingüístico mais importante em todos os contatos de línguas" (Dubois, 1978: 209). Já em 1886, Hermann Paul chamava a atenção para o fato de que "todo empréstimo feito de uma língua para outra requer um mínimo de conhecimento bilíngüe das duas línguas" (apud Haugen, 1950: 210).

Vários autores já estudaram os diversos empréstimos feitos ao português pelos falantes de dialetos alemães no Brasil. Poucos, contudo, levaram em consideração

os dialetos alemães falados em Santa Catarina. Entre eles, podemos citar Willems (1946), Fausel (1959), Schaden (1953) e Oberacker (1957).

Em Willems (1946: 274-320), encontramos uma lista de mais de 600 empréstimos, relacionados, em sua maioria, ao vocabulário rural. O autor apresenta como razão principal para os empréstimos a influência do novo meio ambiente: o vocabulário do imigrante não era suficiente para denominar a variedade de referentes novos encontrada no Brasil. Comprova-se tal fato, pois a maioria dos empréstimos refere-se a denominações da flora e fauna, do manejo do cavalo e do gado, entre outros elementos etnoculturais que fazem parte dos hábitos e costumes da região. Willems considera que os empréstimos reduzem-se a dois tipos: criação de novas palavras com recursos da própria língua e germanização de termos brasileiros. Dos novos termos incorporados, grande parte refere-se à criação de animais, política, justiça e administração, casa e utensílios domésticos, alimentação e plantas cultivadas. Isto nos levou a considerar principalmente estes campos semânticos na elaboração de nosso questionário para trabalho de campo. Restringimos, contudo, o aspecto de criação de animais e de agricultura, devido ao fato de realizarmos as entrevistas principalmente com informantes do meio urbano.

Oberacker (1957) apresenta-nos também um trabalho minucioso com relação aos neologismos e transformações da língua alemã no Brasil. Considera dois grandes grupos de empréstimos: os que necessariamente tinham de ser feitos, por não encontrarem correspondência em alemão, e os que poderiam ter sido evitados, por existir correspondência em alemão, mas que sofreram empréstimo do português por falta de conhecimento do termo, por comodismo ou outros motivos.

Fausel (1959) traz, sem dúvida, a lista mais extensa e minuciosa de empréstimos feitos ao português pelos

descendentes de alemães, envolvendo os mais variados campos semânticos, inclusive expressões idiomáticas e frases.

Todos esses estudos deixam, entretanto, a desejar no que concerne aos dialetos alemães de Santa Catarina, pois abrangem indiferentemente variantes empregadas em diversos estados brasileiros. A partir dessa lacuna, portanto, sentimos a necessidade de levantar o vocabulário falado pelos descendentes de imigrantes de alemães especificamente em Santa Catarina.

## 5.1 MÉTODO E INSTRUMENTOS

O levantamento do vocabulário usado nos dialetos alemães de Santa Catarina, a fim de identificar os empréstimos lexicais, era um dos objetivos do Projeto de Estudos do Bilingüismo nas Áreas de Colonização Alemã de Santa Catarina, mencionado já em 1.1. Integrando a equipe de pesquisadores deste, preocupamo-nos com a confecção dos instrumentos para a coleta dos referidos dados.

Dentro da bibliografia mencionada, encontramos longas listas de empréstimos do português, empregados em dialetos alemães do Rio Grande do Sul. Contudo, estes estudos não levaram em conta os dialetos falados em Santa Catarina, que, por refletirem uma realidade diversa, formada a partir de aspectos históricos, geográficos e socio-culturais bastante diferentes dos que caracterizaram a fisionomia do vizinho Estado gaúcho, deixam para os nossos objetivos muito a desejar.

Todos esses aspectos nos levaram a concluir que seria necessário elaborar material inédito e próprio que buscasse focalizar a realidade geográfica e socio-cultural catarinense e que tentasse, através de um amplo questionamento sobre usos e costumes regionais, levantar em-

préstimos característicos dos dialetos alemães de Santa Catarina.

Desta forma, fomos levados a buscar apoio, para a elaboração de nosso questionário, em diversas fontes. As listas de empréstimos nos foram fornecidas pelas obras de Fausel, Staub e Willems, além de valiosos contatos com falantes de dialetos teuto-catarinenses. Com base nestas listas, foi feita a distribuição dos termos por campo semântico ou assunto. Para a elaboração das perguntas, buscou-se orientação no Questionário do Atlas Lingüístico do Sudoeste Alemão (König, 1974). Chegamos assim a 500 perguntas que levantam diversas áreas do vocabulário coloquial, entre elas: a habitação, cozinha e culinária, gêneros alimentícios, utensílios domésticos, limpeza e higiene, vestuário, rouparia, hortaliças, frutas, flores, passatempos, festas, animais, vestuário, profissões, clima, meios de transportes, direito e repartições públicas.

Tentamos incluir as mais variadas áreas de atividades humanas, principalmente aquelas em que a literatura existente tem verificado a maior incidência de empréstimos do português, e que também estão mais próximas ao informante e sua vida diária. Procuramos envolver também alguns aspectos de interesse sociológico (por exemplo, ocupações nas horas vagas, passatempos) e antropológicos (por exemplo, festas, culinária típica entre outros).

## 5.2 OS MECANISMOS DE FORMAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

Concentraremos nossa análise apenas na formação lexical dos empréstimos, não observando fenômenos fonêmicos ocorridos no processo de adaptação e integração dos

mesmos ao vocabulário alemão corrente.

Garmadi (1973: 148) considera o empréstimo lexical um dos meios pelos quais é possível realizar o empréstimo fonológico:

"A importação em larga escala de material lexical estrangeiro incompletamente integrado dá lugar a novas distribuições fonemáticas e mesmo à introdução de novos fonemas numa determinada língua."

Também Langacker (1972: 191) supõe ser o empréstimo de unidades lexicais o mecanismo básico pelo qual as línguas se influenciam fonologicamente umas às outras. Deixaremos, contudo o campo aberto para uma pesquisa futura dos empréstimos fonológicos e suas conseqüências para o sistema de sons do dialeto alemão, preocupando-nos aqui exclusivamente dos elementos lexicais.

Em busca de bibliografia que nos auxiliasse na análise e classificação dos empréstimos lexicais, consideramos inicialmente os estudos realizados sobre os mecanismos que envolvem a formação de palavras.

Aronoff (1976: 19) indica-nos que palavras novas só podem ser acrescentadas ao léxico de uma língua dentro das quatro categorias lexicais principais: substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Segundo o autor, as línguas naturais não aceitam palavras novas nas demais categorias, tais como pronomes, conjunções, preposições etc.

De fato, verificamos que esta afirmativa é válida para a língua alemã, que só admite a formação de neologismos, tanto por composição como por derivação nas categorias substantivo, adjetivo e verbo (Naumann, 1986: 60).

Haugen (1950: 112) elaborou uma tipologia para os empréstimos lexicais, onde identifica dois processos:

a. importação: o empréstimo é bastante semelhante ao modelo e representa uma inovação para a língua de chegada;

b. substituição: o modelo é reproduzido inadequadamente, ou seja, substitui-se o modelo por um padrão similar na língua de chegada.

Já Weinreich (1953: 47) considera que a formação lexical de empréstimos a partir da interferência de um vocabulário em outro pode ocorrer por:

1. transferência de morfemas de A para B;
2. morfemas de B são usados em nova função designativa, conforme o modelo dos morfemas de A, com cujo conteúdo se identificam;
3. elementos compostos podem apresentar a combinação de 1 e 2.

Em nossa análise, seguiremos basicamente a tipologia de Weinreich, dividindo os léxicos estudados em dois grupos: palavras simples e compostas.

Por motivos de praticidade na elaboração do banco de dados, no glossário anexo e nos exemplos citados, as denominações no dialeto alemão de Jaraguá do Sul se encontram transcritas conforme as normas de ortografia alemã.

#### 5.2.1 Palavras simples

Entre as palavras simples transferidas do português para o dialeto alemão falado em Jaraguá do Sul (AJ), temos correspondentes aos dois tipos de formação mencionados acima: transferência total da sequência fônica e uso de palavras próprias do alemão influenciadas por modelo português.

### 5.2.1.1 Transferência total da sequência fônica

Um número bastante elevado de empréstimos deste tipo foi indicado, tanto de palavras integralmente portuguesas como de híbridos com afixos alemães <sup>15</sup>.

#### a. Transferência integral:

AJ		P
Kanjika	-	canjica
Mandioka	-	mandioca
Jurado	-	jurado

#### b. Raiz + e (raiz = P)

AJ		P
Duplikate	-	duplicata
Schurraske	-	churrasco
Moskite	-	mosquito
Farofe	-	farofa

Este tipo de formação apresenta plural em raiz + en, conforme o modelo de formação de plural em alemão padrão:

AJ		P
Moskiten	-	mosquitos
Borachuden-		borrachudos
Ameeschen	-	ameixas

#### c. Raiz + Ø (raiz = P)

AJ		P
Abakat	-	abacate
Kamionet	-	camionete
Paraschok	-	para-choque
Perikit	-	periquito
Bihf	-	bife

---

<sup>15</sup> - "Híbrido, segundo Haugen (1950:214) é usado para distinguir "empréstimos nos quais-somente uma parte da forma fonêmica da palavra foi importada, enquanto a porção nativa é substituída pelo resto".



d. Raiz + ieren (raiz = P)

AJ		P
karimbieren	-	carimbar
kosturieren	-	costurar
maschukieren	-	machucar

Este afixo é regularmente usado em alemão padrão para formar verbos a partir de raízes estrangeiras. Note-se que os verbos formados no dialeto a partir de radicais emprestados ao português recebem as desinências de conjugação normais do alemão padrão, por exemplo, maschukiert para o particípio passado.

Além desses tipos, foram encontrados outros padrões de formação por transferência total da sequência fônica, principalmente envolvendo uma adaptação de encontros vocálicos inexistentes no alemão. Assim, foi observado que todas as palavras terminadas no português pelo ditongo nasal /-ão/ foram adaptadas no AJ para /-on/, como em: /ma'mon/, /fa'kon/, /algo'don/ etc.

Outra alteração diz respeito ao alongamento da vogal tônica e supressão da vogal átona em encontros vocálicos dos tipos:

AJ		P
Barbeero	-	barbeiro
Torneere	-	torneira
Kanoo	-	canoa

Tais adaptações do sistema fônico são comuns, pois um morfema pertencente ao vocabulário do português que é transferido para o dialeto alemão também está sujeito à interferência do sistema fônico do mesmo (Weinreich, 1953: 26).

Segundo Weinreich (1953: 47 s.), este seria o tipo mais comum de interferência, acusando geralmente um empréstimo recente. Há, contudo, que considerar o fato de que muitas das palavras com esse tipo de formação correspondem a referentes que eram desconhecidos aos imigrantes alemães.

Um aspecto interessante verificado por Behares (1987:17) é que as línguas em contato no Brasil têm como característica comum a desestandardização, pois, na realidade, trata-se de um dialeto português que entra em contato com um dialeto alemão (ou mais). No caso específico \* de Jaraguá do Sul, foi observada no falar teuto local uma grande aproximação ao alemão padrão (talvez ocasionada pela situação formal de entrevista). A afirmativa de Behares foi comprovada pelo uso generalizado de termos como "Aibi" para "aipim", "Maschusche" para "chuchu" e "Mandubi" para "amendoim", além de outras variantes de pronúncia, que de fato provém de variantes regionais do português (Ferreira, 1980: 103 e 407).

#### 5.2.1.2 Uso de uma palavra própria do alemão influenciada por modelo português

Este tipo de formação lexical envolve aspectos semânticos transferidos de uma língua para a outra. Weinreich (1953: 48) diz que "se duas línguas têm semantemas (...) que são parcialmente similares, a transferência consiste na identificação e ajustamento dos semantemas pela congruência mais completa".

Em outras palavras, dois semantemas, A e B, do alemão podem ser fundidos conforme o modelo do português, onde o conteúdo de A e B é representado por um único signo C. Neste processo, o significante ou de A ou de B é utilizado para o par fundido em C e o outro significante é descartado.

De modo geral, as línguas indo-européias são culturalmente ou geneticamente relacionadas. Por esse motivo há inúmeros exemplos de expressões em duas línguas em contato que já eram semelhantes antes mesmo do alinhamento

de suas unidades de conteúdo. No caso de "arrangieren", por exemplo, que já é empréstimo do francês no alemão padrão, com o significado de "ordenar, preparar, acertar, combinar" (Wahrig, 1975: 447), houve uma extensão no campo semântico, a partir de outras unidades de significado do Português, tais como "consertar, reparar", "conseguir, obter" e "avir-se, arrumar-se" (Ferreira, 1980: 170).

Caso semelhante é verificado com o uso do termo "Bassin", no dialeto, para o conteúdo de "bacia". O termo, na realidade, existe em alemão padrão, mas com o sentido de "reservatório de água de grandes proporções" e não o de "recipiente largo e raso próprio para lavagens" (Ferreira, 1980: 217). Fica difícil definir aqui onde houve a interferência, pois trata-se de um empréstimo do francês no alemão. Em francês, temos para "bassin" o mesmo elenco de significados do português. Foi no dialeto que se fez a restrição de significado, em função das palavras já existentes "Becken" e "Schüssel". Sabe-se ainda que o dialeto francônio (Hunsrückisch) inclui uma série de palavras francesas em seu vocabulário. Fica quase impossível, portanto, definir aqui se o empréstimo do dialeto de Jaraguá do Sul foi feito a partir do português ou do dialeto francônio, com o qual os pomeranos e outros imigrantes entraram em intenso contato no Brasil (Staub, 1983: 38).

Entretanto, a mudança no conteúdo dos signos baseada em signos homófonos em português pode estar além de uma simples extensão - o antigo conteúdo pode mesmo ser inteiramente descartado. Por exemplo, o termo "Bast" no dialeto assumiu o significado de "pasto" e já não mais se percebe o conteúdo original de "ráfia". Todavia, é sempre importante verificar se o antigo conteúdo ainda é coberto pela expressão, ou seja, é necessário verificar se "Bast" ainda designa "ráfia" ou não.

Teoricamente, temos no ajustamento do conteúdo de signos com grau considerável de homofonia um tipo de

caso limite entre as alternativas 1. de transferência de palavras e 2. de extensão semântica causada por contato (Weinreich, 1953: 49).

Há vários exemplos que podem ser citados:

a. "Latte" no dialeto assumiu o significado de "lata, recipiente de lata para mantimentos etc." por homofonia com o português, conservando, além desse, o significado original do alemão padrão de "sarrafo, ripa".

b. "Tank" no dialeto é usado no sentido de "recipiente para lavar roupa". No alemão padrão, "Tank" significa um reservatório para líquidos, geralmente de grandes proporções e o termo correspondente seria "Waschbecken".

c. "Bank" no alemão pode ser usado tanto para "banco de jardim" como para "estabelecimento bancário", entre outros. Contudo não possui o significado de "assento sem encosto" emprestado no dialeto ao português (no alemão padrão seria "Hocker").

Como se vê, nestes três exemplos, é impossível afirmarmos se a palavra do português foi transferida para o dialeto ou se o conteúdo da palavra alemã existente foi estendido. Em todo caso, o resultado é uma extensão da função semântica da palavra na língua receptora, no caso específico, no dialeto AJ. Pode-se considerar que o aumento do campo semântico de uma palavra significa uma economia de vocabulário.

Um tipo mais suave de interferência lexical consiste, segundo Weinreich (1953: 50), numa expressão ou signo que é transformado conforme modelo de um cognato na língua em contato, sem efeito no conteúdo. Temos como exemplo neste caso a palavra "soja", que no alemão padrão corresponde a "Soya" e que, por transferência conforme modelo do cognato português, no dialeto alemão corresponde a "Soje" <sup>16</sup>.

---

16

- Note-se aqui que o alemão não possui o /ʒ/ (fricativa palato-alveolar sonora) em seu quadro fonético (Cf. Zimmermann, 1981), mas este aparece aqui dentro do dialeto AJ como empréstimo do português.

Um caso mais raro é o de um híbrido, cuja raiz é alemã e o afixo é transferido do português. Encontramos apenas dois exemplos de formação de plural:

ein Dienstmädchen - die Dienstmädchens (empregadas)  
ein Mord - die Mords (assassinatos)

Este tipo de formação é muito raro, pois envolve interferência na estrutura da língua materna. Se bem que Schuchardt afirme que "mesmo estruturas estreitamente ligadas, tais como terminações inflexionais não estão seguras contra a invasão por material estrangeiro" (apud Weinreich, 1953: 29). Todavia, o alemão padrão admite a formação de plural com -s para algumas palavras importadas (Rein, 1983: 63).

Um exemplo interessante registrado foi o caso de "Tiefe - tifa". É difícil esclarecer o processo de transferência; contudo, parece-nos que o termo alemão "Tiefe" teve sua desinência modificada de "-e" para "-a", por interferência do português e acabou sendo este híbrido adotado pela língua portuguesa como "tifa" <sup>17</sup>.

### 5.2.2 Palavras compostas e expressões

A língua alemã é riquíssima em palavras compostas, permitindo infinitas combinações de elementos e, conseqüentemente, oferece um campo extremamente fértil para a formação de palavras novas. A forma básica de composição é por justaposição de dois ou mais elementos, sendo que o determinado - elemento principal e subordinante - é sempre o último. O determinante vem em primeiro lugar e

---

<sup>17</sup> - Cf. Ferreira (1980: 1651): "Tifa = S.f. Bras. SC. Pop. cafunó, lugar ermo e afastado, de acesso difícil, normalmente entre montanhas" (o grifo é meu).

constitui elemento secundário, subordinado e acessório que tem como função específica a tarefa de limitar o significado do elemento determinado (Staub, 1983: 99-100). Em geral, o primeiro elemento de um composto em alemão é o portador do acento primário. Assim, por exemplo, em "Autobahn", "bahn" é o determinado, o elemento principal e "Auto" é o determinante.

Segundo sua estrutura, os compostos justapostos em alemão podem pertencer a seis categorias:

- S + S Autobahn
- S + A vogelfrei
- A + S Freibrief
- A + A hellblau
- V + S Waschmaschine
- V + A stinkfaul

Temos, assim, substantivos (S), adjetivos (A) e verbos (V) envolvidos na composição de palavras (Naumann, 1986: 66).

Em alemão também é possível formar compostos por derivação; entretanto nos empréstimos verificados no dialeto alemão de Jaraguá do Sul, não tivemos ocorrência deste tipo de formação lexical, motivo pelo qual concentraremos nossa análise nos justapostos.

Segundo Weinreich (1953: 50), há três tipos possíveis de interferência para unidades lexicais múltiplas, constituídas de mais de um morfema:

1. todos os elementos são transferidos sob forma analisada;
2. todos os elementos são reproduzidos por extensões semânticas;
3. alguns elementos são transferidos e outros reproduzidos.

Analisaremos cada um deles, buscando exemplificá-los com vocábulos coletados em nosso levantamento.

#### 5.2.2.1 Transferência de compostos analisados

Neste caso, os elementos do composto ou expressão em português são adaptados aos padrões sintáticos ou morfológicos da língua receptora, aqui, do alemão. No caso de os elementos serem transferidos sem análise, a palavra é considerada simples.

Um exemplo de composto deste tipo é a palavra portuguesa "carne-seca", que foi transferida para o dialeto como "Kaneseck", sendo que nenhum dos componentes lexicais existe em alemão padrão. Fato interessante registrado com relação a esse vocábulo é que um informante de mais idade afirmou ser o termo "carne-seca" português, embora usado erroneamente por muitos falantes de alemão. Segundo o informante, o termo correto em alemão seria "Kaneseck" (/ˈkanesek/). Isto serve para demonstrar a afirmativa de Weinreich(1953: 11):

"A nível de fala, a interferência é resultado do conhecimento de outra língua. A nível da língua, a interferência que ocorre frequentemente na fala de bilíngües torna-se hábito e se estabiliza - seu uso não depende mais do bilingüismo. Para o falante individual, pode ser um emprestimo herdado, que ele não reconhecerá como tal."

Fausel (1959: 111) nos dá um exemplo interessante, a saber, a expressão portuguesa "vou me cobrar" é analisada e ressintetizada como "ich werde mir kobrieren", de acordo com as exigências da gramática alemã.

#### 5.2.2.2 Reprodução por extensão semântica

A reprodução é feita com palavras da língua materna equivalentes em significado, usadas em compostos e expressões.

Alguns exemplos deste tipo de formação lexical seriam os empréstimos seguintes, que, neste caso, foram traduzidos palavra por palavra:

P	AJ
pão d'água	Wasserbrot
pernilongo	Langbein
panela de pressão	Drucktopf
auxiliar de escritório	Bürohelfer

Estes são casos claros de empréstimos compostos por tradução ("loan translations" ou decalques), fenômeno verificável também em expressões como:

P	AJ
tudo azul	alles blau
quinze para as oito	fünfzehn bis acht
eu tenho 18 anos	ich habe 18 Jahre

Note-se que tanto os compostos como as expressões acima não existem em alemão padrão, ou são gramaticais, apesar de consistirem de unidades isoladas puramente alemãs, que foram literalmente traduzidas de compostos e expressões do português.

Dentro desta classe de empréstimos, podemos diferenciar ainda em:

a. Empréstimo traduzido literalmente: o modelo é reproduzido exatamente, elemento por elemento, como em:

pernilongo - Langbein  
juiz de direito - Rechtsrichter  
chuva de pedra - Steinregen  
carne moída - Mahlfleisch  
chinelo de dedo - Zehschlappen

b. Empréstimo interpretado: o composto que serviu de modelo só fornece uma sugestão para a reprodução, como em:

garrafa térmica      Wärmflasche  
biju                  Frischebraten  
panela de pressão      Dampftopf  
alfavaca              Fischkraut



c. Empréstimo criado: neste caso, um termo é passível de criações que são estimuladas não por inovações culturais, mas pela necessidade de combinar designações disponíveis na língua materna. A referência à forma modelo do português é bastante vaga.

Português	AJ	Alemão padrão
pano de louça	Trockentuch	Geschirrtuch
marceneiro	Möbelbauer	Schreiner
açougueiro	Fleischschneider	Metzger, Fleischer

Neste tipo, encaixa-se uma série de neologismos, criados principalmente para denominar a fauna e flora brasileiras, desconhecidas aos imigrantes.

tico-tico	Zopfsperling
barba-de-pau	Alterbart
joão-de-barro	Mauermeistervogel
animal híbrido	Halbschlag
cutia	Goldhase
crisântemo	Wucherblume
azaléia	Augustblume

#### 5.2.2.3 Formas híbridas:

Transferência de alguns elementos e reprodução de outros. Encontramos vários exemplos para formas híbridas de empréstimo:

a. Determinado em português sem adaptação e determinante também em português sem adaptação:

Aipimrossa	- roça de aipim
Aipimsagu	- sagu -

b. Determinado em português sem adaptação e determinante adaptado:

Kamionschoffeur - chofer de caminhão

c. Determinado em português adaptado e determinante em português sem adaptação:

Lischolatte - lata de lixo  
Gomaroske - rosda de polvilho

d. Determinado e determinante em português, ambos adaptados:

Mandiokfarin - farinha de mandioca

e. Determinado em português sem adaptação e determinante em alemão:

Rasierbarbero - barbeiro  
Müll-Lata - lata de lixo  
Eiskanudo - casquinha de sorvete  
Plastikpott - pote de plástico

f. Determinado em português adaptado e determinante em alemão:

Ochsenkarre - carro de boi  
Süssbatat - batata doce  
Abfall-Latte - lata de lixo  
Waschtank - tanque de lavar roupa  
Holztamanke - tamanco de madeira  
Bohnenpiron - pirão de feijão

g. Determinado em alemão e determinante em português sem adaptação:

Frangofleisch - carne de frango  
Pipokamais - milho de pipoca  
Kafesinyolöffel - colher de cafezinho  
Lischoeimer - balde de lixo  
Teveezimmer - sala de televisão  
Aipibrot - pão de aipim  
Misturabrot - pão de mistura

Sorvetetopf	- copinho de sorvete
Zipopflanze	- cipó

h. Determinado em alemão e determinante em português adaptado:

Kampfuchs	- raposa do campo, guaraxaim
Laranschensaft	- suco de laranja
Pressontopf	- panela de pressão
Baratenvogel	- pássaro-barata
Bihfbraten	- bife
Milbrot	- pão de milho

Há casos em que o elemento reproduzido de um composto híbrido é afetado por homofonia, como em "Ochsenkarre" - carro de boi, onde o determinado (carro) é reproduzido por um signo homófono em Alemão, cujo semantema é provavelmente estendido (pois em alemão padrão, "Karre" é carrinho de mão).

### 5.3 A INTEGRAÇÃO LEXICAL DOS EMPRÉSTIMOS

Geralmente, a transferência de palavras de uma língua para a fala de outra é feita com a finalidade de corrigir inadequações de um léxico. Neste caso, seria interessante indagarmos o que acontece com elementos culturais pré-existentes quando novos são introduzidos.

Considera-se que a designação de objetos recém inventados ou importados constitui pura adição ao vocabulário e não têm efeito sobre o vocabulário existente. Assim, por exemplo, "Tevee" ou "Televison", assim como "Friser" são considerados apenas adições ao vocabulário alemão do falar de Jaraguá do Sul.

No caso do empréstimo "Patte" para "pato" houve uma necessidade de se diferenciar de "Ente - marreco".

Apesar de haver uma correspondência parcial, foi necessário o empréstimo para fins de especificação de dois tipos diferentes de animais.

Outro aspecto interessante observa-se no português falado pelo descendente de imigrantes alemães, em que o uso da expressão "uma vez" pode parecer uma adição pura e simples ao conteúdo familiar deste signo ("vem cá uma vez!", conforme a expressão alemã "komm mal her!"). Em português, o conteúdo de "mal" normalmente não seria expresso: "vem cá!". Mas, já que a língua portuguesa contém signos para atender a esse conteúdo (por exemplo, "um pouquinho" em "vem cá um pouquinho!"), pode-se considerar que estes signos pouco usuais sofreram uma restrição em função e, ao mesmo tempo, o conteúdo de "uma vez" foi estendido.

Desta maneira, tanto a interferência de "Patte" como a extensão de "uma vez" tiveram certo efeito sobre o vocabulário existente.

Segundo Weinreich (1953: 54), "exceto para empréstimos com conteúdo totalmente novo, a transferência ou reprodução de palavras estrangeiras deve afetar o vocabulário existente de três maneiras:

1. confusão entre o conteúdo da palavra nova e da velha;
2. desaparecimento da palavra antiga;
3. sobrevivência de ambas, a nova e a antiga, e especialização no conteúdo".

### 5.3.1 Confusão no uso

É a identidade total de significado entre a palavra antiga em alemão e a nova emprestada do português. Como exemplo, temos o uso indiscriminado dos dois termos

alemães "Orange" e "Apfelsine" ao lado do empréstimo "Larange" sem qualquer finalidade de especialização.

### 5.3.2 Descartē

Palavras antigas podem ser descartadas, à medida que seu conteúdo é coberto pelo empréstimo. Citemos o caso de "roçar", que foi transferido para o dialeto como "rossieren" ou "rossen", enquanto as antigas designações alemãs "abholzen", "roden", entre outras, foram descartadas. Na realidade, é difícil dizer até que ponto estas palavras foram definitivamente descartadas ou se sofreram apenas uma restrição no uso. Contudo, na aplicação dos questionários, não tivemos para este termo nem uma única resposta que correspondesse a um termo alemão original.

### 5.3.3 Especialização

O conteúdo do encontro da palavra antiga alemã e do empréstimo do português torna-se especializado. A especialização do conteúdo geralmente afeta tanto a palavra antiga quanto o empréstimo, no caso de ambas sobreviverem. Temos assim em alemão padrão o termo "Salat" que corresponde a "alface" e também "salada". O dialeto criou uma especialização por alteração na tonicidade da palavra: /'zalat/ designa "alface" enquanto /za'lat/ designa "salada", por analogia à pronúncia portuguesa.

## 6. CONCLUSÕES

### 6.1 CONCLUSÕES GERAIS

Através do estudo exposto, demonstramos, primeiramente, a partir de um grupo aleatório de população, que em Jaraguá do Sul, caracterizada como comunidade originada de colonização alemã e hoje em pleno processo de urbanização e industrialização, há um alto grau de uso do alemão como língua para comunicação.

Por meio do modelo de análise das redes de comunicação, provamos que é possível definir os padrões de escolha lingüística de falantes bilíngües, baseados nos dados levantados em seis famílias. Estes padrões podem variar conforme a inclusão do interlocutor na rede familiar, na rede de relações preferenciais ou de relações sociais. Idade, sexo e confissão religiosa demonstraram ser variáveis importantes na definição dos diversos padrões de escolha da língua. Comprovamos, assim, a afirmativa de Bortoni (1985: 240):

"Há relações padronizadas regularmente, passíveis de levantamento estatístico, entre as características das redes de comunicação e o comportamento lingüístico individual".

Com isso, comprovamos que as redes de relações familiares e preferenciais do bilíngüe são basicamente as responsáveis pela transmissão e manutenção da língua minoritária. Verificamos que a língua alemã representa para o grupo que a fala um forte elemento de herança étnica e cultural. Consideramos, por esse motivo, que a língua alemã deverá continuar a ser falada e transmitida às novas gerações, enquanto se mantiver a identidade étnica do grupo, resistindo à pressão exercida pela escola e pelos me-

ios de comunicação de massa, principalmente pela televisão, na transmissão da língua dominante.

Por sua vez, a língua alemã falada pelos descendentes de imigrantes apresenta-se repleta de empréstimos feitos ao português. Os empréstimos lexicais obedeceram basicamente às regras de formação lexical do alemão padrão, dando origem a grande número de neologismos e adaptações do significado, importantes para adequar o dialeto alemão à realidade, ao ambiente e aos costumes brasileiros.

## 6.2 APLICAÇÃO DO PRESENTE ESTUDO NO ENSINO DO ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O grupo étnico alemão, portanto, em contato com a cultura brasileira inclusiva, demonstra manter uma identidade étnica definida. Não obstante, apresenta-se o dialeto alemão local permeado de empréstimos e interferências lingüísticas originadas nas semelhanças e diferenças entre as duas línguas em contato. Lado resume claramente tal fenômeno na afirmativa de que:

"... os indivíduos tentem a transferir as formas e os sentidos e a distribuição das formas e dos sentidos de sua língua e cultura nativas para a língua e cultura estrangeiras" (Lado, 1964:14).

Estas implicações observadas numa comunidade bilingüe também podem ser enfocadas sob o ponto de vista do ensino do alemão como língua estrangeira tanto nas escolas como nas universidades. Já mencionamos anteriormente a elevada incidência de alunos que trazem consigo a competência em um dialeto alemão aprendido em sua família e comunidade. A metodologia de ensino do Alemão a ser aplicada a estes alunos deve, por conseguintes, respeitar a parâmetros diversos dos empregados com alunos principiantes, sem qualquer conhecimento da língua. Neste caso, será muito mais importante vencer os diversos obstáculos causados pelo dialeto à aprendizagem do alemão padrão. Da mesma forma, vários são os obstáculos a serem vencidos na aprendizagem do Português. Principalmente àquelas crianças que nele trazem pouca ou nenhuma competência ao ingressar na escola.

Concordamos com Lyons (1982:264) ao afirmar que:

"Os problemas são particularmente graves para os filhos de imigrantes e de outras minorias étnicas. Divididos entre duas culturas, eles podem ser bilingües de maneira imperfeita em dois dialetos não-padrão".



Seria supérfluo insistir aqui na importância da manutenção do bilingüismo, tanto sob o ponto de vista cultural, como técnico e científico. Basta citar o Artigo 27 do "Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos", emitido pela Assembléia Geral da O.N.U. em 16 de dezembro de 1966 (Camargo, 1974: 277-298):

"Nos Estados em que existam minorias étnicas, religiosas ou lingüísticas, não se negará, às pessoas que pertençam a ditas minorias, o direito que lhes cabe, em comum com os demais membros de seu grupo, de ter sua própria vida cultural, de professar e praticar sua própria religião e de usar seu próprio idioma".

Além disso, foi emitido em 1953 um documento da UNESCO que afirma o direito à instrução na língua materna, sendo que nos países em que haja línguas minoritárias diversas da língua nacional, é reconhecido o direito à educação bilíngüe (Hamer & Blanc, 1983: 304).

É importante a pluralidade no ensino bilíngüe, levando-se em conta as diversas línguas e culturas encontradas num país como o Brasil. Se um país não treina os falantes nativos de línguas minoritárias a ler, escrever e falar em suas línguas, estes indivíduos tenderão a perder as habilidades lingüísticas que bem podem ser aproveitadas para propósitos técnicos, científicos e profissionais. Vários são os países a experimentar com sucesso métodos variados de educação bilíngüe, entre eles, os Estados Unidos, Canadá, Peru, México, África do Sul, entre outros (Cohen, 1975: 21-33).

Com base nessa idéia de pluralidade no ensino de línguas, a Universidade Federal de Santa Catarina, juntamente com a Secretaria de Educação e o Conselho Estadual de Educação vêm desenvolvendo desde 1985 um Projeto Piloto, reintroduzindo o ensino diversificado de línguas estrangeiras nas escolas a partir da 5.<sup>a</sup> série.

Contudo, até que ponto os resultados positivos, alcançados pelo Projeto Piloto dentro das comunidades bi-

língües de colonização alemã na reintrodução do alemão como língua estrangeira nas escolas, podem servir ao aluno que já tem competência num dialeto alemão? Afinal, o alemão padrão é também para ele uma língua estrangeira?

Sim e não. Um dialeto alemão pode ser bastante diferente da língua padrão e, portanto, a resposta seria afirmativa. Todavia, sendo dialeto e padrão basicamente duas variantes de uma mesma língua, não se pode considerar o padrão como língua estrangeira. Löffler (1974: 113) considera que para um falante de dialeto regional puro, o alemão padrão pode parecer uma língua estrangeira. E, a partir dessa afirmativa, chama a atenção para um estudo contrastivo das duas variantes, a fim de minimizar a incidência de erros <sup>18</sup>.

Segundo Löffler (1974:112), se o falante de dialeto faz mais erros do que os outros alunos e grande parte de seus erros advém da discrepância entre dialeto como língua materna e a língua padrão exigida, então uma das importantes tarefas do pesquisador dialetológico é fornecer meios para se reconhecer e evitar tais erros tipicamente de base dialetal. Para tal fim, a análise contrastiva oferece um modelo eficiente para a prognose e diagnose de erros.

Nota-se, assim, a preocupação por parte dos alemães em manter a situação diglôssica: as crianças falantes de dialeto não devem abandoná-lo, mas sim, além de dominá-lo, recebem a língua padrão. Segundo Ammon (1978a: 350),

---

<sup>18</sup> - Ulrich Ammon (1978b) constatou, num estudo realizado nas escolas de 1.º grau na Alemanha Federal, que, na disciplina de Alemão, os falantes de dialeto apresentam mais erros em ortografia e em redação, suas redações são mais curtas e com menos variedade vocabular, a leitura em voz alta apresenta mais erros, é mais lenta e o aluno gagueja diante de palavras desconhecidas: além disso, a participação oral do aluno é geralmente menor.

"deve ser fomentada a idéia — e a escola é o local mais adequado para se começar — que a língua se apresenta em diferentes formas de manifestação que são totalmente equivalentes". Um país democrático deve ter, conforme o autor, como objetivo de educação lingüística a oferta ao aluno (de acordo com os princípios de auto-determinação e de decisão conjunta) do espectro mais amplo possível de possibilidades de expressão adequada às situações, incluindo-se os registros coloquiais e dialetais (Ammon, 1978a: 29). Esta exigência vem requerer que os professores, pelo menos durante sua formação profissional, entrem em contato com as características básicas dos dialetos de sua região e com os problemas sociais ligados a eles. Ao mesmo tempo, torna urgente a produção de estudos contrastivos, nos quais as diferenças entre os dialetos e a língua padrão sejam abordados sistematicamente.

Com efeito, Mattheier (apud Niebaum, 1983: 110) verificou que os falantes de dialetos, devido ao seu conhecimento de uma segunda variante, encontram-se em posição vantajosa em relação aos que só falam a variante padrão, enquanto "na aula de ortografia ocorre exatamente o contrário".

Em resumo, consideramos importante para o ensino do alemão como língua estrangeira o respeito ao dialeto falado pelos descendentes de imigrantes, dando-lhe o devido lugar como variante lingüística de cunho social (à semelhança do Black English estudado por Labov em 1972 ) e mantendo-lhe o valor étnico de prestígio. Uma forma de se respeitar a variante não-padrão é promover um levantamento dialetológico acurado que possibilite análise contrastiva para elaboração de materiais específicos para o ensino do alemão padrão (e de sua forma escrita) aos falantes de dialetos alemães. É essencial que se salvem os valores étnicos e culturais de uma população já plenamen-

te integrada ao modo de vida brasileiro e que vê ameaçado o tesouro cultural da língua herdada de seus antepassados.

7 - ANEXOS

7.1-ANEXO 1 -(ver 3.2)

BILINGUISMO EM JARAGUA DO SUL - ESTUDO PILOTO

1. Nome e sobrenome.....
- ( ) 2. Série:.....
- ( ) 3. Sexo: 1.masculino 2.feminino
- ( ) 4. Religião: 1.católica 2.evangelica 3.outra
5. Nome do pai:.....
6. Nome de solteira da mãe:.....
- ( ) 7. Seu pai entende alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 8. Ele fala alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 9. Ele sabe ler em alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 10. Ele escreve em alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 11. Sua mãe entende alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 12. Ela fala em alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 13. Ela sabe ler alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 14. Ela escreve em alemão? 1.sim 2.não

Coloque no parentese o número da sua resposta.

- 1.quase sempre 2.às vezes 3.nunca
- ( ) 15. Você fala alemão com seu pai?
- ( ) 16. Com sua mãe?
- ( ) 17. Com seus irmãos?
- ( ) 18. Com seus avós e outros parentes?
- ( ) 19. Na escola você fala alemão com professores?
- ( ) 20. Com colegas que também falam alemão?
- ( ) 21. Você fala alemão na venda ou no armazem?
- ( ) 22. Quando você vai à igreja, você fala alemão com o padre ou pastor?
- ( ) 23. Você fala alemão com seus amigos ou vizinhos?
- ( ) 24. Você reza em alemão?
- ( ) 25. Você canta ou brinca em alemão?
- ( ) 26. Você sonha em alemão?
- ( ) 27. Você faz contas de cabeça em alemão?
- ( ) 28. Numa briga, você xinga em alemão?
- ( ) 29. Que língua você gosta mais de falar?  
1.português 2.alemão 3.outra.Qual?.....
- ( ) 30. Você gostaria de estudar alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 31. Por que você gostaria de estudar alemão?  
1.é mais fácil 2.os pais incentivam  
3.é importante para muitas profissões
- ( ) 32. Você gostaria de ter um jornal ou revista, um programa de radio ou TV em alemão? 1.sim 2.não
- ( ) 33. Seus pais, avós ou parentes insistem em que se fale alemão em casa? 1.sim 2.não
- ( ) 34. Você acha que o alemão vai continuar a ser falado nesta região? 1.sim 2.não

Muito obrigado por ter colaborado conosco!

Projeto: Bilinguismo em Jaraguá do Sul

## 1. DADOS PESSOAIS

1.1. Nome:.....

1.2. Endereço:.....

1.3. Sexo: ( )M ( )F

1.4. Idade:.....

1.5. Onde nasceu ? : .....

1.6. Onde você já morou ? ( cronológico, do mais antigo ao  
mais recente).....  
.....  
.....

1.7. Porque se mudou para cá ? .....

1.8. Há quanto tempo já vive aqui ? .....

## 2. FAMILIA (respostas: A/P/ AP)

2.1. Como você fala(va) com seu pai ? ( )

2.2. Como você fala(va) com sua mãe ? ( )

2.3. Como você fala(va) com seu avô paterno ? ( )

2.4. Com sua avó paterna ? ( )

2.5. Com seu avô materno ? ( )

2.6. Com sua avó materna ? ( )

2.7. Como se chamam seus irmãos e irmãs ?

2.8. Como você fala com eles ? 1 ( ) .....

2 ( ).....

3 ( ).....

4 (       ).....

5 (       ).....

6 (       ).....

2.9. Como você fala com seus cunhados e cunhadas ?       (       )

2.10. Como se chamam seus filhos ? Como você fala com eles ?

Com que idade eles aprenderam alemão ? E português ?

1 (       ).....

2 (       ).....

3 (       ).....

4 (       ).....

5 (       ).....

6 (       ).....

2.11. Como você fala com sua esposa ?       (       )

2.12. Com os parentes de sua esposa ?       (       )

2.13. Com os seus netos ?       (       )

2.14. Com seus genros e noras ?       (       )

2.15. Você tem parentes na Alemanha ? Quem ? Como é que você escreve para eles ? (se tivesse, como escreveria ?)

1 (       ).....

2 (       ).....

3 (       ).....

### 3. VIZINHOS

3.1. Quem são seus vizinhos ? (de cada lado da casa ) Como você fala com eles ?

1 (       ).....

2 (       ).....

3 (       ).....

3.2. Qual de seus vizinhos lhe ajuda quando você precisa de um favor ? Como você fala com ele ?

.....(     )  
.....(     )  
.....(     )

3.3. Você costuma visitar seus vizinhos com frequência ?

(     )S     (     )N

3.4. Existe alguma praça ou outro lugar onde os vizinhos se encontram para conversar ? Você costuma ir lá também ?

Quando você vai, em que língua vocês conversam ?

(     )

#### 4. AMIGOS

4.1. Quem são as tres pessoas com quem você melhor se dá ?

Onde você as conheceu ? Como você fala com elas ?

.....(     )  
.....(     )  
.....(     )

4.2. Com quem você conversa mais seguido além de sua familia ? Como você fala com ele(a) ?

.....(     )  
.....(     )  
.....(     )

5. TRABALHO (dona de casa: responder 1,2 e 8) (se só estuda, responder 1).

5.1. O que fazia (ou faz) o seu pai ? .....



- 5.2. O que você faz ? .....  
5.3. Há pessoas em seu trabalho que falam alemão ? Como você  
fala com eles ? ( )  
5.4. Dê um exemplo de quando você fala alemão com eles ? ...  
.....  
5.5. O que dizem os colegas que só falam português quando  
isso acontece ? .....  
5.6. Você já trabalhou em outra cidade ? Onde ? Quantos anos  
? .....  
.....  
.....  
5.7. No seu emprego, você tem contato com o público ? Como  
você fala com os clientes ? ( )  
5.8. Quando você fala com seus empregados, como você fala ?  
( )  
5.9. Quando você fala com seus chefe ou superior, como você  
fala ? ( )

6. ESCOLA (para adultos, usar o passado)

- 6.1. Com que idade você entrou para a escola ? ( )  
6.2. Quantos anos você foi à escola ? ( )  
6.3. Grau de escolaridade ? .....  
6.4. Há pessoas na sua escola que falam alemão ? Como você  
fala com elas ? ( )  
6.5. Dê um exemplo de quando você fala alemão com elas .....  
.....

6.6. O que dizem os seus colegas que não falam alemão,  
quando isso acontece ? .....

6.7. Quando você fala com a professora, como você fala ?  
( )

6.8. E se você encontra a professora fora da escola ? ( )

6.9. Como você fala com a diretora da escola ? ( )

6.10. Que lingua(s) você aprendeu na escola ? .....

6.11. Que lingua você gostaria de aprender ? .....

6.12. Você gostaria que seus filhos aprendessem alemão ?  
( )S ( )N

#### 7.REPARTIÇÕES - MEDICO

7.1. Como você fala quando vai à prefeitura;  
com o porteiro ( )  
com a secretária ( )  
com o prefeito ( )

7.2. Como você fala com o dono do cartório ? ( )

7.3. Com seu médico da família ? ( )

7.4. Você já esteve num hospital ? Como você falou com os  
médicos ? ( )

7.5. Com as enfermeiras ? ( )

7.6. (Só para mulheres) Você teve uma parteira ? Como você  
falou com ela ? ( )



- 9.6. Quando você vai a uma loja, como você fala com a balconista ? ( )
- 9.7. Onde você compra leite ? Como você fala com quem vende leite ? ( )
- 9.8. Quando você compra pão, como você fala ? ( )
- 9.9. E quando você vai à farmácia ? ( )
- 9.10. E na loja de ferragens ? ( )
- 9.11. Quando você vai a uma loja em outra cidade ? Como você fala ? ( )
- 9.12. Quando você vai ao correio, como você fala ? ( )
- 9.13. Você vai às vezes a um restaurante ou café ? Como você fala com o garçon ? ( )

## 10. DIVERSÃO

- 10.1. Você costuma assistir televisão ? ( )S ( )N
- 10.2. Quantas horas por dia (mais/menos), você assiste TV ? ( )
- 10.3. Você costuma ouvir rádio ? Quantas horas por dia ? ( )
- 10.4. Você costuma ler jornais ? Em que língua ? ( )
- 10.5. Você costuma ler revistas ? Em que língua ? ( )
- 10.6. Você costuma ler livros ? Em que língua ? ( )

## 11. ATITUDES GERAIS

11.1. Você tem amigos ou conhecidos que só falam alemão ?

(        ) S        (        ) N

11.2. Que só falam Português ? (        )

11.3. Qual a língua que você acha mais confortável para você ?

(        )

11.4. Qual você gosta mais ? Acha que soa melhor ? (        )

11.5. Qual você acha mais fácil para expressar seus

pensamentos ? (        )

11.6. Em que língua você sonha ? Já sonhou em Alemão ?

(        )

11.7. Quando você faz contas de cabeça, você as faz em que  
língua ? (        )

11.8. Numa briga bem enfezada, em que língua você xinga ?

(        )

11.9. Você acha que o Alemão vai continuar a ser falado em  
Jaraguá ? (        ) S        (        ) N

11.10. Com que idade você aprendeu Português ? (        )

## 12. AVALIAÇÃO PESSOAL

12.1. Se você tivesse de avaliar como você fala Português, você diria:

1(     ) perfeito Português de Jaraguá, como qualquer nativo daqui.

2(     ) muito bem, mas não perfeito.

3(     ) mais ou menos bem.

4(     ) não muito bem.

5(     ) quase não fala.

12.2. Se você tivesse de avaliar como você fala Alemão, você diria:

1(     ) perfeito Alemão falado em Jaraguá.

2(     ) muito bem, mas não perfeito.

3(     ) mais ou menos bem.

4(     ) não muito bem.

5(     ) quase não fala.

7.3 - ANEXO 3 (ver 5.1)

F R A G E N K A T A L O G

z u

B I L I N G U I S T I S C H E N   S T U D I E N

D E U T S C H E R   S I E D L U N G S G E B I E T E

I M   B R A S I L I A N I S C H E N   B U N D E S L A N D

S A N T A   C A T A R I N A

.....

Q U E S T I O N Á R I O

d a

P E S Q U I S A

E S T U D O   D O   B I L I N G U I S M O   N A S

Á R E A S   D E   C O L O N I Z A Ç Ã O   A L E M Ã

N O   E S T A D O   D E   S A N T A   C A T A R I N A

: \_ : \_ : \_ : \_ : \_ : \_ : \_ : \_ : \_ :

PESQUISA DE CAMPO

-1-

- WOHNUNG -

Wohnen Sie schon lange hier ? \_\_\_\_\_

Wo haben Sie früher gewohnt ? \_\_\_\_\_

Warum sind Sie umgezogen. ? \_\_\_\_\_

Haben Sie das Haus bauen lassen ? JA \_\_\_\_\_

NEIN \_\_\_\_\_

Es ist also Ihr EIGENTUM ?/ \_\_\_\_\_

BESITZ ?/ \_\_\_\_\_

Wie gross ist das Haus (Wohnung), wieviele Räume hat es ?

KUCHE \_\_\_\_\_

COZINHA \_\_\_\_\_

ESSZIMMER \_\_\_\_\_

SCHLAFZIMMER \_\_\_\_\_

WOHNZIMMER \_\_\_\_\_

KINDERZIMMER \_\_\_\_\_

BADEZIMMER \_\_\_\_\_

W C \_\_\_\_\_

LAVABO \_\_\_\_\_

VERANDA \_\_\_\_\_

WASCHKUCHE \_\_\_\_\_

SPEISEZIMMER \_\_\_\_\_

KELLER \_\_\_\_\_

ÁREA DE SERVIÇO \_\_\_\_\_

GARAGE \_\_\_\_\_

Worauf kochen Sie ?

HERD \_\_\_\_\_

OFEN \_\_\_\_\_

PLATTE \_\_\_\_\_

FOGÃO \_\_\_\_\_



Kochen Sie auf einem...

GASHERD \_\_\_\_\_

HOLZHERD \_\_\_\_\_

Womit zünden Sie das Feuer an ?

STREICHHÖLZER \_\_\_\_\_

FEUERZEUG \_\_\_\_\_

FOŠFORO \_\_\_\_\_

SIE wollen Kaffee kochen . Worin machen Sie das Wasser heiss ?

WASSERKESSEL \_\_\_\_\_

KESSEL \_\_\_\_\_

CHALEIRA \_\_\_\_\_

Worin heben Sie den gekochten Kaffee auf ?

KAFFEEKANNE \_\_\_\_\_

KANNE \_\_\_\_\_

HERMOS FLASCHE \_\_\_\_\_

TÉRMICA \_\_\_\_\_

GARRAFA TÉRMICA \_\_\_\_\_

BULE \_\_\_\_\_

Wie mögen Sie den Kaffee am liebsten ...

mit oder ohne ZUCKER \_\_\_\_\_

MILCH \_\_\_\_\_

3. Was trinkt Ihre Familie noch ausser Kaffee ?

TEE \_\_\_\_\_

SAFT \_\_\_\_\_

OBSTSAFT \_\_\_\_\_

SUCO \_\_\_\_\_

SUCO DE FRUTAS \_\_\_\_\_

Worin kocht man Reis ?

TOPF \_\_\_\_\_

KOCHTOPF \_\_\_\_\_

TIPPÊ \_\_\_\_\_

PANELA \_\_\_\_\_

10 Worin brät man Spiegeleier , Keef usw ?

BRATPFANNE \_\_\_\_\_

PFANNE \_\_\_\_\_

FRIGIDEIRA \_\_\_\_\_

11. Und das Fleisch ?

KASSEROLLE \_\_\_\_\_

FLEISCHTOPF \_\_\_\_\_

CAÇAROLA \_\_\_\_\_

12. Wie heisst das Fleisch am Spiess gebraten ?

'SPIESSBRATEN \_\_\_\_\_

CHURRASCO \_\_\_\_\_

13. Wenn man Fleisch mahlt , dann wird es...

MAHLFLEISCH \_\_\_\_\_

HACKFLEISCH \_\_\_\_\_

GUISADO \_\_\_\_\_

BOLINHO DE CARNE \_\_\_\_\_

14. Wenn das Fleisch stark gesalzen und getrocknet ist , heisst es ...

TROCKENFLEISCH \_\_\_\_\_

CARNE SECA \_\_\_\_\_

CHARQUE \_\_\_\_\_

15. Wie heisst der Brei , den man aus Maniokmehl macht ?

PIRÃO \_\_\_\_\_

16. Was macht man aus geröstetem Maniokmehl ?

FAROFÁ \_\_\_\_\_

17. Worin kochen Sie die Milch ?

MILCHTOPF \_\_\_\_\_

18. Wie heisst die Fettschicht auf der ungekochten Milch ?

RAHM \_\_\_\_\_

SAHNE \_\_\_\_\_

SCHMAND \_\_\_\_\_

19. Wenn die Milch sauer wird , heisst sie...

DICKMILCH \_\_\_\_\_

20. Was macht man daraus ?

QUARK \_\_\_\_\_

KÄS' SCHMIER \_\_\_\_\_

21. Was macht man sonst noch aus Milch ?

YOGURT \_\_\_\_\_

KÄSE \_\_\_\_\_

22. Kann man aus Milch auch Süßes machen, z.B. ...

PUDDING \_\_\_\_\_

CREME \_\_\_\_\_

MILCHREIS \_\_\_\_\_

DOCE DE EEITE \_\_\_\_\_

23. Wenn geschälter Mais mit Milch und Zucker gekocht wird, wie nennt man das ?

CANJICA ( eine Art Gries) \_\_\_\_\_

24. Worin macht man Saft ?

MIXER \_\_\_\_\_

LIQUIDIFICADOR \_\_\_\_\_

25. Wie heisst der Saft aus Obst gemacht ?

OBSTSAFT \_\_\_\_\_

26. Welchen Obstsaft gibt es hier ?

ORANGENSAFT \_\_\_\_\_

TRAUBENSAFT \_\_\_\_\_

ZITRONENSAFT \_\_\_\_\_

27. Ausser Mus, was kochen Sie noch aus Obst oder Obstschalen ?

GELEE \_\_\_\_\_

GELEIA \_\_\_\_\_

KOMPOTT \_\_\_\_\_

COMPOTA \_\_\_\_\_

DOCE \_\_\_\_\_

28. Kochen Sie gern ? Was kochen Sie gern ?

29. Was isst Ihre Familia sonntags am liebsten ?

30. Was essen Ihr Mann und die Kinder abends ... gern ?

31. Was essen Ihre Kinder gern auf dem Brot ?

BUTTER \_\_\_\_\_

KÄSE \_\_\_\_\_

WURST \_\_\_\_\_

MUS \_\_\_\_\_

MARMELADE \_\_\_\_\_

SAHNE \_\_\_\_\_

HONIG \_\_\_\_\_

22. Was essen die Leute gern an Salzigen auf dem Brot zum Abendbrot?

WURST \_\_\_\_\_

SALAMI \_\_\_\_\_

KÄSE \_\_\_\_\_

EIER \_\_\_\_\_

23. Eier kann <sup>man</sup>roh essen oder ...

GEBRATEN \_\_\_\_\_

GEKOCHT \_\_\_\_\_

GEBRUHT \_\_\_\_\_

23. Können Sie eine Liste Lebensmittel aufstellen , die sie selbst kaufen ?

24. Wo kaufen Sie Lebensmittel ein ?

SUPERMARKT \_\_\_\_\_

SUPERMERCADO \_\_\_\_\_

25. Wenn man einkaufen geht , dann schreibt man sich vorher alles auf.  
Wie heisst das ?

ZETTEL \_\_\_\_\_

LISTE \_\_\_\_\_

BILHETE \_\_\_\_\_

Was für Gewürze kennen Sie ?

26. Mit welchen Gewürzen würzen Sie gern das Essen ?

SALZ \_\_\_\_\_

PFEFFER \_\_\_\_\_

ZWIEBEL \_\_\_\_\_

KNOBLAUCH \_\_\_\_\_

SCHNITTLAUCH \_\_\_\_\_

PETERSILIE \_\_\_\_\_

ZIMMT \_\_\_\_\_

MAJORAN \_\_\_\_\_

VANILLE \_\_\_\_\_

DILL \_\_\_\_\_

PAPRIKA \_\_\_\_\_

NELKEN \_\_\_\_\_

27. Wer Hilft der Hausfrau täglich bei der Hausarbeit ?

DIENSTMÄDCHEN \_\_\_\_\_

DIENSTMAGD \_\_\_\_\_

EMPREGADA \_\_\_\_\_

28. Die Frau , die nur einmal in der Woche zum Putzen kommt, heisst...

PUTZFRAU \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

FAXINEIRA \_\_\_\_\_

29. Und die Frau , die die Wäsche näht heisst...

SCHNEIDERIN \_\_\_\_\_

NÄHRIN \_\_\_\_\_

COSTUREIRA \_\_\_\_\_

30. Wer hilft der Hausfrau beim Einkaufen ?

MANN \_\_\_\_\_

KINDER \_\_\_\_\_

HAUSHILFE \_\_\_\_\_

NIEMAND \_\_\_\_\_

31. Womit macht man das Haus sauber ? ( Gestik )

BESEN \_\_\_\_\_

VASSOURA \_\_\_\_\_

32. Mit dem Besen tut man...

KEHREN \_\_\_\_\_

FEGEN \_\_\_\_\_

WISCHEN \_\_\_\_\_

33. Um den Fussboden zu reinigen mit Wasser und Bürste muss man...

SCHRUBBEN \_\_\_\_\_

PUTZEN \_\_\_\_\_

SPUHLN \_\_\_\_\_

WISCHEN \_\_\_\_\_

34. Wenn man ausgefegt hat , womit sammelt man den Schmutz auf ?

KEHRSCHAUFEL \_\_\_\_\_

SCHAUFEL \_\_\_\_\_

PAZINHA \_\_\_\_\_

35. Worin tut man den Küchenabfall und den Kehricht ?

MULLEIMER \_\_\_\_\_

KEHRRICHEIMER \_\_\_\_\_

LIXO \_\_\_\_\_

LATA DE LIXO \_\_\_\_\_

36. Die Frau , die die Wäsche wäscht , ist die...

WASCHERIN

WASCHFRAU

LAVADEIRA

37. Worin waschen Sie die Wäsche ?

WASCHMASCHINE

WASCHTROG

TANQUE

38. Wenn die Wäsche sehr schmutzig ist, muss man sie vorher...

EINWEICHEN

POR DE MOLHO

39. Worin weichen Sie Ihre Wäsche ein ?

SCHÜSSEL

TROG

IN DER WASCHMASCHINE

TANQUE

40. Womit waschen Sie Ihre Wäsche ?

SEIFE

SEIFENPULVER

WASCHMITTEL

WASCHPULVER

SABÃO EM PÓ

41. Wo trocknen Sie die Wäsche ?

auf der LEINE

WÄSCHELEINE

VARAL

SECADORA

42. Damit der Wind die Wäsche nicht von der Leine herunterweht , macht man sie fest mit...

WÄSCHEKLAMMERN

KLAMMERN

PREGADOR DE ROUPA

GRAMPO

43. Wenn die Wäsche trocken ist , tut man sie (Gestik machen )...

BÜGELN

PLÄTTEN

PASSAR

PASSAR A FERRO

44. Und womit bügelt man ?

Bügeleisen

PLÄTTEISEN

EISEN

45. Wenn eine Naht aufgegangen ist , oder ein Stück ist zerrissen,  
was macht man damit ?

FLICKEN

NÄHEN

REPARIEREN

46. Wenn ein Knopf fehlt, muss man einen anderen...

ANNÄHEN

46. Was trägt der Mann ? (Bild vozeigen )

HOSE

HEMD

SAKKO

ANZUG

KRAWATTE

47. Was tragen die Männer unter dem Hemd , wenn es kalt ist ?

UNTERHEMD

CAMISETA

Und unter der Hose ?

UNTERHOSE

CUECA

48. Was tragen die Frauen ? ( Bild vozeigen )

KLEID

ROCK

BLUSE

PULOVER

JEANS

49. Was zieht man auf die Füße , wenn es kalt ist ?

SCHUHE

STRÜMPFE

SOCKEN

50. Und wenn es heiss ist ?

SANDALEN

SCHLAPPEN

SANDÄLIA

CHINELO

51. Wo bewahrt man die Kleider auf ?

Im KLEIDERSCHRANK

WASCHESCHRANK

NO GUARDA-ROUPA

NO ARMÁRIO

52. Worauf hängt man die Kleider im Kleiderschrank auf ?

BÜGEL

KLEIDERBÜGEL

CABIDE

53. Womit trocknet man sich ab , wenn man gerade gebadet hat ?

HANDTUCH \_\_\_\_\_

BADEHANDTUCH \_\_\_\_\_

BADETUCH \_\_\_\_\_

TOALHA \_\_\_\_\_

54. Womit trocknet man sich die Hände ab?

HANDTUCH \_\_\_\_\_

GESICHTSTUCH \_\_\_\_\_

TOALHA \_\_\_\_\_

55. Wie Heisst das auf Deutsch ? ( Bild vorzeigen )

DECKE \_\_\_\_\_

BETTDECKE \_\_\_\_\_

LAKEN \_\_\_\_\_

BETTLAKEN \_\_\_\_\_

BETTUCH \_\_\_\_\_

LENÇOL \_\_\_\_\_

KISSEN \_\_\_\_\_

KISSENBEZUG \_\_\_\_\_

FRONHA \_\_\_\_\_

MATRAZZE \_\_\_\_\_

COLCHÃO \_\_\_\_\_

BETT \_\_\_\_\_

56. Wie heisst das auf Deutsch ?

TISCHDECKE \_\_\_\_\_

DECKE \_\_\_\_\_

TOALHA \_\_\_\_\_

SERVIETTE \_\_\_\_\_

MUNDTUCH \_\_\_\_\_

GUARDANAPO \_\_\_\_\_

57. Wie heisst das auf Deutsch ? (Bild vorzeigen )

SESSEL \_\_\_\_\_

COUCH \_\_\_\_\_

SOFA \_\_\_\_\_

BILD \_\_\_\_\_

VORHÄNGE \_\_\_\_\_

GARDINEN \_\_\_\_\_

58. Wenn man Besuch bekommt , serviert man gewöhnlich ein Täschen Kaffee.  
Worauf serviert man den Kaffee?

TABLETT \_\_\_\_\_

BANDEJA \_\_\_\_\_

60. Wo hebt man das Essen auf, das kühl stehen muss ?

EISSCHRANK \_\_\_\_\_

KÜHLSCHRANK \_\_\_\_\_

GELADEIRA \_\_\_\_\_



61. Wie heisst der Behälter , worin man Lebensmittel ( Reis , Zucker usw) aufbewahrt ?

DOSE

TÜTE

LATA

"LATTE"

62. Wie heisst das auf Deutsch ? ( Bild vorzeigen )

TELLER

PRATO

SCHÜSSEL

BACIA

UNTERTASSE

PIRES

NAPF

TIJELA

63. Woraus trinkt man Kaffee oder TEE?

TASSE

SCHALE

CANECO

GLAS

64. Woraus trinkt man Wasser oder Milch ?

GLAS

TASSE

BECHER

CANECO

65. Wo wäscht man das Geschirr ab?

SPÜHLE

ABWASTISCH

PIA

66. Womit wird das Geschirr abgetrocknet ?

TUCH

GESCHIRRTUCH

PANO DE LOUÇA

67. Zum Geschirr spühlen braucht man Wasser . Woher kommt das Wasser ?

WASSERLEITUNG

WASSERHAHN

TORNEIRA

68. Wie heisst das Besteck ( Bild vorzeigen ) ?

MESSER

GABEL

SUPPENLÖFFEL

TEELÖFFEL

69. Und das grosse Messer womit man Brot schneidet ?

BROTMESSER \_\_\_\_\_

FACA DE PÃO \_\_\_\_\_

70. Und das Messer zum Fleisch schneiden ?

FLEISCHMESSER \_\_\_\_\_

SCHLACHTMESSER \_\_\_\_\_

FACA DE CARNE \_\_\_\_\_

71. Wie heisst ein kleines Messer, das man in der Tasche trägt ?

TASCHENMESSER \_\_\_\_\_

SACKMESSER \_\_\_\_\_

KLAPPMESSER \_\_\_\_\_

CANIVETE \_\_\_\_\_

71. Wie heissen diese Gemüse\_\_ und Salatsorten ? ( Bild vorzeigen)

BLATTKOHL \_\_\_\_\_

COUVE \_\_\_\_\_

BOHNE \_\_\_\_\_

FEIJÃO \_\_\_\_\_

BLUMENKOHL \_\_\_\_\_

COUVE FLOR \_\_\_\_\_

ERBSEN \_\_\_\_\_

ERVILHA \_\_\_\_\_

GURKE \_\_\_\_\_

PEPINO \_\_\_\_\_

KURBIS \_\_\_\_\_

ABOBORA \_\_\_\_\_

ESSBARER MANIOK \_\_\_\_\_

AIPIM \_\_\_\_\_

KNOBLAUCH \_\_\_\_\_

ALHO \_\_\_\_\_

SALAT \_\_\_\_\_

ALFACE \_\_\_\_\_

ROTE RÜBE \_\_\_\_\_

ROTE BEETE \_\_\_\_\_

BETERRABA \_\_\_\_\_

KARTOFFEL \_\_\_\_\_

BATATINHA \_\_\_\_\_

SUSSKARTOFFEL \_\_\_\_\_

SUSSBATATE \_\_\_\_\_

BATATA DOCE \_\_\_\_\_

ZWIEBEL \_\_\_\_\_

CEBOLA \_\_\_\_\_

( KARA ) \_\_\_\_\_

CARÀ \_\_\_\_\_

MOHRRUBE \_\_\_\_\_

MOHRE \_\_\_\_\_

GELBE RUBE \_\_\_\_\_

CENOURA

CHUCHU

SPINAT

ESPINAFRE

ITHAME

(YAM. )

PAPRIKA

PIMENTÃO

RUBE

NABO

PFEFFER

PIMENTA

RADIESCHEN

RABANETE

ROTKOHL

BLAUKOHL

REPOLHO ROXO

TOMATE

STANGENBOHNEN

V. AGEM

72. Welches Gemüse kaufen Sie in Konserven ?

(Palmit )

PALMITO

SAUERKRAUT

CHUKRUTE

PICLES

73. Wie heissen diese Obstsorten ( Bild vorzeigen )

AVOKADO

ABACATE

ANANÁS

ABACAXI

PFLAUME

AMEIXA

MISPEL

NESPERA

BROMBEERE

AMORA

ERDNUSS

AMENDOIM

BANANE

BANANA

(BERGAMOTTE)

BEGAMOTA

KHAKI

CAQUI

CARAMBOLA  
FEIGE  
FIGO  
HIMBEERE  
FRAMBOESA  
GUAVE  
GOIABA  
  
JOHANNISBEERE  
GROSELHA  
ORANGE  
LARANJA  
LIMETTE  
(LIMONE  
LIMA  
ZITRONE  
LIMÃO  
APFEL  
MAÇÃ  
PAPAYA  
MAMÃO  
WASSERMELONE  
MELANCIA  
MELONE  
MELÃO  
ERDBEERE  
MORANGO  
WALNUSS  
NOZ  
BIRNE  
PERA  
PFIRSICH  
PÊSSEGO  
WEINTRAUBE  
UVA  
BUTIA  
JABUTICABA  
PINHÃO  
PITANGA

74. Wie heissen die Getreidesorten? (Bild vorzeigen?)

MAIS  
MILHO  
WEIZEN  
TRIGO  
REIS  
ARROZ

ROGGEN

CENTEIO

HAFER (HAFERFLOCKEN)

AVEIA

75. Wie heissen diese Süßigkeiten ? ( Bild vorzeigen )

BONBONS ( zum Lutschen)

BALA

PRALINE

BOMBOM DE CHOCOLATE

SCHOKOLADE

CHOCOLATE

PLÄTZCHEN

BISCOITO

KEKSE

BOLACHA

BOLO

KUCHEN

STREUSELKUCHEN

CUCA

EIERKUCHEN

PÃO-DE-LÓ

KUCHELCHEN

BOLINHOS

STÄRKEBROT IN RINGFORM

ROSCA

GELATINE

GELATINA

PUDDING

PUDIM

SAGU

GRIES

EIS AM STIEL

PICOLÉ

EISCREME

SORVETE

EISHÖRNCHE

CASQUINHA

76. Woraus macht man " BROAS "?

MAISMEHL

ARARUTA

POLVILHO

STÄRKE

77. Was macht man aus Obst , das man aufs Brot streichen kann ?

MUS

GELEE

SCHMIER

DOCE

78. Was macht man aus Obst , das man zum Nachtisch essen kann ?

KOMPOTT

FRUCHTSUPPE

79. Was macht Ihre Familie abends gern ?

SIEHT FERN

HÖRT RADIO

GEHT AUS

ARBEITEN

GEHEN FRÜH SCHLAFEN

INS KINO

80. Was machen Ihre Kinder Nachmittags/ Vormittags ?

GEHEN IN DIE SCHULE

MACHEN SCHULAUFGABEN

FAZEN DEVERES DE AULA

SPIELEN

HELFEN IM HAUS

PASSEN AUF DIE KINDER AUF

BESORGEN DAS VIEH

81. Was spielen Ihre Kinder gern ?

DOMINO

DOMINO

SCHWARZER PETER

MICO PRETO

MUHLE

SCHACH

XADREZ

82. Haben Ihre Kinder Hobbies ? Welche ?

83. Wie amüsieren sich die Leute hier ?

84. Wie amüsieren sich die alten Leute hier ?

85. Was feiert man bei Ihnen ausser Weihnachten ?

PFINGSTEN

OSTERN

GEBURTSTAGE \_\_\_\_\_  
HOCHZEIT \_\_\_\_\_  
KAUFE \_\_\_\_\_  
KONFIRMATION \_\_\_\_\_  
KORPUS CHRISTI \_\_\_\_\_  
KANEVAL \_\_\_\_\_  
16. Wo begräbt man die Toten ?  
AUF DEM FRIEDHOF \_\_\_\_\_  
17. Wenn man einen Brief schreibt , wo tut man ihn rein zum adressieren?  
UMSCHLAG \_\_\_\_\_  
KOUVERT \_\_\_\_\_  
ENVELOPE \_\_\_\_\_  
18. Wo bringt man den Brief hin ?  
ZUR POST \_\_\_\_\_  
AO CORREIO \_\_\_\_\_  
19. Was klebt man auf den Umschlag ?  
BRIEFMARKEN \_\_\_\_\_  
SELLOS \_\_\_\_\_  
20. Was tut der Postb<sup>a</sup>em<sup>m</sup>ante drauf ( Gestik) ?  
STEMPEL \_\_\_\_\_  
CARIMBO \_\_\_\_\_  
21. Sie lassen jemanden was sagen , evtl schriftlich , wie heisst das ?  
EINE NACHRICHT GEBEN \_\_\_\_\_  
( " AVISIEREN " ) \_\_\_\_\_  
( " RECADO " GEBEN ) \_\_\_\_\_  
MANDAR DIZER \_\_\_\_\_  
AVISAR \_\_\_\_\_  
22. Wie heissen diese Tiere auf Deutsch ? (Bild vorzeigen )  
HUND \_\_\_\_\_  
KATZE \_\_\_\_\_  
RATTE \_\_\_\_\_  
MAUS \_\_\_\_\_  
FLIEGE \_\_\_\_\_  
BIENE \_\_\_\_\_  
WESPE \_\_\_\_\_  
KAKERLAKKE \_\_\_\_\_  
BARATA \_\_\_\_\_  
MUCKE \_\_\_\_\_  
MOSQUITO \_\_\_\_\_  
SPINNE \_\_\_\_\_  
MOTTE \_\_\_\_\_  
KUH \_\_\_\_\_

10. KALB \_\_\_\_\_  
OCHSE \_\_\_\_\_  
BULLE \_\_\_\_\_  
PFERD \_\_\_\_\_  
SCHWEIN \_\_\_\_\_  
PFERKEL \_\_\_\_\_  
ZIEGE \_\_\_\_\_  
HUHN \_\_\_\_\_  
HAHN \_\_\_\_\_  
KUKEN \_\_\_\_\_  
ENTE \_\_\_\_\_  
GANS \_\_\_\_\_  
FISCH \_\_\_\_\_  
KRABBen \_\_\_\_\_  
FROSCH \_\_\_\_\_  
SCHLANGE \_\_\_\_\_  
HEUSCHRECKE \_\_\_\_\_  
REGENWURM \_\_\_\_\_  
TAUBE \_\_\_\_\_

93. Welche Vögel kennen Sie auch ?

94. kennen Sie noch andere Tiere ?

95. Welche Tiere mögen Sie gern ?

96. Welche Tiere können Sie nicht leiden ?

97. Welche sind Ihre Lieblingsblumen ?

98. Kennen Sie noch andere Zierpflanzen , die man im Haus oder im Garten hält?

99. Wie heißen diese Blumen auf Deutsch ? ( Bild vorzeigen )

ALYSSUM \_\_\_\_\_  
STEINKRAUT \_\_\_\_\_  
STIEFMÜTTERCHEN \_\_\_\_\_  
ASTER \_\_\_\_\_  
BALSAMINE \_\_\_\_\_  
LÖWENMAUL \_\_\_\_\_  
GÄNSEBLÜMCHEN \_\_\_\_\_  
KAKTEE \_\_\_\_\_  
KORNBLUME \_\_\_\_\_  
CHRYSANTHEMUM \_\_\_\_\_  
NELKEN \_\_\_\_\_  
HAHNENKAMM \_\_\_\_\_  
ROSEN \_\_\_\_\_



ALPENVEILCHEN \_\_\_\_\_  
 DAHLIE \_\_\_\_\_  
 GERANIE \_\_\_\_\_  
 SONNENBLUMEN \_\_\_\_\_  
 GLOXINIE \_\_\_\_\_  
 LEVKOJE \_\_\_\_\_  
 VERGISSMEINNICHT \_\_\_\_\_  
 MOHNBLUME \_\_\_\_\_  
 PHLOX \_\_\_\_\_  
 PRIMELN \_\_\_\_\_  
 RANUNKELN \_\_\_\_\_  
 SALBEI \_\_\_\_\_  
 STUDENTENBLUME \_\_\_\_\_  
 ZINNIE \_\_\_\_\_  
 ORCHIDEEN \_\_\_\_\_  
 HORTËNSIEN \_\_\_\_\_

100. Was sind Sie von Beruf ?  
 HAUSFRAU \_\_\_\_\_

101. Was ist Ihr Mann / Ihre Frau von Beruf ?

102. Was wollen Ihre Kinder einmal werden ?

103. Wie heisst der Mann , der Kranke behandelt ?

ARZT \_\_\_\_\_

Wie heisst der Mann, der Medikamente verkauft ?

APOTHEKER \_\_\_\_\_

, der Kranke pflegt ?

KRANKENPFLEGER \_\_\_\_\_

, der Wagen repariert ?

MECHANIKER \_\_\_\_\_

, der Möbel macht ?

TISCHLER \_\_\_\_\_

SCHREINER \_\_\_\_\_

, der Mauern setzt ?

MAURER \_\_\_\_\_

, der Häuser aus Holz baut ?

ZIMMERMANN \_\_\_\_\_

, der mit Eisen arbeitet ?

SCHLOSSER \_\_\_\_\_

, der Essen kocht ?

KOCH \_\_\_\_\_

Wie heisst der Mann , der Herrenkleidung anfertigt ?

SCHNEIDER \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der Schuhe macht oder repariert ?

SCHUSTER \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der den Bus fährt ?

FAHRER \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der einen Lastwagen fährt ?

KRAFTFAHRER \_\_\_\_\_

MOTORISTA DE \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der die Haare schneidet ?

FRISEUR \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der auf dem Land arbeitet?

BAUER \_\_\_\_\_

KOLONIST \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der Gemüse auf dem Markt verkauft ?

GEMUSEHÄNDLER \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der das Fleisch verkauft ?

FLEISCHER \_\_\_\_\_

METZGER \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ , der das Brot bäckt ?

BÄCKER \_\_\_\_\_

104. Haben Sie ein Auto ?

Wie machen Sie das , wenn Sie einkaufen müssen ?

MIT DEM WAGEN \_\_\_\_\_

MIT DEM AUTO \_\_\_\_\_

MIT DEM BUS \_\_\_\_\_

GEHT ZU FUSS \_\_\_\_\_

105. Sie müssen eine Reise nach São Paulo machen . Wie fahren Sie am besten ?

MIT DEM BUS \_\_\_\_\_

MIT EIGENEM WAGEN \_\_\_\_\_

MIT DEM AUTO \_\_\_\_\_

MIT FLUGZEUG \_\_\_\_\_

MIT DER MASCHINE \_\_\_\_\_

106. Sie wollen nach Deutschland fahren . Wie können Sie da reisen ?

MIT FLUGZEUG \_\_\_\_\_

MASCHINE \_\_\_\_\_

AVIÃO \_\_\_\_\_

SCHIFF \_\_\_\_\_

NAVIO \_\_\_\_\_

107. Womit fährt man auf dem Fluss ?

BOOT \_\_\_\_\_

KANO \_\_\_\_\_

CANOA \_\_\_\_\_

108. Womit fahren junge Leute gern?

MOTO \_\_\_\_\_  
MOTORRAD \_\_\_\_\_  
MOTOCAR \_\_\_\_\_  
BICICLETA \_\_\_\_\_  
FAHRRAD (RAD) \_\_\_\_\_

109. Womit werden Güter ( Ware ) transportiert ?

CAMINHÃO \_\_\_\_\_  
LASTWAGEN \_\_\_\_\_

110. Welche anderen Wagen werden hier noch benutzt ?

111. Wie heissen diese Autoteile auf Deutsch ? ( Bild vorzeigen )

WAGENTUR \_\_\_\_\_  
VORDERSITZ \_\_\_\_\_  
WINDSCHUTZSCHEIBE \_\_\_\_\_  
LENKRAD \_\_\_\_\_  
BREMSE \_\_\_\_\_  
FAHRLICHT \_\_\_\_\_

112. Sie sind an der Tankstelle . Was sagen Sie zum Tankwart ?

Volltanken bitte \_\_\_\_\_  
KÖNNTEN SIE DIE SCHEIBEN WASCHEN ? \_\_\_\_\_  
KÖNNTEN SIE DEN REIFENDRUCK PRÜFEN \_\_\_\_\_  
KÖNNTEN SIE DAS ÖL NACHSEHEN ? \_\_\_\_\_  
ÖL NACHFÜLLEN? \_\_\_\_\_

113. Damit man einen Wagen fahren darf, muss man erst den....machen/haben

FÜHRERSCHEIN \_\_\_\_\_  
CARTEIRA DE MOTORISTA \_\_\_\_\_  
CARTEIRA DE HABILITAÇÃO \_\_\_\_\_

114. Bei welchen Verstössen gegen das Gesetz kann der Führerschein entzogen werden ?

BEI UNFÄLLEN \_\_\_\_\_  
BEI \_\_\_\_\_  
BEI \_\_\_\_\_

115. Waren Sie schon einmal bei einer Gerichtsverhandlung zugegen ?  
Was geschah da ?

116. Wie heisst der Beamte , der einer Gerichtsverhandlung vorsitzt ?

RICHTER \_\_\_\_\_  
JUIZ \_\_\_\_\_

117. Wer verteidigt den Angeklagten ?

ANWALT \_\_\_\_\_

ADVOGADO DE DEFESA \_\_\_\_\_

118. Wer klagt den Verbrecher an ?

ANWALT \_\_\_\_\_

STAATSANWALT \_\_\_\_\_

PROMOTOR PÚBLICO \_\_\_\_\_

119. Wir leben in einer sehr unruhigen Zeit . Welche Verbrechen werden hier in(...) häufig verübt ?

120. Wenn ein Kind geboren wird , wo muss man es in Brasilien anmelden , damit es die brasilianische Staatsangehörigkeit bekommt ?

STANDESAMT \_\_\_\_\_

NOTARIAT \_\_\_\_\_

CARTÓRIO \_\_\_\_\_

121. Wie heisst der Schein , den man dann bekommt ?

GEBURTSSCHEIN \_\_\_\_\_

GEBURTSURKUNDE \_\_\_\_\_

CERTIDÃO DE NASCIMENTO \_\_\_\_\_

122. Un wenn sich Leute verheiraten wollen, dann gehen Sie zum Standesamt und lassen sich...

TRAUEN \_\_\_\_\_

CASAR \_\_\_\_\_

123. Dann bekommen sie ein Papier , das ist der...

TRAUSCHEIN \_\_\_\_\_

CERTIDÃO DE CASAMENTO \_\_\_\_\_

104. Wenn jemand stirbt , geht man wieder zum Standesamt und meldet es. Dann bekommt man den...

TODESSCHEIN \_\_\_\_\_

STERBEZEUGNIS \_\_\_\_\_

CERTIDÃO DE ÓBITOS \_\_\_\_\_

105. Wenn man Land kauft oder verkauft , bekommt man vom Notariat den...

BESITZSCHEIN \_\_\_\_\_

ESCRITURA \_\_\_\_\_

#### 7.4 - ANEXO 4: os empréstimos lexicais do português no alemão de Jaraguá do Sul

Arq.: glossario

Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 1

26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
abacate	Abakat	017	subst	fruta
abacate	Abakate	046	subst	fruta
abacate	Apokat	004	subst	fruta
abacaxi	Abacaschi	029	subst	fruta
abacaxi	Bakaschi	004	subst	fruta
abatimento	Gemuetskrankheit	004	subst	saúde
abóbora	Abobora	020	subst	hortaliça
abóbora	Abobringa	012	subst	hortaliça
abóbora	Bratkuerbis	004	subst	hortaliça
abóbora	Kochkuerbis	004	subst	hortaliça
acelerador	Acelerador	004	subst	automóvel
acelerador	Gashebel	004	subst	automóvel
adultério	Ehebreche	008	subst	direito
advogado	Advogado	029	subst	direito
advogado	Advokat	033	subst	direito
advogado	Verteidiger	008	subst	direito
agrião	Agrião	042	subst	hortaliça
agricultor	Agrikultor	004	subst	profissão
agricultor	Knecht	004	subst	profissão
agricultor	Kolonist	062	subst	profissão
agricultor	Kolono	012	subst	profissão
agricultor	Landarbeiter	004	subst	profissão
aipim	Aibi	017	subst	hortaliça
aipim	Aipi	046	subst	hortaliça
aipim	Aipim	067	subst	hortaliça
aipo	Aipo	004	subst	hortaliça
alface	Alface	012	subst	hortaliça
alface	Salatkopf	004	subst	hortaliça
alfaiate	Alfagate	017	subst	profissão
alfaiate	Kosturero	004	subst	profissão
alfavaca	Bohnenkraut	004	subst	alimento
alfavaca	Fischkraut	004	subst	alimento
alho	Alho	012	subst	hortaliça
alho porró	grosser Knoblauch	004	subst	hortaliça
almofada	Stuhlkissen	004	subst	casa
almôndega	Klops	046	subst	alimento
alpiste	Alpista	008	subst	alimento
alpiste	Alpiste	067	subst	alimento
alpiste	Vogelfutter	025	subst	alimento
Alyssum	Moskitingo	004	subst	flores
Alyssum	Steinkraut	004	subst	flores
amarelão	Gelbsucht	004	subst	saúde
ameixa	Ameesche	020	subst	fruta
ameixa	Mispel	004	subst	fruta
amendoim	Amendoim	004	subst	fruta
amendoim	Mandavi	004	subst	fruta
amendoim	Mandovi	004	subst	fruta
amendoim	Mandubi	004	subst	fruta
amendoim	Nendoim	004	subst	fruta
amendoim	Menduvi	004	subst	fruta

Nota: A frequência foi calculada em relação ao total de 24 informantes

Arq.: glossario

Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 2

26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
amendoim	Mondabi	008	subst	fruta
amendoim	Mondebi	004	subst	fruta
amendoim	Nuss	042	subst	fruta
amora	Amora	017	subst	fruta
amora	Brombeere	025	subst	fruta
amora	Maulbeere	008	subst	fruta
ano novo	Neujahr	004	subst	festas
anta	Ante	004	subst	animal
antúrio	Anturie	004	subst	flores
aranha	Spange	004	subst	animal
araruta	Araruta	017	subst	alimento
araruta	Arat	004	subst	alimento
araruta	Arut	004	subst	alimento
araruta	Arutmehl	050	subst	alimento
área de serviço	Lavanderie	004	subst	casa
área de serviço	Plaettzimmer	008	subst	casa
área de serviço	Schuppen	004	subst	casa
área de serviço	Waschzimmer	020	subst	casa
armazém	Einkaufshaus	004	subst	compras
armazém	Geschaeft	004	subst	compras
arrombamento	Einbrechen	020	subst	direito
arroz doce	suesser Reis	004	subst	alimento
artrite	Artrite	004	subst	saúde
assado	Bratroehre	004	subst	alimento
assado	Gebratenes	008	subst	alimento
assassinato	Totschiessen	004	subst	direito
atropelamento	totfahren	004	subst	direito
atropelar	anfahren	004	verbo	direito
automóvel	Spazierwagen	004	subst	transporte
auxiliar escritório	Buerohelfer	004	subst	profissão
avisar	avisieren	017	verbo	expressão
avisar	Bescheid hinbringen	008	verbo	expressão
avisar	Bescheid sagen	029	verbo	expressão
avisar	Bescheid schicken	012	verbo	expressão
avisar	Rekado geben	008	verbo	expressão
avisar	rufen	008	verbo	expressão
avião	Luftschiff	004	subst	transporte
azaléia	Augustblume	004	subst	flores
azaléia	Azalie	004	subst	flores
azulão	Blaujack	004	subst	animal
baile do chope	Schoppenball	004	subst	festas
bala	Bala	017	subst	alimento
balsamina	Balsamine	008	subst	flores
balsamina	Fleissiges Lieschen	004	subst	flores
banana	Banana	025	subst	fruta
bandeja	Bandeja	037	subst	cozinha
bandeja	Pandeje	004	subst	cozinha
bandeja	Serviertablett	004	subst	cozinha
bandeja	Unterbreitter	004	subst	cozinha
banheiro	Badehaus	004	subst	casa

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL  
Português

Pag. 3  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
banheiro	Baderaum	004	subst	casa
banheiro	Benigero	004	subst	casa
barata	Barate	029	subst	animal
barbeiro	Barbero	012	subst	profissão
barbeiro	Barbier	017	subst	profissão
barbeiro	Haarschneider	050	subst	profissão
barbeiro	Rasierbarbero	004	subst	profissão
batata	Batata	083	subst	hortaliça
batata	Batate	020	subst	hortaliça
batata	Batatin	029	subst	hortaliça
batata	Patate	004	subst	hortaliça
batata	Porong	004	subst	hortaliça
batata doce	Batata Doce	020	subst	hortaliça
batata doce	Batata Doss	004	subst	hortaliça
batata doce	Batate	020	subst	hortaliça
batata doce	Suessbatat	033	subst	hortaliça
batata doce	Suesskartoffel	020	subst	hortaliça
batata frita	Fritas	004	subst	alimento
baunilha	Baunilge	004	subst	alimento
bebedeira	Suff	004	subst	festa
bentevi	Amsel	004	subst	animal
bentevi	Pentivi	008	subst	animal
bergamota	Bergamotte	008	subst	fruta
bergamota	Mandarine	012	subst	fruta
bergamota	Tangerine	079	subst	fruta
beringela	Beringela	062	subst	hortaliça
beterraba	Beterraba	012	subst	hortaliça
bico de papagaio	Papagaienschnabel	004	subst	flores
bife	Bihf	004	subst	alimento
bife	Bihfbraten	008	subst	alimento
biju	Biju	004	subst	alimento
biju	Frischebraten	004	subst	alimento
biscoito	Biskuit	004	subst	alimento
biscoito	Doesschen	004	subst	alimento
biscoito	Gebaeksel	012	subst	alimento
biscoito	Kringelchen	004	subst	alimento
biscoito	Pfefferstuten	004	subst	alimento
boca de leão	Loewenmaul	042	subst	flores
bolacha	Bolasche	004	subst	alimento
bolinho	kleine Kuchen	012	subst	alimento
bolinho	Kleinkuchen	004	subst	alimento
bolinho	Klops	008	subst	alimento
bolinho	Kuechelchen	004	subst	alimento
bolinho	Pfannkuchen	062	subst	alimento
bolo	Bolo	008	subst	alimento
bolo assado	Bratkuchen	004	subst	alimento
bolo de assadeira	Plattnkuchen	004	subst	alimento
bombom	Bonbon	091	subst	alimento
bombom	Schokoladenbonbon	004	subst	alimento
borrachudo	Boraschude	008	subst	animal

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 4  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
boteco	Boteko	004	subst	diversão
brigar	Schlacht haben	004	verbo	atividade
broa	Broa	008	subst	alimento
broa	Staerkekeks	008	subst	alimento
bronquite	Bronquite	004	subst	saúde
burlar	uebertreten	004	verbo	direito
butiá	Butia	046	subst	fruta
butiá	Putia	004	subst	fruta
cabide	Kabide	012	subst	vestuário
cabide	Zeugbuegel	004	subst	vestuário
caçarola	Brattopf	012	subst	cozinha
caçarola	Eisentopf	017	subst	cozinha
caçarola	Fleischtopf	029	subst	cozinha
caçarola	Gusstopf	004	subst	cozinha
caçarola	Kessel	004	subst	cozinha
caçarola	Pfanne	008	subst	cozinha
cachorro	Koeder	004	subst	animal
caderneta	Notenbuch	004	subst	compras
cafeteira	Bule	012	subst	cozinha
cafeteira	Kaffeekeessel	004	subst	cozinha
cafeteira	Kaffeetopf	004	subst	cozinha
cafeteira	Tuetenkeessel	004	subst	cozinha
caju	Kaju	020	subst	fruta
caju	Kayu	020	subst	fruta
calêndula	Ringelblume	004	subst	flores
calça	Pantalons	004	subst	vestuário
calça	Slacke	004	subst	vestuário
calça jeans	Algodonhose	004	subst	vestuário
calça jeans	Jeans	050	subst	vestuário
calça jeans	Stoffhose	001	subst	vestuário
camarão	Kamaron	033	subst	animal
camélia	Kamellien	004	subst	flores
caminhão	Kaminyon	070	subst	transporte
caminhão	Lieferwagen	004	subst	transporte
camionete	Kamionet	008	subst	transporte
camionete	Kombi	017	subst	transporte
camionete	Pick-up	004	subst	transporte
camisa	Kragenhemd	004	subst	vestuário
camiseta	Kamiseta	008	subst	vestuário
canastra	Kanastra	004	subst	diversão
caneca	Kaneke	025	subst	cozinha
caneca	Stotz	004	subst	cozinha
canela	Kaneel	012	subst	alimento
canela	Kanela	012	subst	alimento
canivete	Kanivete	012	subst	cozinha
canja	Reissuppe	004	subst	alimento
canjica	Gries	004	subst	alimento
canjica	Kanjika	054	subst	alimento
canoa	Kahn	012	subst	transporte
canoa	Kanoa	008	subst	transporte



Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL  
Português

Pag. 5  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
canoa	Kanoo	067	subst	transporte
canoa	Kanu	004	subst	transporte
capô	Kapoo	017	subst	automóvel
caqui	Kaki	025	subst	fruta
caqui	Kakii	075	subst	fruta
cará	Kara	062	subst	hortaliça
cará	Karaa	017	subst	hortaliça
carambola	Karambola	054	subst	fruta
carambola	Karambole	017	subst	fruta
carambola	Krambole	004	subst	fruta
carimbar	abstempeln	008	verbo	correio
carimbar	karimbieren	008	verbo	correio
carimbar	strucken	004	verbo	correio
carimbo	Karimbo	025	subst	correio
carne moída	falscher Hasen	004	subst	alimento
carne moída	gemahltes Fleisch	004	subst	alimento
carne moída	Hackpeter	004	subst	alimento
carne moída	Klopse	037	subst	alimento
carne moída	Klopsfleisch	004	subst	alimento
carne moída	Mahlfleisch	067	subst	alimento
carpinteiro	Karpintero	029	subst	profissão
carrinho de mão	Handwagen	008	subst	utensílio
carrinho de mão	Schiebkarre	012	subst	utensílio
carro de boi	Ochsenkarre	004	subst	transporte
carroça	Aranya	004	subst	transporte
carroça	Karrossa	004	subst	transporte
carroça	Kutsche	012	subst	transporte
carteira motorista	Karteere	020	subst	transporte
carteira motorista	Kartera Motorista	058	subst	transporte
cartório	Kartorio	075	subst	repartição
cartório	Registro Civil	008	subst	repartição
cartório	Schreiber	008	subst	repartição
cartório	Schreiberei	004	subst	repartição
casaco	Kittel	008	subst	vestuário
casaco	Rock	033	subst	vestuário
casaco	Wolljacke	004	subst	vestuário
casar	anmelden	004	verbo	repartição
casar	ziviltrauen	004	verbo	repartição
casar	zusammenschreiben	004	verbo	repartição
castanha do pará	Paranuss	004	subst	fruta
catapora	Katapora	008	subst	saúde
caxumba	Kaschumba	017	subst	saúde
caxumba	Ziegenpeter	020	subst	saúde
cebolinha	Gruene Zwiebel	004	subst	alimento
cebolinha	Gruenzwiebel	017	subst	alimento
cebolinha	Kleinzwiebel	004	subst	alimento
cebolinha	Schlauchzwiebel	004	subst	alimento
cebolinha	Zwiebelgruen	004	subst	alimento
cemitério	Cimiterio	004	subst	saúde
cemitério	Kirchhof	004	subst	saúde

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 6  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
cemitério	Totenhall	004	subst	saúde
cenoura	Gelbruebe	004	subst	hortaliça
centáurea	Kornblume	004	subst	flores
centeio	Schrot	008	subst	alimento
ceroula	Cerola	004	subst	vestuário
ceroula	Cerolon	004	subst	vestuário
cert casamento	Certidon Casamento	017	subst	repartição
cert casamento	Hochzeitsschein	008	subst	repartição
cert nascimento	Certidon Nassimento	012	subst	repartição
cert óbito	Mordschein	004	subst	repartição
cert óbito	Sterbezeugnis	004	subst	repartição
cert óbito	Totenschein	012	subst	repartição
cevada	Cevada	012	subst	alimento
chagas	Kapuzinerkresse	004	subst	flores
chaleira	Topf	025	subst	cozinha
charque	Geraeuchertes	004	subst	alimento
charque	KaneseK	008	subst	alimento
charque	KarneseKa	017	subst	alimento
charque	Raeucherfleisch	008	subst	alimento
charque	Sohle	004	subst	alimento
chicória	Schikoria	025	subst	hortaliça
chinelo	Hausschuhe	004	subst	vestuário
chinelo	Schinelo	008	subst	vestuário
chinelo de dedo	Zehschlappen	004	subst	vestuário
chocolate	Schokolade	029	subst	alimento
chuchu	Maschisschen	008	subst	hortaliça
chuchu	Maschuetse	029	subst	hortaliça
chuchu	Maschusche	004	subst	hortaliça
chuchu	Schuschu	017	subst	hortaliça
churrasco	Espeto Korido	008	subst	alimento
churrasco	Fleisch	004	subst	alimento
churrasco	Fleisch auf Grelja	004	subst	alimento
churrasco	Grill	004	subst	alimento
churrasco	Schurraske	008	subst	alimento
churrasco	Spießbraten	058	subst	alimento
chuva de ouro	Goldregen	004	subst	flores
chuva de ouro	Goldwind	004	subst	flores
cinerária	Aschen	004	subst	flores
cinerária	Greiskraut	004	subst	flores
cipó	Zipopflanze	004	subst	planta
coalhada	Kaes	017	subst	alimento
coalhada	Kaes'schmier	008	subst	alimento
coalhada	Kaese	037	subst	alimento
coalhada	Kochkaese	012	subst	alimento
coalhada	Krinkaese	004	subst	alimento
coalhada	Quarkkaese	004	subst	alimento
coalhada	Schmierkaese	004	subst	alimento
coalhada	weisser Kaese	008	subst	alimento
coalhada	Weisskaese	004	subst	alimento
coati	Koati	004	subst	animal

Arq.: glossario  
Report: JARAGUÁ DO SUL  
Português

Pag. 7  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
coati	Waschbaer	004	subst	animal
colcha	Ueberdecke	004	subst	rouparia
colchão	Strohsack	033	subst	rouparia
colher de cafezinho	Kafesinyoloeffel	004	subst	cozinha
colher de chá	Kleinloeffel	004	subst	cozinha
colono	Kolonist	004	subst	profissão
colégio	Kolegio	004	subst	atividade
colégio	Kolleg	012	subst	atividade
compota	suesse Suppe	004	subst	alimento
confeitaria	Zuckerbaeckerei	004	subst	compras
congelador	Fraser	025	subst	cozinha
congelador	Friserschrank	004	subst	cozinha
congelador	Gefrierraum	004	subst	cozinha
construtor	Baumann	004	subst	profissão
construtor	Engenger	004	subst	profissão
construtor	Fachmann	004	subst	profissão
construtor	Konstrutor	004	subst	profissão
conta da luz	Lichtgeld	004	subst	banco
copa	Esskueche	004	subst	casa
copa	Gute Stube	004	subst	casa
copa	Kopa	008	subst	casa
copa	Speisezimmer	004	subst	casa
copa	Wohnkueche	004	subst	casa
correio	Korreo	008	subst	correio
corruíra	Baratenvogel	008	subst	animal
corruíra	Sperling	020	subst	animal
corruíra	Zaunkoenig	004	subst	animal
cortina	Kortine	004	subst	casa
costurar	kosturieren	004	verbo	vestuário
costureira	Kostureira	017	subst	profissão
costureira	Naeherin	008	subst	profissão
costureira	Naehfrau	004	subst	profissão
couve	Blaetterkohl	004	subst	hortaliça
couve	Blattkohl	046	subst	hortaliça
couve	Butterkohl	004	subst	hortaliça
couve	Kohlblatt	004	subst	hortaliça
couve rábano	Kohlruebe	012	subst	hortaliça
cozinheira	Kocherin	004	subst	profissão
cozinheira	Kochfrau	004	subst	profissão
cozinheiro	Kocher	004	subst	profissão
cravina	Hedwigsnelke	012	subst	flores
cravo	Maiblume	004	subst	flores
criador	Viehzuechter	004	subst	profissão
crisântemo	Chrisantem	004	subst	flores
crisântemo	Christantemum	012	subst	flores
crisântemo	Kronenmargrite	004	subst	flores
crisântemo	Wucherblume	004	subst	flores
crjsta de galo	Hahnenkamm	020	subst	flores
cuca	Kucka	012	subst	alimento
cuidar das crianças	aufpassen helfen	004	verbo	atividade

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 8  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
cuidar das crianças	die Kinder besorgen	012	verbo	atividade
cutia	Goldhase	004	subst	animal
câncer	Kancer	004	subst	saúde
dedaleira	Fingerhut	004	subst	flores
dente-de-leão	Butterblume	004	subst	flores
depositar	anlegen	004	verbo	banco
depositar	depositieren	054	verbo	banco
depositar	hinbringen	020	verbo	banco
depositar	hintun	004	verbo	banco
descontar cheque	einwechseln	004	verbo	banco
despensa	Anbau	004	subst	casa
despensa	Despensa	025	subst	casa
despensa	Esskammer	004	subst	casa
despensa	Raumkammer	004	subst	casa
despensa	Speisekammer	020	subst	casa
despensa	Vorratzszimmer	004	subst	casa
despensa	Warenkammer	004	subst	casa
dia do município	Gruendenerfest	004	subst	festas
difteria	Difteritis	008	subst	saúde
direção	Lenker	004	subst	automóvel
direção	Lenkstange	004	subst	automóvel
doce	Gebaecksel	012	subst	alimento
dor de ouvido	Ohrreissen	008	subst	saúde
duplicata	Duplikate	004	subst	banco
empregada	Empregada	008	subst	profissão
empregada	Haushilfe	004	subst	profissão
empregada	Hausmaedchen	004	subst	profissão
empregada	Magd	004	subst	profissão
encanador	Stellmacher	004	subst	profissão
enfermeiro	Enfermeero	025	subst	profissão
enfermeiro	Krankenwaerter	008	subst	profissão
enfermeiro	Pflege	004	subst	profissão
enfermeiro	Pfleger	004	subst	profissão
engrossar	verdicken	004	verbo	alimento
envelope	Kouvert	096	subst	correio
erva cidreira	Bienenkraut	004	subst	alimento
ervilha	Erwile	020	subst	hortaliça
ervilha de cheiro	Edelwicke	004	subst	flores
esconder-esconde	Versteck	008	subst	diversão
esconde-esconde	Verstecken	004	subst	diversão
escorredor	Grade	017	subst	cozinha
escorredor	Sieb	004	subst	cozinha
escritura	Eskritura	033	subst	repartição
escritura	Landpapiere	054	subst	repartição
escritura	Landumschreiben	004	subst	repartição
escritura	Landverschreibung	008	subst	repartição
escritura	Registrierung	004	subst	repartição
escritura	Skritura	004	subst	repartição
esfregar a roupa	Schrubben	004	verbo	limpeza
esfregar o chão	reinigen	004	verbo	limpeza

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL  
Português

Pag. 9  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
esfregar o chão	aufwaschen	004	verbo	limpeza
esfregar o chão	putzen	033	verbo	limpeza
esfregar o chão	scheiren	004	verbo	limpeza
esfregar o chão	spuelen	017	verbo	limpeza
espinafre	Espinafre	025	subst	hortaliça
espremedor	Espremedor	020	subst	cozinha
estação	Schaltjahr	008	subst	clima
esterlitzia	Strelizien	004	subst	flores
faca de pão	Brotschneidmesser	004	subst	cozinha
facão	Schlachtmesser	067	subst	cozinha
farinha de mandioca	Aibimehl	004	subst	alimento
farinha de mandioca	Aipimehl	008	subst	alimento
farinha de mandioca	Farin	062	subst	alimento
farinha de mandioca	Mandiokamehl	004	subst	alimento
farinha de mandioca	Mandiokfarin	004	subst	alimento
farinha de mandioca	Mehl	008	subst	alimento
farinha de trigo	Weissenmehl	020	subst	alimento
farinha de trigo	Weissmehl	004	subst	alimento
farinha de trigo	Weizen	012	subst	alimento
farmacêutico	Farmaceutiko	020	subst	profissão
farofa	Farin	020	subst	alimento
farofa	Farofa	054	subst	alimento
farofa	Farofe	012	subst	alimento
farofa	gebratenen Farin	004	subst	alimento
faxineira	Diarista	033	subst	profissão
faxineira	Hausmaedchen	004	subst	profissão
feijoada	Bohnensuppe	004	subst	alimento
fermento	Fermento	012	subst	alimento
fermento	Feuchthefer	004	subst	alimento
fermento	Trockenhefer	004	subst	alimento
ferreiro	Dreher	004	subst	profissão
ferreiro	Ferrero	025	subst	profissão
festa do chope	Schoppfest	008	subst	festas
figo	Figo	012	subst	fruta
fogão	Backofen	004	subst	cozinha
fogão	Feuerherd	004	subst	cozinha
fogão	Fogon	008	subst	cozinha
fogão	Gasplatte	004	subst	cozinha
fogão	Holzplatte	004	subst	cozinha
fogão	Ofen	025	subst	cozinha
fogão	Platte	012	subst	cozinha
formatura	Formatura	004	subst	festas
fósforo	Figer	004	subst	cozinha
framboesa	Framboesa	008	subst	fruta
frango	Frangofleisch	004	subst	alimento
frigideira	Frigidere	004	subst	cozinha
frios	Frios	004	subst	alimento
fronha	Fronya	017	subst	rouparia
fronha	Oberkissen	004	subst	rouparia
fruta do conde	Anona	020	subst	fruta

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 10  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
fruta do conde	Fruta do Conde	012	subst	fruta
fruta do conde	Passbeere	004	subst	fruta
gafanhoto	Grashuepfer	004	subst	animal
garoa	Nesselregen	004	subst	clima
garoa	Niesel	004	subst	clima
garoa	Schmierregen	008	subst	clima
garoa	Schmierwetter	008	subst	clima
garoa	Seeregen	004	subst	clima
garoar	nieseln	008	verbo	clima
garrafa térmica	Termika	033	subst	cozinha
garrafa térmica	Termikaflasche	008	subst	cozinha
garrafa térmica	Waermflasche	008	subst	cozinha
geada	Gefrost	004	subst	clima
gear	frieren	017	verbo	clima
geladeira	Eisschrank	087	subst	cozinha
geladeira	Geladera	008	subst	cozinha
gelatina	Gelatina	054	subst	alimento
geléia	Geleia	004	subst	alimento
gemada	Gemade	004	subst	alimento
gérbera	Gerbera	012	subst	flores
gérbera	Gerbra	012	subst	flores
gérbera	Koenigsmargerite	004	subst	flores
goiaba	Goiaba	029	subst	fruta
goiaba	Goiabe	025	subst	fruta
goiaba	Guiabe	004	subst	fruta
goiaba	Koiabe	008	subst	fruta
goivo	Levkoje	004	subst	flores
goivo	Nifkoye	004	subst	flores
grampo de roupa	Zeugklammer	004	subst	limpeza
granizo	Eis	004	subst	clima
granizo	Graniso	012	subst	clima
granizo	Steinregen	004	subst	clima
grelha	Grelja	004	subst	cozinha
grilo	Trille	004	subst	animal
guaraxaim	Kampfuchs	008	subst	animal
guarda-roupa	Waescheschrank	008	subst	vestuário
guardanapo	Guardanapo	054	subst	rouparia
guardanapo	Mundtuch	008	subst	rouparia
guardanapo	Putztuch	004	subst	rouparia
hemorróides	Hemorritten	004	subst	saúde
inhame	Fotarruebe	004	subst	hortaliça
inhame	Iam	004	subst	hortaliça
inhame	Japanerknolle	004	subst	hortaliça
inhame	Yama	004	subst	hortaliça
inhame	Yamah	012	subst	hortaliça
inhame	Yamiknolle	004	subst	hortaliça
intoxicação	Intoksikasson	004	subst	saúde
jabuticaba	Jabutikaba	075	subst	fruta
jabuticaba	Jabutikabe	004	subst	fruta
jabuticaba	Jabutikava	004	subst	fruta

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 11  
26/10/88

Português	Alemão	Freq	Class	Assunto
jacu	Schaku	012	subst	animal
jaguatirica	Tigerkatze	017	subst	animal
jogo de bocha	Botschabahn	004	subst	diversão
juiz	Juiss	033	subst	direiro
juiz	Rechtsnrichter	033	subst	direito
jurados	Jurados	054	subst	fineito
jurados	Juri	008	subst	direito
jurados	Verschworene	008	subst	direito
lagartixa	Lagartische	004	subst	animal
laranja	Larange	017	subst	fruta
laranja	Laranja	008	subst	fruta
lata	Lata	012	subst	cozinha
lata	Latte	067	subst	cozinha
lata	Plastikpott	004	subst	cozinha
lata	Pott	008	subst	cozinha
lata	Tuete	008	subst	cozinha
lata de lixo	Abfall-Latte	008	subst	limpeza
lata de lixo	Abfallkeste	004	subst	limpeza
lata de lixo	Abgrund	004	subst	limpeza
lata de lixo	Kehrrichteimer	017	subst	limpeza
lata de lixo	Lischo	029	subst	limpeza
lata de lixo	Lischoeimer	004	subst	limpeza
lata de lixo	Lischokasten	004	subst	limpeza
lata de lixo	Lischokeste	004	subst	limpeza
lata de lixo	Lischolatte	012	subst	limpeza
lata de lixo	Lischosack	004	subst	limpeza
lata de lixo	Lischoschachtel	004	subst	limpeza
lata de lixo	Lischotonne	004	subst	limpeza
lata de lixo	Muell-Lata	004	subst	limpeza
lata de lixo	Plastikosack	004	subst	limpeza
lata de lixo	Schneemeimer	004	subst	limpeza
lavabo	Lavabo	004	subst	casa
lavadeira	Lavadeira	004	subst	profissão
leiteira	Leiteere	004	subst	alimento
lencol	Deckenbezug	004	subst	rouparia
lencol	Lensoil	025	subst	rouparia
lencol	Unterbett	004	subst	rouparia
lima	Lime	008	subst	fruta
lima	Limone	008	subst	fruta
limao	Limon	012	subst	fruta
limão	Limone	029	subst	fruta
limonada	Zitronenwasser	004	subst	alimento
limonada	Zitronwasser	004	subst	alimento
liquidificador	Likidifikador	075	subst	cozinha
liquidificador	Mixer	008	subst	cozinha
lista	Relation	004	subst	compras
louro	Laubblatt	004	subst	alimento
macarrão	Makaronade	008	subst	alimento
macarrão	Spaetzchen	017	subst	alimento
macarrão	Spaetzle	017	subst	alimento

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 12  
26/10/88

Português	Alemão	Freq	Class	Assunto
machucado	maschukiert	004	adj	saúde
machucado	Wehtun	004	subst	saúde
maisena	Maisene	004	subst	alimento
maisena	Maispulver	004	subst	alimento
malária	Gelbfieber	004	subst	saúde
malária	Malariaenfieber	004	subst	saúde
mamão	Mamong	004	subst	fruta
mamão	Mamão	075	subst	fruta
mandioca	Mandioka	020	subst	hortaliça
manga	Manga	042	subst	fruta
marceneiro	Marcenero	017	subst	profissão
marceneiro	Moebelbauer	004	subst	profissão
margarina	Margarina	012	subst	alimento
marmelo	Mamelle	025	subst	fruta
marmelo	Marmelo	017	subst	fruta
marreco	Halbschlag	004	subst	animal
marreco	Narrekon	004	subst	animal
maçã	Massan	020	subst	fruta
mecânico	Mekaniko	017	subst	profissão
médico	Doktor	008	subst	profissão
meias	Mannstruempfe	004	subst	vestuário
melado	Melade	029	subst	alimento
melado	Melado	008	subst	alimento
meningite	Meningite	004	subst	saúde
mico preto	Miko	004	subst	diversão
mingau	Mingau	004	subst	alimento
mingau	suesser Brei	004	subst	alimento
miosótis	fleissiger Heinrich	004	subst	flores
miosótis	Vergissmeinnicht	029	subst	flores
molho de sobremesa	Sobremesasosse	004	subst	alimento
moranga	Esskuerbis	004	subst	hortaliça
moranga	Moranga	025	subst	hortaliça
moranga	Morange	008	subst	hortaliça
moranga	Moranke	004	subst	hortaliça
morango	Erdbia	004	subst	fruta
morango	Morango	020	subst	fruta
morango	Moranke	004	subst	fruta
mormaço	Hitzewelle	004	subst	clima
mosquito	Lnagbein	004	subst	animal
mosquito	Moskite	012	subst	animal
mosquito	Moskito	083	subst	animal
motocicleta	Motto	008	subst	transporte
motorista caminhão	Kraftfahrer	008	subst	profissão
motorista caminhão	Motorist	004	subst	profissão
motorista caminhão	Kamionschoffeur	004	subst	profissão
motorista caminhão	Frachtfahrer	004	subst	profissão
motorista ônibus	Schoffeur	087	subst	profissão
motorista ônibus	Busfuehrer	004	subst	profissão
mudança	Schalter	008	subst	automóvel
nabo	Nabo	017	subst	hortaliça



Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL  
Português

Pag. 13  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
nata	Nate	004	subst	alimento
navio	Dampfer	004	subst	transporte
navio	Navio	008	subst	transporte
neblina	Rauch	004	subst	clima
neblina	Serrasson	004	subst	clima
néspera	Mespel	004	subst	fruta
néspera	Nispel	050	subst	fruta
neve	Newe	008	subst	clima
nhoque de batata	Batatenkloesse	008	subst	alimento
noz	Nos	017	subst	fruta
noz	Wallnuss	025	subst	fruta
nublado	benebelt	025	adj	clima
oleiro	Olero	004	subst	profissão
olho de vaca	Grossmutteraugen	004	subst	flores
ônibus	Onibus	004	subst	transporte
onze horas	Elfuhrblume	004	subst	flores
onze horas	Liebeshainblume	004	subst	flores
onze horas	Mittagsblume	004	subst	flores
onze horas	Portulak	004	subst	flores
onça	Tiger	042	subst	animal
orvalho	Nebel	012	subst	clima
orvalho	Orvalyo	017	subst	clima
outono	Otono	008	subst	clima
ovo com açúcar	Zuckerei	020	subst	alimento
ovo cozido	gebruetes Ei	012	subst	alimento
ovo frito	gebratenes Ei	100	subst	alimento
ovo mechido	Eibraten	017	subst	alimento
paca	Paka	017	subst	animal
padaria	Baecker	033	subst	compras
pamonha	Maisbacken	004	subst	alimento
panela	Tippe	004	subst	cozinha
panela de pressão	Dampftopf	004	subst	cozinha
panela de pressão	Drucktopf	004	subst	cozinha
panela de pressão	Pressontopf	004	subst	cozinha
pano de louça	Abtrockentuch	012	subst	cozinha
pano de louça	Abtrocklappen	004	subst	cozinha
pano de louça	Geschirrhandtuch	004	subst	cozinha
pano de louça	Lumpen	004	subst	cozinha
pano de louça	Trockentuch	046	subst	cozinha
pão branco	Weissbrot	033	subst	alimento
pão branco	Weizenbrot	004	subst	alimento
pão d'água	Wasserbrot	017	subst	alimento
pão da padaria	Baeckerbrot	012	subst	alimento
pão de alpim	Alpibrot	004	subst	alimento
pão de batata	Batatenbrot	008	subst	alimento
pão de batata	Brot mit Bataten	004	subst	alimento
pão de milho	Brot mit Fubá	004	subst	alimento
pão de milho	Milbrot	004	subst	alimento
pão de mistura	Mischbrot	029	subst	alimento
pão de mistura	Misturabrot	004	subst	alimento

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 14  
26/10/88

Português	Alemão	Freq	Class	Assunto
parabrisa	Parabrise	004	subst	automóvel
parabrisa	Schutzglas	004	subst	automóvel
parachoque	Paraschock	008	subst	automóvel
paralama	Schutzblech	008	subst	automóvel
paralisia	Starrkrampf	004	subst	saúde
pardal	Dachspatzen	004	subst	animal
pato	Patte	012	subst	animal
pato assado	Entenbraten	004	subst	alimento
pato recheado	ausgefüellte Ente	004	subst	alimento
pato recheado	gefüellte Patte	004	subst	alimento
pavão	Pavon	004	subst	animal
pazinha	Dreckschaufel	004	subst	limpeza
pazinha	Fegeblech	004	subst	limpeza
pazinha	Harche	004	subst	limpeza
pazinha	Kehrbrett	004	subst	limpeza
pazinha	Kehrichtschaufel	004	subst	limpeza
pazinha	Kehrschaufel	042	subst	limpeza
pazinha	Pasinga	008	subst	limpeza
pedreiro	Handlanger	004	subst	profissão
pedreiro	Pedrero	029	subst	profissão
pepino	Goike	004	subst	hortaliça
pepino	Gurg	004	subst	hortaliça
periquito	Perikit	037	subst	animal
peru	Peru	025	subst	animal
pêssego	Pessego	008	subst	fruta
phox	Flaminenblume	004	subst	flores
pia	Abwaschtisch	075	subst	cozinha
pia	Pia	041	subst	cozinha
pia	Waschwanne	004	subst	cozinha
picolé	Fruchteis	004	subst	alimento
picolé	Pikolee	070	subst	alimento
pife-pafe	Piff-Paff	004	subst	diversão
pimenta	Gewuerz	008	subst	alimento
pimenta	Pimenta	017	subst	alimento
pimenta	roter Pimenta	004	subst	alimento
pimentão	Paprik	004	subst	hortaliça
pimentão	Pimenton	058	subst	hortaliça
pinhão	Pinie	008	subst	fruta
pinhão	Pinienkorn	004	subst	fruta
pinhão	Pinyon	054	subst	fruta
pipoca	Pipokamais	017	subst	alimento
pipoca	Poksmais	004	subst	alimento
pirão	Bohnenpiron	004	subst	alimento
pirão	Farin	004	subst	alimento
pirão	Kliebensoss	004	subst	alimento
pirão	Piron	079	subst	alimento
pirão	Pirong	004	subst	alimento
pirão	Pyree	008	subst	alimento
pires	Unterteller	042	subst	cozinha
pitanga	Kespe	004	subst	fruta

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL  
Português

Pag. 15  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
pitanga	Pitanga	058	subst	fruta
polenta	Polende	004	subst	alimento
polenta	Polenta	012	subst	alimento
polenta	Polente	008	subst	alimento
poltrona	Korbmoebel	008	subst	casa
polvilho	Aibimehl	004	subst	alimento
polvilho	Polvilho	033	subst	alimento
por de molho	loesen	004	verbo	limpeza
porta-mala	Gepaeckhaube	004	subst	automóvel
porta-mala	Portamal	004	subst	automóvel
porta-mala	Portamala	004	subst	automóvel
poupar	aufheben	004	verbo	banco
poupar	Popanza machen	004	verbo	banco
pregar um botão	anmachen	004	verbo	vestuário
pregar um botão	stopfen	004	verbo	vestuário
primavera	Primavera	012	subst	clima
procuração	Prokurasson	058	subst	repartição
promotor	Anklageadvokat	004	subst	direito
promotor	Anklager	004	subst	direito
promotor	Promotor	067	subst	direito
pudim	Flan	004	subst	alimento
quarador	Bleichstelle	004	subst	limpeza
quarto de hóspedes	Fremdenzimmer	004	subst	casa
quente-frio	Heiss und Warm	004	subst	diversão
quermesse	Kirchenfest	004	subst	festas
rabanete	Rabanete	008	subst	hortaliça
rainúnculos	Ranunkel	004	subst	flores
rato	Ratte	087	subst	animal
remendar	reparieren	004	verbo	vestuário
remendar	zunaehen	008	verbo	vestuário
repolho	Koppkohl	004	subst	hortaliça
repolho	Krautsalat	004	subst	hortaliça
repolho	Repolvo	012	subst	hortaliça
repolho	Weisskohl	004	subst	hortaliça
requerer	Antrag machen	004	verbo	repartição
requerimento	Rekeriment	017	subst	repartição
requerimento	Rekerimento	020	subst	repartição
retirada	Retirada	004	subst	banco
retirar	abholen	004	verbo	banco
retirar	abnehmen	008	verbo	banco
retirar	rausholen	004	verbo	banco
retirar	rausnehmen	008	verbo	banco
roça de aipim	Aipimrossa	004	subst	alimento
roçar	rossieren	008	verbo	atividade
roçar	rossen	008	verbo	atividade
rolinha	Erdbaube	004	subst	animal
romã	Roman	017	subst	fruta
rosca de polvilho	Gomaroske	004	subst	alimento
rosca de polvilho	Karoschen	008	subst	alimento
rosca de polvilho	Karuschen	004	subst	alimento

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL  
Português

Pag. 16  
23/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
rosca de polvilho	Roska	020	subst	alimento
rosca de polvilho	Roske	008	subst	alimento
rubéola	Frieseln	012	subst	saúde
rubéola	Roedeln	004	subst	saúde
sabão	eingekochte Schweineseife	004	subst	limpeza
sabão	Schwinsep	004	subst	limpeza
sabão	Waschseife	008	subst	limpeza
sabão em pó	Seifenpulver	033	subst	limpeza
sabiá	Drossel	025	subst	animal
sabiá	Sabiaa	050	subst	animal
sagu	Aipimsagu	004	subst	alimento
sagu	Sago	008	subst	alimento
sagu	Sagu	004	subst	alimento
sagu	Weinsago	004	subst	alimento
sagu	Zagu	008	subst	alimento
saia	Saia	008	subst	vestuário
sal amoníaco	Hirschensalz	004	subst	alimento
sala de televisão	TV-Zimmer	008	subst	casa
sala de visita	Besuchstube	008	subst	casa
sala de visita	Besuchszimmer	033	subst	casa
sala de visita	Gute Stube	008	subst	casa
salada	Salade	042	subst	alimento
salada de batata	Maionese	046	subst	alimento
samambaia	Samambaia	029	subst	planta
sandálias	Sandalia	012	subst	vestuário
sandálias	Gommerschuh	004	subst	vestuário
sanduche	Sandwisch	004	subst	alimento
sapo	Kunte	004	subst	animal
sarampo	Sarampo	029	subst	saúde
selo	Selo	075	subst	correio
sempre viva	Strohblume	004	subst	flores
sequestrar	sequestrieren	004	verbo	direito
serralheiro	Serralgero	012	subst	profissão
sete de Setembro	Nationaltag	004	subst	festas
shorts	Schorts	004	subst	vestuário
soja	Soja	046	subst	alimento
soja	Soje	004	subst	alimento
sorvete	Eistopf	004	subst	alimento
sorvete	Kanudo	004	subst	alimento
sorvete	Kaskinga	025	subst	alimento
sorvete	Sorvete	075	subst	alimento
sorvete	Tube	004	subst	alimento
sorvete	Sorvetetopf	004	subst	alimento
sorvete	Eiskanudo	004	subst	alimento
soutien	Bueskunhalter	004	subst	vestuário
suco de frutas	Refresko	004	subst	alimento
suco de laranja	Larangesaft	004	subst	alimento
suco de laranja	Laranschada	004	subst	alimento
suco de laranja	Larangensaft	004	subst	alimento
suco de laranja	Suko	004	subst	alimento

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 17  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
suco de uva	Traubenwein	004	subst	alimento
supermercado	Supermerkado	037	subst	compras
taia	laia	046	subst	hortaliça
tamanco	Holz pantoffel	004	subst	vestuário
tamanco	Holz tamanke	004	subst	vestuário
tanque de roupa	Bassin	029	subst	limpeza
tanque de roupa	Tank	020	subst	limpeza
tanque de roupa	Trog	029	subst	limpeza
tanque de roupa	Waeschetank	004	subst	limpeza
tanque de roupa	Waschbasseng	008	subst	limpeza
tanque de roupa	Waschbassin	004	subst	limpeza
tanque de roupa	Waschtank	008	subst	limpeza
tanque de roupa	Waschtrog	042	subst	limpeza
tanque de roupa	Wassertank	004	subst	limpeza
tapete	Karpett	004	subst	casa
tapete	Tapete	004	subst	casa
targete	Studentenblume	004	subst	flores
tatu	Bratroehre	004	subst	alimento
tatu	Kikeltier	004	subst	animal
televisão	Tevee	067	subst	diversão
televisão	Television	037	subst	diversão
tempero verde	Gewuerzkraut	004	subst	alimento
temporal	Gewitterguss	004	subst	clima
temporal	Gewitterregen	008	subst	clima
temporal	Gewitterung	004	subst	clima
temporal	Platzregen	008	subst	clima
temporal	Regenguss	008	subst	clima
temporal	Wolkenbruch	008	subst	clima
tico-tico	Zopfsperling	004	subst	animal
tigela	Pott	004	subst	cozinha
tigela	Terrine	004	subst	cozinha
tijolo	Mauerstein	004	subst	construção
tiro ao alvo	Koenigschiessen	004	subst	diversão
tiro ao alvo	Windbuechse	004	subst	diversão
toalha de banho	Trockentuch	008	subst	rouparia
toalha de mãos	Gesichtstuch	008	subst	rouparia
toalha de mãos	Trockentuch	008	subst	rouparia
torneira	Kran	025	subst	cozinha
torneira	Krane	004	subst	cozinha
torneira	Torneera	046	subst	cozinha
torneira	Torneere	004	subst	cozinha
torneira	Wasserkran	012	subst	cozinha
tosse	Stickhusten	008	subst	saúde
transferir	umschreiben	020	verbo	repartição
travesseiro	Kessen	004	subst	rouparia
travesseiro	Koppkissen	004	subst	rouparia
trepadeira	Trepadeere	004	subst	planta
tribunal	Juri	004	subst	direito
trigo	Trigo	004	subst	alimento
uru	Uru	012	subst	animal

Arq.: glossario  
Report: JARAGUA DO SUL

Pag. 18  
26/10/88

Português	Alemão	Frq	Class	Assunto
urubu	Aasgaier	017	subst	animal
urubu	Habicht	008	subst	animal
uva	Trauben	012	subst	fruta
uva	Uva	012	subst	fruta
uva	Wein	020	subst	fruta
vagem	Feijão de Vara	004	subst	hortaliça
vagem	gruene Bohne	012	subst	hortaliça
vagem	Schnittbohne	004	subst	hortaliça
vagem	Stangenbohne	058	subst	hortaliça
varal	Warall	017	subst	limpeza
varanda	Puschado	004	subst	casa
varanda	Terrasse	008	subst	casa
varanda	Varande	012	subst	casa
varanda	Varandon	004	subst	casa
venda	Wende	004	subst	compras
ventar	winden	017	verbo	clima
ver as noticias	Nachrichten sehen	004	verbo	diversão
ver novela	Mäerchen sehen	004	verbo	diversão
ver novela	Novella sehen	004	verbo	diversão
ver televisão	Televisão hoeren	004	verbo	diversão
ver televisão	Televisão sehen	025	verbo	diversão
ver televisão	TV gucken	017	verbo	diversão
ver televisão	TV kucken	004	verbo	diversão
violeta	Stubenveilchen	004	subst	flores
xadrez	Schadres	004	subst	diversão
xícara	Schale	004	subst	cozinha
zorrilho	Stinktief	004	subst	animal

8 - BIBLIOGRAFIA

- AMMON, Ulrich; KNOOP, Ulrich & RADTKE, Ingulf. Grundlagen einer dialektorientierte Sprachdidaktik; theoretische und empirische Beiträge zu einem vernachlässigten Schulproblem. Weinheim e Basel, Beltz Verlag, 1978.
- AMMON, Ulrich. Schulschwierigkeiten von Dialektsprechern. Weinheim e Basel, Beltz Verlag, 1978.
- ARONOFF, Mark. Word formation in generative grammar. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1976.
- BARANOW, Ulf G. von. Zur Literatur über das Deutsche als Einwanderersprache in Brasilien. In: Städten-Jahrbuch. Instituto Hans Staden, São Paulo, 20:127-43, 1972.
- BARTH, Fredrik. Ethnik groups and boundaries; the social organisation of cultural difference. Boston, Little & Brown, 1969.
- BASÍLIO, Margarida. Teoria lexical. São Paulo, Ática, 1987. (Série Princípios, 88).
- BEHARES, Luis Ernesto. El bilingüismo en América del Sur: sus especificidades y su inserción en el processo general latinoamericano. In: ANAIS DO VI ENCONTRO DE ESTUDOS DO BILINGÜISMO E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA REGIÃO SUL. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1987. p. 1-25.
- BELL, Roger T.. Sociolinguistics; goals, approaches and problems. London, Batsford, 1976.
- BLOM, J. P. & GUMPERZ, John. Social meaning in linguistic structure: code switching in Norway. In: GUMPERZ, J. & HYMES, Dell. Directions in sociolinguistics. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1972. p.407-34.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The urbanization of rural dialect speakers; a sociolinguistic study in Brazil. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- BOSSMANN, Reinhold. Do linguajar teuto-brasileiro. In: Jornal de Filologia. São Paulo, Saraiva, 2(2):134-49, abr.-jun. 1954.
- BUENO, Francisco da Silveira. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. São Paulo, Lisa, 1988. v.4, p. 2025.
- CAMARGO, Pedro Pablo. La problemática mundial de los derechos humanos. Bogotá, Universidade la Gran Colombia, 1974.
- CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. Dialectology. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- CLYNE, Michael. Perspectives on language contact; based on a study of German in Australia. Melbourne, The Hawthorn Press, 1972.
- COHEN, Andrew D. A sociolinguistic approach to bilingual education; experiment in the American Southwest. Rowley, Massachussetts, Newbury, 1975.
- DEKKER, Ingeburg et alii. Relatório do projeto de estudos do bilingüismo nas áreas de colonização alemã em Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 1988.
- DITTMAR, Norbert. Soziolinguistik; exemplarische und kritische Darstellung ihrer Theorie, Empirie und Anwendung. Frankfurt, Athenäum, 1976.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de lingüística. São Paulo, Cultrix, 1978.
- DORIAN, Nancy C.. Language death; the life cycle of a Scottish Gaelic Dialect. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1981.



- ENTRES, Gottfried (org.). Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catarina. Florianópolis, Livraria Central-Alberto Entres & Ir-mão, 1929.
- FAUSEL, Erich. Die deutschbrasilianische Sprachmischung; Probleme, Vorgang und Wortbestand. Berlin, Erich Schmidt Verlag, 1959.
- FERGUSON, Charles A. Diglossia. IN: GIGLIOLI, P. P.. Language and social context. London, Penguin, 1972.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- FISHMAN, Joshua A. (org.). Readings in the sociology of language. The Hague, Mouton, 1968.
- FISHMAN, Joshua A.. The historical and social context of an inquiry into language maintenance efforts. In: FISHMAN, J.. Language loyalty in the United States. The Hague, Mouton, 1966. p.21-33.
- FISHMAN, Joshua A.. The sociology of language; an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, Massachusetts, Newsbury House Publishers, 1972.
- FISHMAN, J. A.. Language and ethnicity. In: GILES, Howard. Language, Ethnicity and intergroup relations. London, Academic Press, 1977. p. 15-57.
- GAL, Susan. Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria. In: SANKOFF, David. Linguistic variation; models and methods. New York, Academic Press, 1978.
- GAL, Susan. Language shift; social determinants of linguistic change in bilingual Austria. New York, Academic Press, 1979.
- GALLOWAY, Linda. Études cliniques et expérimentales sur la répartition hémisphérique du traitement cérébral

du langage chez les bilingues: modèles théoriques.  
Langages, 72: La neurolinguistique du bilinguisme.  
Paris, Larousse, 1983.

GARMADI, J. Introdução à sociolinguística. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1973.

GIGLIOLI, Pier Paolo (org.). Language and social context. Harmondsworth, Penguin, 1972.

GILES, H.(org.). Language, Ethnicity and social context. Londres, Academic Press, 1977.

GUMPERZ, John J.. Discourse strategies. Nova York, Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, John J. & HYMES, Dell H. (orgs.). Directions in sociolinguistics; the ethnography of communication. New York, Rinehart & Winston, 1972.

HAMERS, Josiane F. & BLANC, Michel. Bilinguisme et bilinguisme. Bruxelas, Pierre Mardaga, 1983.

HAUGEN, Einar. The analysis of linguistic borrowing. Language: journal of the Linguistic Society of America, 26 (1950):210-31. New York, Kraus Reprint Corporation, 1964.

HAWKINS, Peter. Diglossia revisited. Language Sciences: an interdisciplinary Forum of the International Christian University Language Sciences Summer Institute, 5(1):1-20. s.l., East-West Sign Language Association, abr. 1983.

HORNBY, Peter A.. Bilingualism; psychological, social and educational implication. New York, Academic Press, 1977.

HYMES, Dell. Language in culture and society; a reader in linguistics and anthropology. New York, Harper & Row, 1964.

KAHMANN, Christa Ingrid. Interferência da língua portuguesa em um dialeto alemão. Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC, 1987.

- KIELHÖFER, Bernd & JONEKEIT, Sylvie. Zweisprachige Kindererziehung. Tübingen, Stauffenburg Verlag, 1983.
- KOCH, Walter. Bilingüismo no Rio Grande do Sul: contribuição ao atlas lingüístico e etnográfico da região sul. In: ANAIS DO IV ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E DE BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL. Porto Alegre, Instituto de Letras da UFRGS, 1986.
- KOCH, Walter. Mapeamento das áreas bilíngües no Rio Grande do Sul. In: ATAS DO I SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL. Salvador, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 1986.
- KÖNIG, Werner et alii. Fragebuch zum Südwestdeutschen Sprachatlas. 2 vol.. Freiburg im Breisgau, Institut für geschichtliche Landeskunde, 1974.
- KÖNIG, Werner. DTV-Atlas zur deutschen Sprache. Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1983.
- KREMnitz, Georg. Du 'bilinguisme' au 'conflit linguistique' cheminement de termes et de concepts. Langages, 61 :63-74. Paris, Larousse, mar. 1981.
- LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADO, Robert. Introdução à lingüística aplicada. Petrópolis, Vozes, 1971.
- LANGACKER, Ronald W.. A linguagem e sua estrutura. Petrópolis, Vozes, 1980.
- LENARD, Andrietta. Lealdade lingüística em Rodeio. Tese de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1976.
- LÖFFLER, Heinrich. Deutsch für Dialektsprecher: ein Sonderfall des Fremdsprachenunterrichts? Deutsche Sprache : Zeitschrift für Theorie, Analyse und Dokumentation, 2:105-22. Berlin, Erich Schmidt Verlag, 1974.
- LÖFFLER, Heinrich. Probleme der Dialektologie. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1980.

- LOPES, Edward. Fundamentos de lingüística contemporânea. São Paulo, Cultrix, 1975.
- LYONS, John. Linguagem e lingüística; uma introdução. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A.. Readings in the sociology of language. The Hague, Mouton, 1968.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste. Bilinguisme, diglossie, hégémonie: problèmes et tâches. Langages, 61:5-11. Paris, Larousse, mar. 1981.
- MARCHANT, M.. Análise comparativa ortográfico-morfológico-sintática de composições de 4.<sup>o</sup> ano primário em uma área de colonização alemã e em uma área luso-brasileira. Veritas, 10(3):1-32. Porto Alegre, PUCRGs, 1965.
- MASUCCI, Oberdan. Dicionário tupi-português e vice-versa. São Paulo, Brasilivros, 1979.
- MORTARA, Giorgio. Línguas estrangeiras aborígenes faladas no lar no Estado de Santa Catarina. Revista Brasileira dos Municípios, 3(11):673-704. Rio de Janeiro, 1950.
- NAUMANN, Bernd. Einführung in die Wortbildungslehre des Deutschen. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1986.
- NIEBAUM, Hermann. Dialektologie. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1983.
- OBERACKER Jr., Carlos Henrique. Neuschöpfungen der deutschen Sprache in Brasilien. Staden-Jahrbuch, 5:175-183. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1957.
- OBLER, Lorraine. La neuropsychologie du bilinguisme. Langages, 72:33-44. Paris, Larousse, dez. 1983.
- OVERBEKE, Maurice van. Introduction au problème du bilinguisme. Bruxelas, Labor, 1972.

- PARADIS, Michel & LEBRUN, Yvan. La neurolinguistique du bilinguisme: représentation et traitement de deux langues dans un même cerveau. Langages, 72:7-13. Paris, Larousse, dez.1983.
- PARKIN, D. Emergent and stabilized multilingualism: poly-ethnic peer group in urban Kenya. In: GILES, Howard. Language, ethnicity and intergroup relations. London, Academic Press, 1977. p. 185-210.
- PEREIRA, Edna. Um estudo sociolingüístico na Colônia Esperança. Tese de mestrado. Florianópolis, UFSC, 1977.
- PIAZZA, Walter Fernando. Atlas histórico do estado de Santa Catarina. Florianópolis, Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, 1970.
- PIAZZA, Walter Fernando. A colonização de Santa Catarina. Porto Alegre, Pallotti, 1982.
- PORZELT, H.. Der deutsche Bauer in Rio Grande do Sul. Ochsenfurt, 1937.
- POTTHAST-HUMBOLD, Elke. Zum Mundartgebrauch in Siedlungen pommerscher Auswanderer des 19. Jahrhunderts in Espírito Santo (Brasilien). Neumünster, Karl Wachholtz Verlag, 1982.
- REIN, Kurt. Einführung in die kontrastive Linguistik. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.
- RELATÓRIO DA COMISSÃO NACIONAL PARA O ESTABELECIMENTO DE DIRETRIZES QUE PROMOVAM O APREFEIÇOAMENTO DO ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA. In: Interação, 3 (21):30-32. São Paulo, Difusão Nacional do Livro, Instituto de Idiomas Yázigi, ago. 1986.
- ROCHE, Jean. La colonisation allemande et le Rio Grande do Sul. Paris, Institute de Hautes Études de l'Amérique Latine, 1959.

- ROSSEEL, Eddy. Respeito à língua, respeito à cultura, respeito a cada povo. In: Interação, 2(13). São Paulo, Difusão Nacional do Livro, Instituto de Idiomas Yázigi, ago. 1985.
- RÖTHIG, Otto & STELLMANN, Martin. Spiegel der Zeiten. vol.4. Die Revolution und das 19. Jahrhundert. Frankfurt a.M., Moritz Diesterweg, 1967.
- SANKOFF, David. Linguistic variation; models and methods. New York, Academic Press, 1978.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo, Cultrix, 1975.
- SCHADEN, Egon. Aculturação lingüística numa comunidade rural. Jornal de Filologia, 1:3-18. São Paulo, Saraiva, 1953.
- SCHADEN, Egon. Der Deutschbrasilianer: ein Problem. Staden-Jahrbuch, 2:181-194. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1954.
- SHUY, Roger W.; WOLFRAM, Walter A. & RILEY, William K.. Field techniques in an urban language study. Washington, Center for Applied Linguistics, 1968.
- SILVA, Edevaldo A.. História da imigração no Brasil; as famílias. 5. ed.. São Paulo, Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1986.
- SILVA, Emílio da. Jaraguá do Sul; um capítulo na povoação do Vale do Itapocu. vol.2. Jaraguá do Sul, s.e., 1975.
- STAUB, Augustinus. O empréstimo lingüístico; um estudo de caso. Porto Alegre, Acadêmica, 1983.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa socio-lingüística. São Paulo, Ática, 1985. (Série Princípios, 9).
- TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics; an introduction. Harmondsworth, Penguin, 1977.

- TRUDGILL, Peter. The contribution of sociolinguistics to dialectology. Language Sciences, ed. especial, 4(2): 238-49. s.l., East-West Sign Language Association, abr. 1983.
- VANDRESEN, Paulino. Fonologia do Vestfaliano de Rio Fortuna. Tese de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1968.
- VANDRESEN, Paulino. Tarefas da sociolingüística no Brasil. Panorama da sociolingüística; Revista da Cultura, 67(8):605-11. Petrópolis, Vozes, 1973.
- WAGEMANN, E.. Die deutschen Kolonisten im brasilianischen Staat Espírito Santo. München, 1915.
- WAHRIG, Gerhard. Deutsches Wörterbuch. Gütersloh, Bertelsmann Lexikon Verlag, 1975.
- WATZLAWICK, Paul. Pragmática da comunicação humana. São Paulo, Cultrix, 1973.
- WEINREICH, Uriel. Languages in contact. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.
- WILLEMS, Emilio. A aculturação dos alemães no Brasil; estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo, Nacional, 1946.
- WOUK, Miguel. Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraina de Dorizon. Curitiba, Projeto, Secretaria da Cultura do Paraná, 1981.
- ZANELLA, Fiorello. A mortalidade lingüística do dialeto italiano no município de Taió. Tese de mestrado. Florianópolis, UFSC, 1985.
- ZIMMERMANN, Ivo. Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa. Tese de mestrado. Florianópolis, UFSC, 1981.